

# Em JP, polícia investiga dois mil casos de crimes virtuais

Com golpes cada vez mais elaborados, autoridades recomendam atenção redobrada na hora de usar a internet. [Página 7](#)



**Pensar** Toda forma de desperdício resulta em retrabalho, gera desequilíbrio ambiental, afeta a economia e a saúde humana.

## Entrevista



Foto: Orílio Antonio

**Direito do índio** Jacyara Tabajara explica: "A terra não é nossa. Nós é que pertencemos a ela". [Página 4](#)

## Almanaque

### O homem que ajudou a fundar o suplemento **Correio das Artes**

Conheça a história do jornalista e escritor Eduardo Martins, membro da Academia Paraibana de Letras. [Páginas 26 e 27](#)

## Brasil

### Governo Bolsonaro gasta 12 vezes menos com a pandemia

Média diária de gastos caiu de R\$ 1,8 bilhão, em 2020, para R\$ 157 milhões no primeiro trimestre deste ano. [Página 14](#)

## Colunas

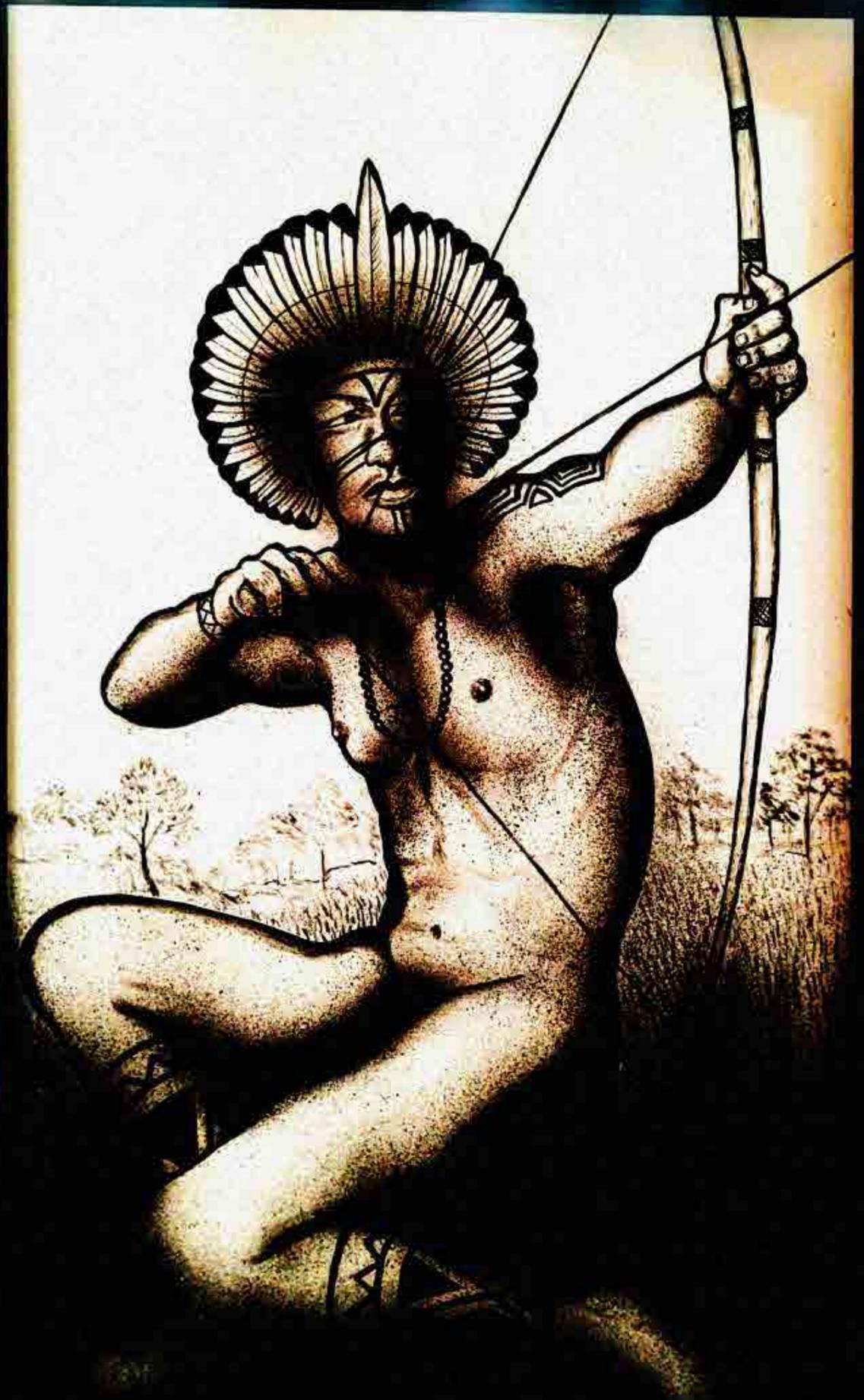
// O atual presidente do Brasil também não parece ser um homem de sorte. E ele passa o azar para os outros. Pobre Brasil. Está em palpos de aranha, às voltas com uma virose mortal, um tal de corona. // [Página 2](#)

**Sitônio Pinto**

// Diria mesmo que ali, de repente, gregos e troianos não se odeiam como no mito, não se digladiam como no mito, não se eliminam como no mito, mas tecem o elevado enredo de uma frutífera história de amor. // [Página 11](#)

**Hildeberto Barbosa Filho**

O ÍNDIO CAÇADOR  
Autor: Séver



A União compartilha do sentimento de reparação histórica aos povos originários e, numa ação afirmativa, faz homenagem aos indígenas com intervenções artísticas nas páginas desta edição!

## Editorial

## Índios

Os países, assim como as pessoas, não podem desassociar-se do passado. As nações não devem (nem conseguem) se manter presas ao pretérito, em uma inútil tentativa de escapar à mudança – talvez, a mais implacável e irrevogável dentre todas as leis da vida. Que ensinamentos o remoto oferece, no sentido de tornar o presente melhor? Eis a questão.

O processo de formação do Brasil transcorreu com o corte dos laços que uniam a nova nação à história anterior a 1500, ou seja, ao passado indígena, que fora construído, na “Terra de Pindorama”, antes da chegada dos europeus, por cerca de 5 milhões de almas – com culturas, crenças, hábitos e idiomas próprios -, que viriam a ser denominadas de “índios”.

Decorridos apenas 100 anos após o “descobrimento”, mais de 4 milhões de índios já haviam sido dizimados, no genocídio que aqui se instaurou em consequência do processo de colonização. A ocupação, contam os novos livros de História do Brasil, foi unilateral e violenta, resultando na dominação da cultura europeia invasora sobre a nativa.

O Brasil viveu seus dias de colônia, de império... até chegar à República atual, com mais de 200 milhões de almas, a maioria vivendo em quase seis mil cidades. De modo geral, do legado indígena, pouco se sabe, ou não se faz questão de lembrar. Prevalece o que denunciam os meios de comunicação, mesmo assim, como algo que acontece longe daqui.

Os bandeirantes, as missões jesuítas, a Rodovia Transamazônica, a Rodovia Perimetral, os fazendeiros, os grileiros, os extrativistas e o agronegócio - “fenômeno” mais atual - deram continuidade ao processo de expulsão e aniquilação das populações indígenas, de olho nas suas terras, ricas de madeiras e de minérios, principalmente.

É para este Brasil que o Brasil deve se voltar. Assim como para o outro Brasil que não se pode negar: o Brasil dos descendentes das tribos africanas escravizadas, e aqui também exploradas e torturadas. O Brasil deve valorizar o que índios e negros legaram ao que hoje se denomina “cultura brasileira”, e endossar a luta contra os preconceitos e a usurpação de seus bens.

## Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

## A mídia alternativa

Na época da ditadura militar, a imprensa alternativa cumpriu papel de fundamental importância no questionamento do regime e na denúncia das violências e arbitrariedades cometidas, expressando opiniões que formavam uma resistência cívica à tirania instalada. Eram publicações de movimentos sociais de oposição, muitas delas produzidas na clandestinidade. Eram espaços que podiam ser utilizados por jornalistas que se sentiam impedidos de exercer atividade crítica ao governo na chamada grande imprensa. Artistas, intelectuais e lideranças estudantis, igualmente se valeram desse novo campo jornalístico para suas manifestações de ativismo político contrário ao regime.

Alguns, no entanto, podiam ser adquiridos nas bancas de jornais, a exemplo do Pasquim. No seu conteúdo havia a necessidade de perceber as mensagens subliminares contidas e saber interpretar comunicações nas entrelinhas, buscando fugir da censura oficial. Ficou famoso pela linha editorial irreverente, anárquica e escrachada. Outro que se notabilizou na luta pela redemocratização no Brasil, foi o Opinião, alcançando tiragens próximas da revista Veja. Sofreram todo o tipo de repressão e enfrentaram grandes dificuldades financeiras. Mas eram leitura obrigatória para os que queriam obter informações e análises da realidade brasileira da época.

Representavam, então, as vozes discordantes da política oficial vigente. Porém, tratavam também de temáticas como cultura e comportamentos públicos específicos (mulheres, negros, homossexuais, etc.). Tudo o que fosse assunto proibido pela ditadura. O objetivo

era chamar o leitor à reflexão mais profunda sobre os problemas cotidianos do país e do mundo. Durante as duas décadas do regime militar tivemos em torno de cento e cinquenta periódicos que traziam a marca da oposição intransigente ao governo.

O jornalismo alternativo não morreu. Na atualidade, ele se expande na internet, com plataformas interativas. São os veículos de comunicação que ficam fora do poder hegemônico da grande mídia. Abraçam causas que contrariam os interesses políticos e ideológicos da indústria cultural. Diferenciam-se do padrão historicamente estabelecido, propondo novas formas de narrativas e recursos de linguagem na produção das notícias. Na mídia alternativa predomina o voluntarismo profissional, exatamente por se posicionarem contra os que são pagos para defender ideias dos outros. Entendendo que a notícia não

é mercadoria. Prevalece o protagonismo do exercício pensante, com função de promover reflexões de repercussão sócio-política. Tentam se colocar como instrumentos de mobilização cultural, lançando ideias para o debate público.

A imprensa alternativa se contrapõe aos meios tradicionais de comunicação, fugindo das pautas impostas pelos grandes monopólios midiáticos. A ideia não é exclusivamente a de produzir notícias, mas de funcionarem como agentes de mudanças. É um trabalho que se pretende ser revolucionário, a partir da divulgação de informações independentes das influências das elites empresariais e dos governos. Em um cenário de ataque à liberdade de expressão, é importante garantir espaços para a comunicação alternativa.

/// Tentam se colocar como instrumentos de mobilização cultural, lançando ideias para o debate público. ///

## Artigo

Sitônio Pinto

sitonipinto@gmail.com | Colaborador

## O tempo

A previsão do tempo continua nota 10: a locutora disse que ia chover e choveu mesmo. Não há o que reclamar. Também a meteorologia está cercada por uma parafernália de equipamentos os mais modernos: alguns instalados na lua, ou melhor, desinstalados de qualquer base fixa, soltos no espaço, leves e livres. A meteorologia disse.

Edmar Aragão da Toca do Coelho dispensou-me de pagar-lhe a aposta perdida. Os americanos chegaram mesmo na frente e ganharam a corrida espacial, e eu guardei minha licença de motorista, que deveria ter rãs gado e engolido, para outra vez. Sou ruim de apostas. Faz tempo, perdi uma aposta para o psiquiatra Marcos Wanderley, na campanha de 1958; Z.A perdeu, eu também.

Uma noite, entrei numa mesa de pife e perdi até o dia amanhecer. Para nunca mais.

Z.A era famoso por sua relação com a sorte. Dava azar, segundo os mais antigos. Assim: o avião caiu dentro d'água, e somente ele escapou, sem saber nadar. Vamos mudar de assunto. O atual presidente do Brasil também parece não ser um homem de muita sorte. E ele passa o azar para os outros. Pobre do Brasil. Está em palpos de aranha, às voltas com uma virose mortal, um tal de corona. Nem a garrafada que o presidente comprou deu co-

bro a esse quebranto. Será olhado?

Dizem os jogadores veteranos que o mais difícil no baralho é o jogador reconhecer que está na hora de sair. Não adianta correr atrás do prejuízo. O baralho, quando não quer, é que nem mulher.

Diga ao presidente que o melhor que ele faz é se levantar da cadeira azarada, ou azarenta, e pegar descendo, saia do Planalto. Pra descer todo santo ajuda.

Depois dessa gripezinha que assusta o Brasil, quando tudo passar, o

/// Nosso povo terá orgulho de si mesmo, nosso País será finalmente uma Nação. O Brasil terá sobrevivido a duas calamidades cósmicas: a corona e Bolsonaro ///

País de Macunaíma vai dar a volta por cima e marcar um novo passo no samba. Todas as escolas pisarão diferente, cada tamborim será um treme-terra. Nosso povo terá orgulho de si mesmo, nosso País será finalmente uma Nação. O Brasil terá sobrevivido a duas calamidades cósmicas: a corona e Bolsonaro.

Mas, ai de quem pisar na sua sombra, no ou seu rastro. Aí o vizinho disse para o outro: estou “sem sorte. Parece que pisei em rastro de corno”. Disse o outro: “Tu também não sai de casa!”

E o da frente: “Estás parecendo um touro”. “Estou mais forte, né?” “São os chifres...”

Ah, você só quer ler assunto sério?

Pegue a página do obituário.

Domingos Sávio

savio\_fel@hotmail.com

## Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TV



**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

# História da educação da PB passa pela Casa do Estudante

Prédio histórico já foi morada de personalidades paraibanas que fazem do lugar, um novo lar distante da família

**Lucilene Meireles**  
lucilene@epc.pb.gov.br

A Casa do Estudante da Paraíba é um espaço que traz consigo a história não só da educação, mas de lideranças políticas paraibanas, tendo passado por lá diversas personalidades, como juízes, desembargadores, poetas, artistas, incluindo o cantor, compositor e ex-secretário de Estado da Cultura, Chico César, e políticos, como o ex-governador Wilson Braga, falecido em maio de 2020. O local também é celeiro de talentos anônimos, que alcançaram boas notas em avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e estão a caminho da realização de seus sonhos profissionais.

Para quem está chegando agora, a novidade é a recente

instalação da fibra ótica, assegurando mais velocidade e qualidade no sinal de internet. O governador João Azevêdo acredita que tudo começa pela Educação e, por isso, foi feito o investimento na Casa. Durante a pandemia, quando as aulas passaram a acontecer remotamente, os estudantes passaram sufoco porque a internet não era suficiente para atender a todos.

“Essa era uma demanda histórica. Para se ter ideia da dificuldade, a internet anterior era de 4 megas para dividir entre o setor administrativo e os estudantes. A fibra ótica foi instalada há uma semana e já é um marco para os residentes”, disse o coordenador Davi Costa.

A Casa do Estudante é exclusivamente masculina, mas o cuidado com as dependências comuns é visível. O trabalho é

realizado por três funcionários do setor de serviços gerais, responsáveis pela manutenção. A equipe é coordenada por Carlos Sérgio dos Santos Pessoa, funcionário há 11 anos.

O coordenador afirmou que, para quem foi residente, ficam as boas lembranças. “Um dia, apareceu um médico aqui que mora atualmente em Brasília. Veio com a esposa. Chegou na escadaria contando que tinha sido residente. Pediu para entrar e nós liberamos. Na subida da escadaria, ele começou a tremer, chorar, se emocionou, lembrando da época em que foi residente, quando não havia uma boa estrutura. Os estudantes se juntavam para fazer cotas e se alimentarem. Havia pés de banana e eles aproveitavam. Foi bom ouvir a história dele”, relatou.



Foto: Evandro Pereira

Pelos corredores da casa criada em 1937 já passaram o ex-governador Wilson Braga e o músico Chico César

+

## Relatos de uma jovem senhora com 84 anos

Foto: Evandro Pereira



Coordenador Davi Costa conta experiências da casa

Assim como no passado, pela Casa do Estudante sempre passam estudantes que se destacam. “Já tivemos um aluno aqui que brincava de passar em concurso. São meninos que são realmente focados. Temos muito bons frutos”, disse o coordenador Davi Costa. Um deles é Rafael Barbosa De Oliveira Júnior, que tem 18 anos e é natural do município de Igaracy, no Sertão paraibano. Residente há quatro anos, ele foi destaque no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), alcançando a nota 720,76.

“Ninguém na minha cidade conseguiu essa pontuação antes, mas esse ano as notas aumentaram mais que o normal, e a UFPB ficou um pouco difícil agora.

Espero que em outros processos seletivos consiga a aprovação. Pelo critério do ano passado, eu passaria nas federais também. O Sisu encerrou com notas altíssimas, acima de 740”, observou. Agora, a intenção do estudante é esperar o Prouni e Fies no meio do ano, mas sem saber como serão as notas. “Esse é meu segundo ano tentando, mas sei que na hora certa a aprovação vem. O que importa é a evolução”, declarou.

Rafael foi morar na Casa do Estudante quando tinha apenas 14 anos e é residente há quatro. “Desde o início, a Casa é muito importante na minha vida estudantil, pois me proporciona um lar gratuito, com toda assistência, comida, computadores, internet e uma biblioteca que oferece todas as condições necessárias para estudar”, contou. O residente afirma que é grato

a toda equipe, desde o diretor Davi Costa, aos demais profissionais que prestam serviços como seguranças, cozinheiras, auxiliares, assistente social. “Eles sempre desempenharam seus serviços com muita dedicação e carinho, me ajudando ainda mais a ter boas condições para o estudo”, elogiou.

### História

A Fundação Casa do Estudante da Paraíba (Funecap) – hoje apenas Casa do Estudante – foi criada e entregue à comunidade estudantil do interior paraibano no governo estadual de Argemiro de Figueiredo, em 1937. Na época, existiam poucas escolas no interior do estado e os estudantes migravam para a capital, a maioria para estudar no Liceu Paraibano, seguindo o mesmo caminho percorrido pelos pais. Hoje, conforme o

coordenador Davi Costa, são poucos secundaristas. A maioria dos residentes é formada por estudantes universitários.

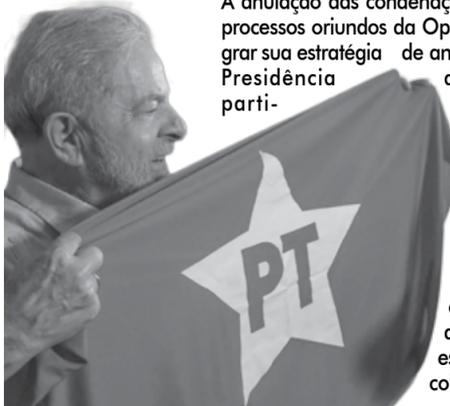
Com capacidade para abrigar 96 alunos, raramente a Casa está lotada, chegando a 70, 75 residentes. Atualmente, em razão da pandemia, há menos de 50. Alguns fazem o ensino a distância e foram para suas casas, no interior do estado. Outros fazem EAD, mas têm uma aula presencial e resolveram ficar, porém, sempre chegam novos alunos.

Todo início de ano é lançado um edital no qual os residentes se cadastram. Para ter acesso, o interessado deve ser de baixa renda, ou seja, não ter uma renda familiar superior a 1,5 salário mínimo e ser estudante da rede pública ou auxiliado por alguma ação governamental como Prouni e Fies.

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

Foto: pt.org.br



A anulação das condenações do ex-presidente Lula, agora pela maioria dos ministros do STF, no âmbito dos processos oriundos da Operação Lava Jato, é a senha que faltava para que o PT começasse, de fato, a deflagrar sua estratégia de angariar apoios políticos fora do espectro de esquerda à candidatura do líder petista à Presidência parti-

da República. Como registrou a coluna, dias atrás, em entrevista com o presidente do do na Paraíba, Jackson Macedo, “O PT não pode ficar apenas dentro de sua casinha. Precisa dialogar com os partidos [fora do campo das esquerdas] que defendem a democracia para derrotar o fascismo representado por Bolsonaro”. E é justamente isso que está em curso, em todos os estados. Lula e lideranças estaduais iniciaram uma série de conversas com agentes políticos de partidos como MDB, PSD e até PSDB. Essa estratégia de fazer composição nos estados com legendas de centro, como condição necessária para derrotar Bolsonaro, foi mencionada pelo próprio Lula em uma reunião remota com parlamentares do partido, no mês passado, da qual participou o deputado Frei Anastácio. O ex-presidente avalia que, mesmo sem o apoio formal dos partidos aqui referidos, a adesão de alguns de seus líderes à sua candidatura seria estratégica para o êxito da campanha. Essa avaliação converge como que declarou à coluna Jackson Macedo: “Apenas com a esquerda, o PT não ganha essa eleição”.

### PELA GOVERNABILIDADE

A prioridade do PT será apostar na eleição de deputados federais para reforçar a bancada no Congresso, de modo a dar governabilidade a um eventual governo de Lula. Estariam de fora dessa estratégia os estados que o partido já governa: Bahia, Rio Grande do Norte e Piauí. E São Paulo, onde, tradicionalmente, o PT lança candidato a governador.

### DESTINO ATRATIVO

Ministro do Turismo, Gilson Machado expressou notícia alvissareira para o trade turístico paraibano: a pasta identificou que João Pessoa está entre os 25 destinos mais procurados em sites de pesquisa. Ele esteve na capital em companhia do Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, e reforçou a importância de protocolos e vacinação: “Não existe turismo sem saúde”.

### A CONTRAPARTIDA É ÓBVIA

Nessa leitura do atual cenário político do país, como avaliou Jackson Macedo, o PT abrirá mão de candidaturas majoritárias nos estados – na condição de cabeça de chapa – para apoiar candidatos de legendas de centro. A contrapartida é óbvia: o apoio desses partidos a intenção de Lula de retornar ao Planalto.

### “NÃO TEM PEGADA”

Provocado a falar sobre eventual pré-candidatura de Romero Rodrigues (PSD) a governador, Julian Lemos disse que falta identidade própria ao ex-prefeito de Campina Grande: “Romero se diminui quando se coloca como candidato de Bolsonaro. Não me sinto atraído por quem não tem identidade, não tem pegada”.

### “BOLSONARO SE APEQUENA”

“Bolsonaro se apequena quando pede a minha expulsão [do PFL]. Nem pensei que eu tivesse tanta importância para ele, porque faz muito tempo que eu nem penso em Bolsonaro”. Do deputado federal Julian Lemos (PSL), após afirmar que essa situação é vergonhosa: “Dormiu na minha casa, paguei até custas processuais dele”.

### SECRETÁRIO PROJETA QUEDA DE ÓBITOS POR COVID-19

Secretário de Saúde da Paraíba, Geraldo Medeiros projeta que ocorrerá redução significativa no número de óbitos e internações por covid-19 no estado, nos próximos 10 dias, reflexo da antecipação dos feriados adotada pelo Governo do Estado. O secretário confirmou que não há escassez do chamado ‘kit intubação’ na Paraíba.

Jacyara Tabajara,  
Índigena, antropóloga

# “Não é que a terra seja nossa; é a gente que pertence a ela”

Índigena lembra que povos originários ainda precisam lutar por direitos básicos, inclusive pela manutenção de sua cultura. Ela também fala sobre pandemia e vacina

Ana Flávia Nóbrega  
anafflavia@epc.pb.gov.br

Sobreviventes do genocídio derivado do processo de colonização vindo no barco dos europeus, os povos indígenas do Brasil continuam, até os dias atuais, brigando por condições mínimas para viver no solo que lhes é negado, mas que fazem parte seja na memória e história de seus antepassados ou na luta cotidiana

contemporânea. Com o passar dos anos, as dificuldades para resistir têm sido cada vez mais intensificadas. Na luta para proteger a natureza e seus corpos, os povos indígenas travam batalhas com governos e grandes representantes de interesses diversos no contexto econômico e político no país, que resulta, mais uma vez, no derramamento de seu sangue pela terra em que são povos originários.

Na Paraíba, a luta por direitos básicos também é presente na realidade dos dois povos reconhecidos no estado. E ainda para dar continuidade nas tradições específicas de cada povo diante do contexto pandêmico. Para compreender melhor sobre a situação dos povos indígenas na Paraíba, o Jornal A União ouviu a antropóloga Jacyara Tabajara, da tribo tabajara e da Articulação das Mulheres Indígenas da Paraíba (AMIPB).

Nesta pandemia, segundo Jacyara, a população indígena tem se utilizado do celular e da internet para se comunicar com o universo não indígena e somar forças com outras pessoas e que têm uma visão crítica sobre essa pauta



Foto: Orílio Antonio

## A entrevista

### Qual é a atual situação dos povos indígenas na Paraíba?

Na Paraíba, atualmente, nós temos dois povos reconhecidos: os tabajaras e os potiguaras. Os potiguaras estão estabelecidos no Litoral Norte e nós, tabajaras, no Litoral Sul do estado. A gente tem uma população de mais de 20 mil indígenas na Paraíba, mas por sermos indígenas do Nordeste, o contexto de colonização e contato com os não indígenas se dá há vários séculos, desde a invasão do Brasil. Dessa forma nós indígenas somos integrantes da sociedade. O Brasil tem mais de 300 povos indígenas, falamos mais de 250 línguas, ou seja, temos uma diversidade muito grande. Aqui na Paraíba o povo potiguar tem mais de 30 aldeias. Eu e minha comunidade do povo tabajara temos três aldeias aqui no Litoral Sul, no município do Conde: aldeia Barra de Gramame, aldeia Nova Conquista e aldeia Vitória Mata da Chica. E nós ainda estamos nesse processo da luta pela terra há mais de 14 anos, com processo na Justiça.

### Fale sobre a luta dos índios pela terra.

Temos uma demanda muito grande quanto à questão da terra porque está muito atrelada a todos os outros direitos que a Constituição preconiza e eles condicionam que o indígena esteja em terra demarcada. Como a gente teve a luta com a questão da pandemia, pelas vacinas, que só era para, a priori, os indígenas que estavam em aldeias e aldeias demarcadas. Ora, mas essa é a grande luta dos povos indígenas hoje. Conseguimos fazer com que isso fosse derubado e a vacina fosse para todos os indígenas. A maioria dos indígenas da minha co-

munidade [Nova Conquista] vive em contextos urbanos porque não conseguimos demarcação de território ainda. Os potiguaras já tiveram parte do território demarcado, embora tenhamos as aldeias, a gente vive inserido na sociedade. Somos indígenas e podemos ser qualquer outra coisa, ter qualquer outra profissão. Temos indígenas médicos, antropólogos, como eu, professores, diversas formações que nos coloca em contato com a sociedade, mas não tira de nós a nossa diferença. O que nos diferencia do não indígena é essa questão histórica, nossa memória, ancestralidade, nosso modo de viver, nossa luta por justiça social, pelo resgate do nosso território, fortalecimento da nossa tradição. E para que a gente sempre lembre do que é formado o nosso país e a diversidade, que somos o maior patrimônio do Brasil.

### Qual é essa relação de luta pelo território em que vocês vivem? Se assemelha com a luta pela reforma agrária?

Diferente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o que nos diferencia é que nós lutamos pelo direito à terra do nosso território. Para o MST, qualquer território que esteja devoluto servirá, para nós não. A gente não briga por qualquer espaço de chão. A gente briga por aquele que pode até ser infértil, menos bonito, mas a gente briga pelo lugar ao qual pertencemos, que temos vínculo de memória que a gente sabe que ali viveu, morreu e estão enterrados os nossos antepassados, é ali a nossa história e nossa raiz. Então nossa questão é pelo território ao qual pertencemos. Não é que aquela terra é nossa, é a gente que pertence aquele lu-

gar e que tem que estar vivendo nela fazendo reverberar as nossas histórias porque isso faz parte de quem nós somos.

### Há, ainda hoje, muitos questionamentos sobre quais são os motivos dos povos indígenas terem entrado na lista de prioridades do Ministério da Saúde para a vacinação. A que se deve essa visão excludente e preconceituosa?

Eu acho que vai ser pela mesma questão que nos negam tantos outros direitos. Acreditam que a gente brigue por querermos acessar os direitos, mas esquecem do princípio da equidade, que é tratar os diferentes de formas diferentes. Nós somos uma população que vive um genocídio há muitos anos. Então, minimamente, é uma obrigação do estado ter esse olhar para com a população mais vulnerável. E a gente não fala da vulnerabilidade social apenas, mas histórica, cultural e de apagamento, silenciamento da população. Acredito que essa ideia de negação do direito venha dessa nossa luta secular contra o preconceito, o racismo e contra a ideia de respeitar as nossas diferenças. E aceitar que somos povos originários, nós somos anteriores até às próprias leis, então isso indica que temos direitos originários e acaba não sendo de interesse de alguma parte do poder porque a gente vai de encontro a outros interesses, principalmente quando envolve terra, recursos naturais e quando envolve tantas coisas que nós, enquanto povos indígenas, somos envolvidos como guardiões da floresta, da natureza que acessa os direitos e briga para que o governo cumpra o seu papel. É uma tentativa de continuar esse genocídio da população indígena. Inclusive

“Nós somos uma população que vive um genocídio há muitos anos. Então, minimamente, é uma obrigação do Estado ter esse olhar para com a população mais vulnerável. E a gente não fala da vulnerabilidade social apenas, mas histórica, cultural e de apagamento, silenciamento da população”

nós, indígenas em contexto urbano, continuamos sem receber as vacinas. Existiu a medida, mas não existiu um plano, prática ou conversa para que essa população tenha acesso e para que essa mudança possa de fato fazer mudança nas nossas vidas. Nós temos demandas na Sesaí, o Ministério Público também foi acionado, desde o ano passado, já prevenindo que isso poderia acontecer, para que esses indígenas possam ser assistidos pelo menos com a primeira dose. Eu acredito que o problema seja de planejamento e olhar para que sejamos assistidos porque temos uma grande população que está fora do contexto de aldeamento e o próprio sistema de assistência não se adaptou para fazer o atendimento.

### Como vocês têm lidado com a questão da pandemia desde o início, em março do ano passado?

A nossa realidade aqui no Litoral Sul, nós tínhamos a subsistência fundamen-

tada na agricultura, pesca e turismo, com comércio na beira da praia e a gente precisou fechar as portas para se proteger. Então surgiram várias necessidades, a principal delas é que nos agravamos na questão econômica e social. Tivemos assistência de alguns órgãos e secretarias estaduais que chegaram para nos ajudar, mas temos um panorama sem expectativa de quando tudo isso vai passar. O novo normal que a gente não queria que fosse normal está se estabelecendo e a gente não quer que isso seja naturalizado. Precisamos voltar às nossas atividades, precisamos voltar a aglomerar porque os nossos rituais e danças, em que precisamos estar juntos, são comprometidas. Os núcleos familiares estão se reduzindo cada vez mais. A gente vai tentando se adaptar a essa realidade que sabemos que não é só nossa, diante desse contexto pandêmico. Mas a gente gostaria muito que todas as pessoas colaborassem para conseguirmos superar tudo isso juntos.

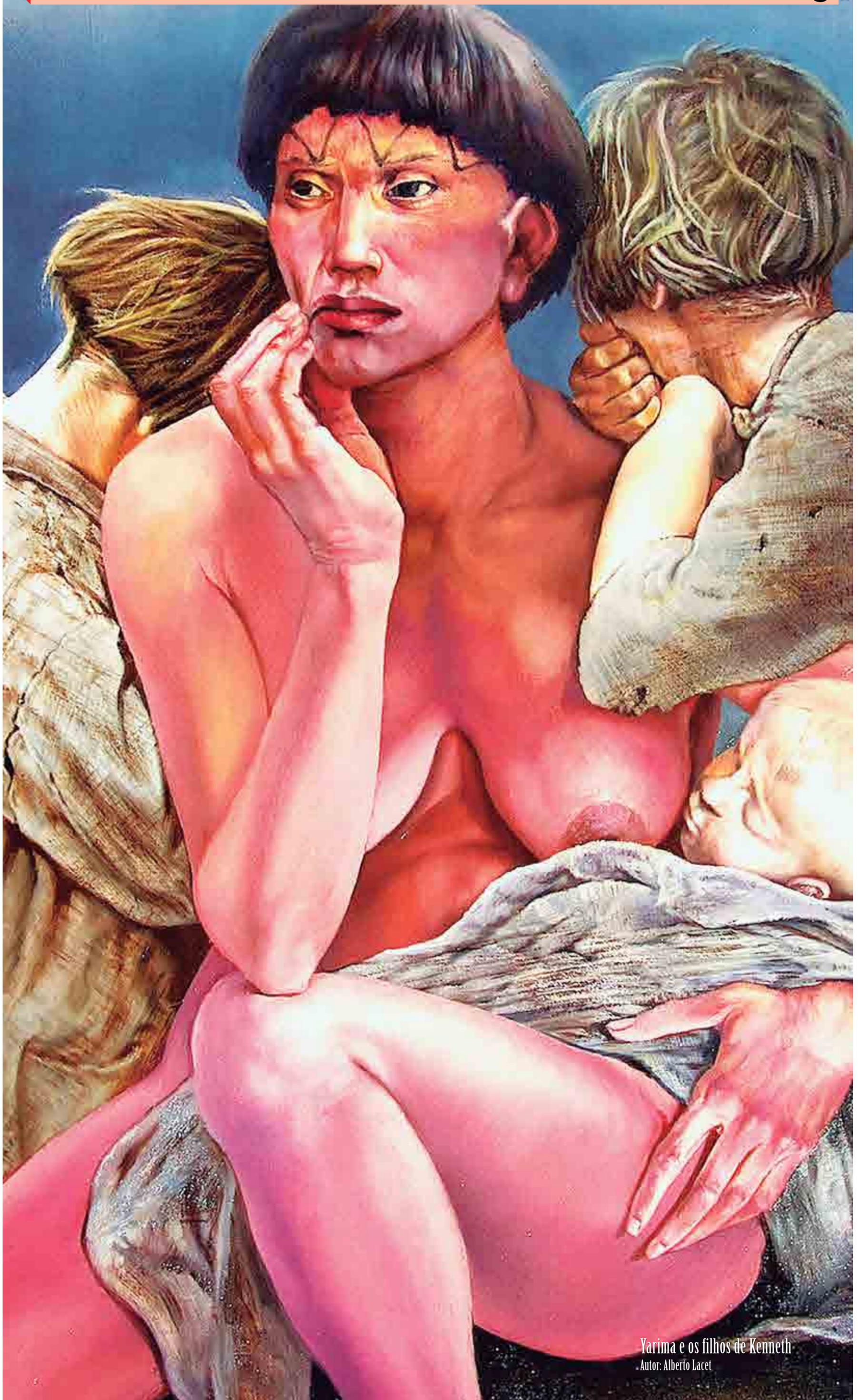
### O que tem sido feito para resgatar as tradições diante desse contexto da pandemia e do afastamento social?

A gente tem se utilizado das únicas ferramentas disponíveis no momento, que são a internet, tecnologia e celular, principalmente para se comunicar com o universo não indígena para somarmos forças que são necessárias com coletivos, organizações e com pessoas que se solidarizam com a pauta e tem uma visão crítica da pauta e que tem esse entendimento do princípio de equidade de que nós não queremos nada diferente do outro, queremos o que é nosso por direito que

foram fruto de lutas árduas. Os povos indígenas ainda têm um chão muito grande para percorrer e muitas batalhas travadas. Mas estamos aí para isso. Estamos fazendo live para nos comunicarmos com a memória, a narrativa e a oralidade e o contato com as famílias. Aproveitamos esses momentos que estamos juntos para passar conhecimento, saberes, mergulhar mais profundo nas nossas raízes, nos fortalecer, criar estratégias de sobrevivência porque foi dessa forma que conseguimos chegar até aqui.

### Como você enxerga os atuais pontos de conflito entre o governo Bolsonaro e os povos indígenas no Brasil?

Desde a campanha presidencial até hoje, ele não me surpreende porque o discurso misógeno, preconceituoso, genocida mesmo, está sendo agravado com as práticas. Se tínhamos esperança que fosse melhorar diante de uma postura mais diplomática, infelizmente não melhorou. A gente sabe e tem consciência de que está enfrentando um dos piores gestores do Brasil porque estamos em uma situação atípica no mundo e de extrema vulnerabilidade e estamos como se estivéssemos sem presidente porque as ações são desconectadas e nenhuma se efetiva para a melhoria da qualidade de vida e melhoria no enfrentamento à pandemia que acaba nos afetando diretamente. Inclusive com um discurso que tenta negar a realidade como se subestimasse a nossa capacidade de entender o que estamos vivendo. Mas ainda temos voz e estamos aqui com os nossos corpos, lutando e resistindo para tirar esse presidente de onde ele está.



Yarima e os filhos de Kenneth  
Autor: Alberto Lacet

# História, vida e lutas dos índios que habitam a PB



Povos indígenas reafirmam que querem ser vistos com respeito e igualdade, sem a destruição da sua cultura

José Alves

zavieira2@gmail.com

Os primeiros povos a habitarem esta terra que recebeu o nome de Brasil foram eles, os índios. Amanhã, 19 de abril, data alusiva, criada em 1943 pelo presidente Getúlio Vargas, se comemora os 521 anos de resistência e de luta para manter viva a identidade indígena. Segundo um dos líderes dos potiguaras na Paraíba, José Ciriaco, mais conhecido como Capitão Potiguara, “os povos indígenas não têm muito o que comemorar nesta data, porque o atual presidente da República, Jair Bolsonaro, praticamente acabou com as políticas públicas voltadas para nosso povo. O que os índios querem mesmo é igualdade com a sociedade sem perder a cultura”, desabafou.

Ciriaco lembrou que na Paraíba, “o primeiro contato dos índios com o homem branco foi com o português Américo Vespúcio, na Baía da Traição. A colonização começou por aqui e alguns historiadores esqueceram isso aí. Os potiguaras são um povo guerreiro que nunca largou seu local de origem”, contou ele, lembrando que no Brasil existem 374 povos que falam 280 línguas.

Somos o único povo indígena que nunca ‘arredou o pé’ de Baía da Traição. “Outros povos já abandonaram suas origens, nós nunca. São 521 anos de história mantendo nossa identidade no mesmo espaço”.

No que diz respeito à educação, José Ciriaco comentou que os indígenas potiguaras estudam em escolas municipais e em escolas indígenas estaduais. Pelo estado são 10 unidades. Elas oferecem o ensino na língua Tupi e 80% dos alunos matriculados são índios. Na grade curricular há a formação sobre a história, arte e cultura do povo indígena.

Ele enfatizou que na Paraíba os índios têm 55 hectares de terras, mas até hoje, só foram demarcados 35. “Temos uma terra em vias de demarcação em Monte Mor no município de Rio Tinto, com quase 8,5 hectares e outra em Mataraca com 14 hectares. E para que essas demarcações sejam feitas precisamos de políticas públicas voltadas para os povos indígenas, o que nunca mais foi feito pelo Governo Federal na Paraíba”, concluiu.

Ainda segundo o cacique José Ciriaco, o que os povos indígenas querem mesmo é igualdade com a sociedade, sem perder a cultura. “Queremos ter espaço na sociedade. Os mesmos direitos que o homem branco tem, o índio também quer. Queremos cotas para índios na universidade e em concursos públicos. Queremos mostrar para a sociedade que somos capazes de enfrentar tudo de igual para igual”, pontuou.

Ele disse também que para os índios viverem com dignidade são necessárias políticas públicas nas áreas de saúde e educação e sustentabilidade. “A Funai na Paraíba também vem ajudando os povos indígenas com a distribuição

de cestas básicas, mas precisa lutar mais por demarcação de terras e políticas públicas”.

O cacique disse que os povos indígenas precisam de demarcação de terras, mas o Governo Federal nunca mais fez uma no estado da Paraíba. “Mas apesar de tudo, somos muito respeitados pelo Governo do Estado que nos dá atendimento primoroso, com a distribuição de cestas básicas, sementes para plantar e peixes para que possamos criar e nos alimentar”, enfatizou.

## Ritual do toré

O ritual do toré, é uma dança tradicional e sagrada praticada pelos índios em diversas datas do ano, principalmente no mês de abril. É considerado o símbolo maior de resistência e união entre os índios potiguara. Eles dançam o toré para celebrar atos, fatos e feitos relativos à vida e aos costumes. Principalmente para lembrar os mais de 25 mil indígenas que permanecem no Estado. De acordo com o cacique José Ciriaco, durante o ritual do toré, os índios se pintam de preto e vermelho com jenipapo e urucum.

## Povos indígenas

Na Paraíba, atualmente, existem quatro povos indígenas: os potiguara, os tabajara, os cariris e os tarairiús. Juntando todos, a população indígena no estado é estimada em 25 mil habitantes, segundo o antropólogo e professor da Universidade Federal da Paraíba, Estevão Palitot. “Os nativos são povos que atuam em diversas frentes, e além dos que ainda sobrevivem da agricultura e da pesca, temos diversos índios que são vereadores, comerciantes e professores, inclusive com doutorado”, informou.

O antropólogo, contou que no século XVIII, existia uma diversidade muito grande de povos indígenas no Litoral da Paraíba e que muitos deles chegaram aqui de outras regiões do país e outros do Sertão paraibano. De acordo com o histor-

riadores, antes da colonização portuguesa, a Paraíba já era habitada exclusivamente por tribos indígenas. Mas atualmente, todos que vivem na Paraíba, estão sobre o rótulo de tabajaras e potiguaras, porque se juntaram no território dessas tribos.

Já no século XX, essa diversidade, a exemplo dos caboclos, deixou de ser registrada porque os índios passaram a assumir suas próprias identidades. “Não é que eles tenham desaparecido, é que todos eles caíram nas categorias genéricas dos potiguara, tabajaras e cariris”, explicou o antropólogo.

Os potiguara são habitantes do Litoral Norte e os tabajara, o Litoral Sul. Já os Cariris e os Tarairiús viviam e ainda vivem espalhados pelo interior do estado, sendo os cariris na Serra da Borborema, e os tarairiús oriundos da região do município de Patos.

O professor fez questão de dizer que hoje, os índios são povos contemporâneos da Paraíba atual, e não do passado. Eles vivem tanto nas áreas rurais como nas áreas urbanas. E muitas vezes transitando entre elas. Ele destacou que na Paraíba existem cidades totalmente indígenas, e como exemplo citou Marcação e Baía da Traição, municípios onde mais de 80% da população é formada exclusivamente por índios. Atualmente, também temos povos espalhados na Grande João Pessoa vivendo com suas famílias e trabalhando em diversos setores da sociedade.



## Cidadãos contemporâneos

Estevão Palitot, esclareceu que a ideia que a gente ainda tem sobre os índios é uma fantasia. “Essa ideia que nós temos dos índios na floresta, vivendo seminus e pintados, é uma fantasia que foi criada pelos livros didáticos justamente para impossibilitar que eles pudessem existir em nosso cotidiano. A realidade é totalmente diferente”, frisou.

“Atualmente”, continuou o professor, “eles estão em todos os setores da sociedade, fazendo universidade e alguns já são professores. Na Baía da Traição, por exemplo, a maioria dos vereadores da Câmara é formada por índios. “É claro que por outro lado, ainda existe uma boa parcela que sobrevive do trabalho artesanal, catando caranguejo ou plantando e pescando para sobreviver. Mas em sua maioria eles são pessoas contemporâneas que atuam em diversas frentes de trabalho”, finalizou.

## Segurança alimentar

Desde o início da pandemia, em 2020, o Governo do Estado vem garantindo aos povos indígenas, quilombolas e outros povos em situação de vulnerabilidade, a segurança alimentar com a distribuição de cestas básicas e kits de higiene. Para os povos indígenas e para as comunidades mais vulneráveis, foram destinados R\$ 4,3 milhões em ajuda no ano passado.

Mais de 52 mil cestas básicas, já foram distribuídas com as famílias cadastradas no Programa Cartão Alimentação. Os povos indígenas de Baía da Traição, Rio Tinto, Marcação e do Conde, continuam sendo contemplados e acompanhados pelo Governo do Estado.

De acordo com o coordenador da Funai em João Pessoa, Petrônio Machado Cavalcanti Filho, o órgão, que atende 3,6 mil famílias indígenas no estado, já distribuiu mais de 13,5 mil cestas de alimentos nas terras indígenas potiguara, Jacaré de São Domingos, Potiguara de Monte Mor e das aldeias Barra de Gramame e Vitória dos Tabajara. Com relação à prevenção do contágio da covid-19, a Funai realiza visitas às aldeias para dar suporte e conscientização sobre o distanciamento social nas aldeias.

José Ciriaco, mais conhecido como Capitão Ciriaco, é um dos líderes do povo potiguara. Ele lembra que populações indígenas têm muitas lutas, como a demarcação de terras





# Como é possível se defender da ação de cibercriminosos

Delegação de Defraudações da Polícia Civil da Paraíba investiga mais de duas mil denúncias de crimes praticados pela internet

**José Alves**

zavieira2@gmail.com

Uma boa parcela da população já resolve praticamente tudo pela internet sem precisar sair de casa, principalmente, neste período de isolamento social necessário devido à pandemia da covid-19. Simplesmente com o celular nas mãos você acessa serviços bancários, faz pagamentos, transferências e verifica seu extrato. Com essa ferramenta é possível também fazer novos amigos, compras em supermercados, em lojas de comércio

eletrônico e ainda pesquisar preços. Ficou tudo muito fácil e prático, mas essa tecnologia também tem provocado muita dor de cabeça, uma vez que está repleta de perigos que podem colocar a sua privacidade em risco.

Segundo a delegada adjunta da Defraudações da Polícia Civil da Paraíba, Josenise Andrade, só em João Pessoa, existem mais de dois mil inquéritos relacionados a crimes praticados pela internet em investigação, sendo cada um com prejuízos superiores a 20 salários mínimos.

Josenise Andrade disse que, mui-

tas vezes, as pessoas são enganadas e têm seus celulares raqueados porque abrem e-mails desconhecidos, ou visualizam promoções que chegam com códigos para baixar no telefone celular. Códigos que, na verdade, raqueiam os aparelhos telefônicos. Todos esses e-mails de spam e links estão entre os mais comuns enviados por cibercriminosos e são capazes de roubar dados do usuário.

Existem sites confiáveis para venda e troca de mercadoria. Porém, são muito utilizados por cibercriminosos para aplicação de golpes. Os crimes

acontecem, por exemplo, da seguinte forma: uma pessoa coloca um veículo (ou outro produto) à venda. E, imediatamente, entra um golpista no site, pega o anúncio do carro colocado à venda e oferece ele por um preço bem abaixo do mercado. Logo, surge um interessado, que sem saber do golpe, transfere o dinheiro para a conta do golpista e acaba ficando sem o carro e sem o dinheiro. “O problema é que o brasileiro tem a mania de querer levar vantagem em tudo, e muitas vezes acaba prejudicado”, frisa a delegada.

Outro tipo de golpe que vem sen-

do bastante usado pela internet, é o que a pessoa recebe uma falsa mensagem informando que foi sorteada e ganhou um fim de semana em um hotel de luxo. Os golpistas, inclusive, mandam o endereço de uma página do hotel na internet. Quando a pessoa acessa para participar da promoção, os golpistas dizem que está chegando um código no celular da vítima. Mas quando o código é digitado a pessoa está abrindo os dados contidos no celular para os golpistas, como senhas bancárias, por exemplo, que são visualizados por um hacker.

## + É preciso atenção ao conteúdo de e-mails e outros tipos de mensagens

Para que a pessoa não caia em armadilhas de cibercriminosos, existem várias dicas. Por exemplo, na hora de criar uma senha, evite palavras curtas e números muito simples, como o seu nome e sobrenome, placa do carro ou datas de aniversário, pois são combinações fáceis de serem hackeadas. Deve-se usar letras maiúsculas e minúsculas, números e símbolos para montar uma senha forte, mais elaborada, e com elementos que dificultem a descoberta. Ainda de acordo com especialistas,

uma das melhores formas de se manter seguro na internet é usando antivírus nos computadores. A recomendação é que o internauta tenha pelo menos um instalado nos seus equipamentos de acesso à rede mundial de computadores.

Em caso de compras, antes de fazer alguma pela internet, deve-se fazer uma pesquisa pelo Google e em sites de avaliação. Se a pessoa colocar o nome da empresa com que pretende fazer negócio no Google, logo saberá se ela é segura ou não, porque vai aparecer

os pontos negativos, caso ela não seja uma empresa idônea.

Outra boa medida preventiva é evitar fazer transações financeiras em redes abertas ou em computadores públicos. É preciso verificar com cuidado os arquivos anexos das mensagens enviadas por pessoas estranhas, evitando baixá-los se não tiver certeza do seu conteúdo. E mesmo os e-mails provenientes de conhecidos exigem cuidado. Sem querer alguém pode compartilhar o link para golpistas.

A delegada Josenise Andrade ressaltou que são vários os golpes envolvendo dados de contas bancárias. Ela diz que a pessoa não deve abrir e-mails informando que há pendências em conta bancária, ou afirmando que seu cadastro precisa ser atualizado. E que é preciso ficar atento porque os criminosos

Quando o assunto é acesso ao sistema bancário, a pessoa só deve resolver pendências indo presencialmente ao banco, ou através do seu aplicativo seguro deste.

## Cartão clonado e produto perdido

A estudante Ana Paula (nome fictício) revelou que já foi vítima de criminosos cibernéticos. Ela contou que teve seu cartão clonado no fim do ano passado após ter feito a compra de um estojo de maquiagem e de outro de corte de cabelo em um site. “Eu caí numa armadilha, porque nem a compra que eu fiz chegou e o prejuízo acabou sendo bem maior, porque tive meu cartão clonado. O caso continua na polícia e tenho esperança de que tudo vai ser resolvido”, afirma.

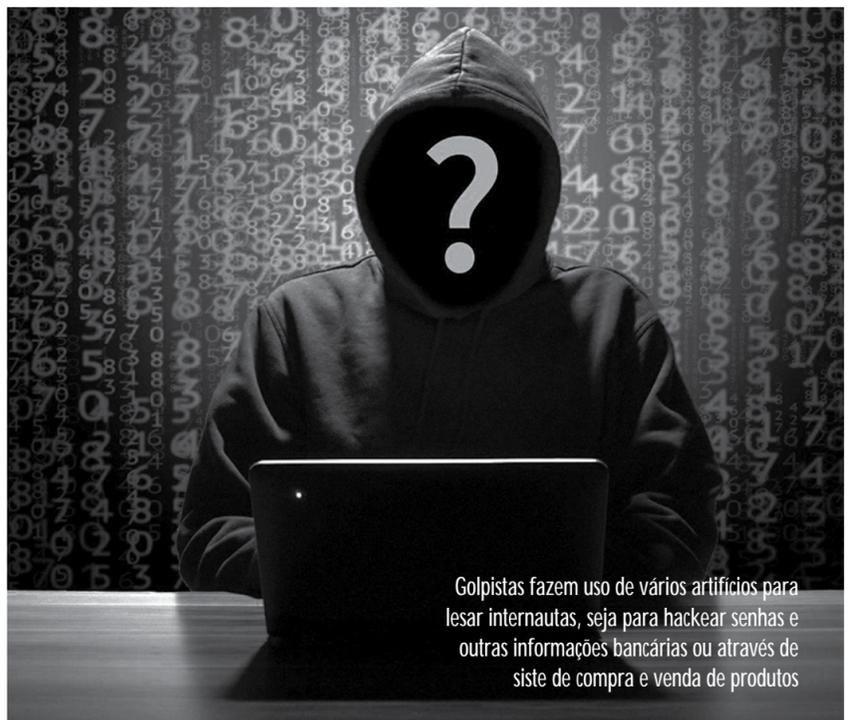
O aposentado Manoel Lelis, é outro cidadão que se diz vítima de golpes praticados pela internet. Ele disse que entusiasmado pelo ótimo preço comprou no mês de janeiro um aparelho home theater, mas, infelizmente, o aparelho nunca chegou. “Sei que antes de realizar a compra deveria ter me consultado com amigos que já haviam feito compras on-line, ou procurado mais informações sobre o site. Mas fiz a compra na pressa com medo que

a oferta acabasse. Aí deu nisso. Fiz a compra, paguei por ela, mas o produto não chegou em minha casa”.

Com a internet a recomendação dos especialistas em crimes cibernéticos é que é preciso aproveitar todos esses benefícios de forma segura. No entanto, a pessoa deve ficar em alerta sobre os riscos, tomando as medidas preventivas necessárias.

### Dicas para fazer compras segura

Adquira os produtos e serviços apenas usando equipamentos de confiança e em lojas conhecidas. Antes de efetuar qualquer compra pesquise a reputação da loja, verifique se o site disponibiliza informações sobre a empresa. Leia a política de compra e de privacidade do empreendimento e sempre escolha sites que tenham plataformas de pagamento seguras. Desconfie de ofertas abaixo da média e registre os passos da sua compra.



Golpistas fazem uso de vários artifícios para lesar internautas, seja para hackear senhas e outras informações bancárias ou através de siste de compra e venda de produtos



# 'Cidade dos Lajedos' surgiu com obra de uma barragem

Puxinanã foi formada despretensiosamente, obteve a emancipação política e hoje tem muitas atrações turísticas e culturais

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

Puxinanã, do tupi "puxinanã", que significa abacaxi ruim, incomestível, em referência a uma variedade de bromélia. A formação desse município aconteceu de forma despretensiosa, a partir da construção da barragem que atualmente fica localizada junto à sede municipal de Puxinanã, mas anteriormente abastecia a cidade de Campina Grande. Segundo conta a história, foi durante a construção da barragem que Puxinanã passou a ser ocupada e colonizada na região.

O ano era 1924 e o governador João Suassuna autorizou o início das obras da barragem que abasteceria a água de Campina Grande. Em razão disso, muitos trabalhadores começaram a se estabelecer na região, construindo suas casas e iniciando uma pequena povoação. Cerca de 30 anos depois, durante o período de criação do município de Pocinhos, Puxinanã deixa de pertencer a Campina para ser parte da nova cidade. A partir deste momento, os habitantes de Puxinanã começam a lutar pela emancipação política do município.

Somente em 28 de janeiro de 1962 que Puxinanã deixaria oficialmente de ser responsabilidade administrativa de outro município para conquistar sua emancipação política. Localizada na região do Agreste e do Semiárido, a cidade faz limite com Campina Grande, Massaranduba, Lagoa Seca, Montadas e Pocinhos. Atualmente possui mais de 13,7 mil habitantes distribuídos em uma área de quase 80 km<sup>2</sup>. A principal fonte econômica da cidade é a agricultura familiar e a criação de gado.

A cidade possui alguns pontos turísticos conhecidos,

como a Pedra do Navio, que recebe esse nome devido ao seu formato semelhante ao de uma proa de navio e está localizada no Sítio Espinheiro; o Pinga, uma formação rochosa com uma nascente que pinga de forma contínua, que está localizada no Maracajá. Além disso, é também em Puxinanã que está localizado o Zoológico Museu Vivo Répteis da Caatinga. Jucenio Gomes de Araújo, secretário municipal de Cultura de Puxinanã destaca outros lugares, como "o restaurante Recanto do Sabiá, o Recanto do Caju e o Recanto do Aconchego, todos na zona rural".

## Tradição e cultura

Conhecida como a terra do poeta Zé Laurentino, Puxinanã também apresenta outros pontos culturais fortes em sua tradição. "Puxinanã, citada por Manoel da Luz, tem destaque no cenário cultural, tendo atualmente artistas reconhecidos como Berg na área de aerografia, Fábio de Brito, entre outros. Tem também a Festa da Mandioca e a cavalgada dos agricultores entre as principais festas de seu calendário, atraindo pessoas, cavaleiros e agricultores de toda a região para o evento", disse o secretário de Cultura, Jucenio Gomes. Além das duas festas citadas, Puxinanã também é marcada por festividades religiosas, festas juninas, desfile cívico e a comemoração natalina.

Com o destaque da tradição local, a Festa da Mandioca foi criada em 2006, a partir da iniciativa do ex-prefeito Abelardo Coutinho. A celebração marca a colheita da mandioca, momento de suma importância para os agricultores do município, sendo uma das maiores produções entre os produtores locais. "O objetivo da festa é divulgar a cultura local e, acompanhada disso,

gerar desenvolvimento econômico para o município com a obtenção de renda nas mais diversas áreas, como gastronomia, artesanato, comércio, turismo, dentre outras. Durante os dias da festa, milhares de turistas se deslocam para Puxinanã a fim de apreciar os grandes shows com grandes atrações em praça pública, a gastronomia local, com pratos feitos por meio da raiz, o artesanato produzido por artesãos locais e apresentados no Parque de Eventos José Laurentino e, além disso, merece destaque o desfile da Rainha da Mandioca, momento esperado por todos do município", completou Jucenio.

É ainda durante a Festa da Mandioca que acontece a Cavalgada dos Agricultores. Esse momento que, de acordo com Jucenio é um "momento ímpar e um dos mais esperados da festa" reúne cavaleiros, agricultores e amazonas de toda a região para cumprir o percurso pelo município. "A cavalgada tornou-se o auge da festa da colheita da mandioca, principalmente pelo fato da região possuir muitos criadores de cavalos", afirmou o secretário.

Antes de ser secretário de Cultura da cidade, Jucenio é um puxinanaense e reforça que tem orgulho de ser de Puxinanã. "Uma terra de gente acolhedora e belezas naturais. Cidade dos Lajedos, que tem nome de origem na língua indígena, que é lembrada pelas festas culturais, pela sua grande feira de gado, que atrai pecuaristas e comerciantes de toda região. Enfim, Puxinanã é uma boa cidade de se viver", finalizou ele.



## ASPECTOS GERAIS DE PUXINANÃ

- **Emancipação política:** 28 de janeiro de 1962
- **Gentílico:** Puxinanaense
- **Unidade federativa:** Paraíba
- **População:** 13.741 habitantes - estimativa 2020
- **Limites territoriais:** Campina Grande (18Km), Massaranduba (20Km), Lagoa Seca (12,5Km), Montadas (7Km) e Pocinhos (25Km)
- **Clima:** Média anual em torno de 24°C
- **Área:** 73,67Km<sup>2</sup>
- **Densidade demográfica:** 177,81 habitantes por Km<sup>2</sup>
- **Altitude:** 657m
- **Distância para a capital:** 139 Km
- **Comunidades rurais:** Jenipapo, Samambaia, Grotão, Campo D'Angola, Várzea de Lagoa, Serra do Maracajá e Pai Domingos.





TAQUARI TUPINAMBÁ  
Autor: Elenilson Soares

## Audiovisual

## ‘Sambalanço’: filme explora o lado dançante da bossa nova

Julio Maria

Agência Estado

A intelectualização da bossa nova cobrou um preço histórico ao existir, para muitos historiadores, com total protagonismo naquele lastro mais concentrado entre 1959 e 1964, a chamada primeira fase. Mas aos poucos, como arqueólogos em busca dos fragmentos de cidades perdidas, projetos e revisitações trazem o que também existiu no mesmo período, longe da superfície mostrada pelos jornais e louvada pelos próprios artistas. Bem ao lado dos bossa-novistas, e mesmo dentre eles, Ed Lincoln, Durval Ferreira, Orlandivo, Miltinho, Eumir Deodato, Claudio Roditi, Emílio Santiago, Wilson das Neves, Elza Soares e mais um punhado de gente com sangue quente nas veias estavam mais dispostos a fazer as pessoas dançarem em uma boate entre 23h e 4h da manhã do que passarem dias em busca de acordes perfeitos e cantos

ideais. Eles eram capazes de operar a magia da dança, cantando para pistas de boates cheias de casais em passes frenéticos, e foi ela, a dança, quem, um dia, definiu por antecipação a própria música.

Uns o chamam de “a corrente dançante da bossa nova” enquanto outros o enxergam como um contraponto a ela. O fato é que o sambalanço, um movimento catalogado assim anos depois de sua existência, nunca foi louvado enquanto representante de uma brasilidade legítima para exportação, apesar de o ser também, nem ganhou linhas de análise dos pensadores e teóricos dos movimentos musicais. Seus clássicos, talvez pagando o preço por serem erguidos sobre dois ou três acordes “quadrados”, não passaram por festivais da canção nem foram alimentados por muitas regravações. Estão ainda datados e seguem quase que na condição de materiais de pesquisa.

Por tudo isso e mais, por todas as histórias que conse-

gue aprofundar, o documentário *Sambalanço, a Bossa que Dança*, baseado no livro do jornalista e pesquisador Tárík de Souza, se torna, além de diversão degustada com bom humor, um documento importante. Ele já pode ser acessado nas plataformas Now, Vivo e Oi e será exibido, no dia 19 de maio, no Canal Brasil. Além do envolvimento de Tárík também na realização do filme, a direção ficou com Fabiano Maciel.

Se fosse necessário uma gênese para a história, essas reduções que decantam muitos acontecimentos em um só ou muitos artistas em um grande pai, ela poderia ser retirada do dia em que o mais tecladista do que pianista cearense Ed Lincoln foi intimado a correr para a boate Drink a fim de assumir o baile à frente da orquestra do pianista Djalma Ferreira. Djalma havia levado um tiro, conforme conta o próprio Ed Lincoln em uma cena captada durante um raro show de reencontro de sambalancistas clássicos no Cen-

tro Cultural Banco do Brasil, em 2003.

“Eu não sabia nem como ligava aquilo”, ele diz, referindo-se ao órgão eletrônico que o esperava. Mas Ed foi, e o que se viu na pista foi incrível. Mais aplaudido do que o próprio Djalma e Seus Milionários do Ritmo, Ed foi visto pelo jornalista Stanislaw Ponte Preta, que voltou para a redação de seu jornal no dia seguinte com uma frase na cabeça: “O rei do sambalanço”.

Djalma, é preciso fazer justiça, segue à espera de sua própria descoberta biográfica. Esse homem aprendeu piano e violino na Itália, andou pelas boates do Rio em companhia de Noel Rosa, fez história pelos cassinos cariocas, inaugurou boates no Peru e na Bolívia, tornou-se o primeiro músico brasileiro a possuir uma gravadora e partiu para uma carreira em Las Vegas. Mas sua vida, ainda por causa dos apagamentos de muitos em razão da luminosidade de poucos, segue sob os escombros.

## Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Do júbilo e das lágrimas

Eu queria escrever sobre Leonard Cohen, cantor, compositor e poeta canadense, que queria ser escritor, mas a música o levou ao paraíso. Cohen morreu dormindo em 2016. As belas mulheres de Bombaim (Índia) adoravam ele. Sua música é tão bonita. Entre 1959 e 1966, Cohen publicou cinco livros de poesia, pelos quais recebeu elogios da crítica, chegando a ser comparado a James Joyce.

Estou com saudade do filósofo W em seu platô literário. Quando eu dizia que o céu era azul, ele era do contra, dizia que o céu era gris. Eu me acostumei. Em 1920, ele me chamou no Gabinete de Doutor Caligare e disse: “K, se acostume com as perdas”. Nessa pandemia, as perdas viraram motins.

Com medo de falhar ao seu *appointment*, decido dar-me apenas uma saudade, de uma noite em sua casa, um jantar sonoro inesquecível. Aliás, saudades de mamãe, da mãe de mamãe, dona Juracy, cujo nome vem da canção de Roberto Silva (“Meu coração ficou daquele jeito / dando pinote dentro do meu peito”).

Com conhecimento de causa, faço-me criança a pensar no silêncio do filósofo. Foi ele quem me apresentou à música de Leonard Cohen. Ele disse – “É o Caetano de lá”.

Eu tenho amor pelo filósofo, do júbilo e das lágrimas. Aliás, nunca o vi chorar.

Uma noite agitada, a rever as coisas para fazer no dia seguinte, que se presta a mais um dia com sabor de paraíso e serpente, bato nas portas do futuro. Não sei bem quanto tempo iremos suportar... se durarmos...

A mãe de mamãe, se mantém de pé, acordada, pra fazer o café do filósofo. Os dois são mais velozes que suas bicicletas.

Terei outros jardins para percorrer, mar para ver, e quiçá outras manhãs de sol e de luz a banhar minha alma no rio que ainda passa em minha vida (tudo poético, não fosse agora estar a roer as unhas, ouvindo Ney Matogrosso cantar Paulinho da Viola). Ou estou inventando uma forma de mandar uma carta de amor para meu filósofo preferido.

Assumo a saga de discípulo, já que o filósofo me chama de mestre, mas não há mensagens dele na caixa eletrônica. Acho que não estreitamos relação entre os celulares. Talvez porque um dia eu disse: você é verdadeiro pai.

Na conversa que tive com Carpinejar, na semana passada, ele disse que nossos pais gostam quando estamos felizes. Não tem sido fácil.

Eu gosto dos livros do filósofo. Nunca um tanto um siso, como quem arranca até a raiz.

Fico na dúvida se continuo a escrever esse texto ou se o pretexto era esse, não conseguir terminar. A dor é maior que o grito.

O filósofo mesmo em jejum, abre meu apetite. Ele é voraz, já passou dos 70, mas está a provar que cada dia é outro, um alívio, um calor a mais, mas todas as responsabilidades são necessárias.

Haverá um dia melhor que o outro. Ok, há o sábado, mas nós estamos noutro calendário solar, o Gregoriano. O filósofo e sua amada são pessoas das manhãs, igual a mim.

Escrevo o desabafo, questiono e não explico. Escrevo sobre mamãe, a mãe de mamãe, a morte de mamãe, a energia do Senhor Rayovak e sobre a filha da mãe de mamãe. Amor.

Outro dia escrevi sobre o menino Henry Borel, que mataram, esfolaram, destruíram, mas estou com saudade daquele jantar, daquele cinema transcendental.

Eu não sei antagonizar mais nada.

## Kapetadas

1 – Eu acho que ler nos dois sentidos faz mais sentido.

2 – Se o livro é mesmo o alimento do espírito, tem multidões jejuando por aí. O filósofo que o diga.

3 – Som na caixa: “Nem doendo nem zoando, mas tramando o meu motim”, Marina Lima.

Foto: Divulgação



Cantor, compositor e poeta canadense Leonard Cohen (1934-2016)

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

## A educação estética

Nos dias atuais, o sentido à vida está fragmentado numa existência trágica, geralmente observa-se a perda da sensibilidade e intuição. Também outra tragédia é o desaparecimento dos referenciais quanto à liberdade e ao respeito para com o outro. Um dos desafios é conciliar liberdade com as determinações da sensibilidade, e nisso considera-se que é uma questão estética ou de dá sentido à beleza de existir.

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) privilegiou o intelecto sobre os dados sensíveis, e o filósofo alemão Friedrich Schiller (1759-1805) afirmou que através da estética o homem é capaz de viver a liberdade sem prejudicar a sensibilidade. Nesse contexto, Schiller foi influenciado pelo conceito do “desinteresse” do belo apresentado no livro *Crítica da Razão Prática* (1788), escrito por Kant. Em Schiller, observa-se a possibilidade de se ir além da teoria e se lançar na ação, e isso se dá pela “educação estética”. Nessa “educação”, o homem vivenciaria sua liberdade ao mesmo tempo em que daria a merecida atenção ao que fosse do domínio do sensível, desde que sua disposição de ânimo estivesse em condições dignas.

Friedrich Schiller apresentou no seu livro *A Educação Estética do Homem* (1795) a importância da educação estética para a formação dos indivíduos, e deu destaque no contraste existente entre a forma atual e a antiga da humanidade, especificamente a grega. A arte grega, segundo ele, foi capaz de unir todos os encantos da arte e da sabedoria. Schiller afirmou que os gregos, do período clássico, nos ensinaram a beleza da realização humana ao unirem a cultura e a natureza em harmonia. Aqueles gregos consideraram que a poesia dá acesso as verdades e fortalece a virilidade das virtudes, e que o homem grego recebeu suas forças da natureza, que os uniu a ela. Schiller afirmou que o responsável por diminuir as potencialidades da sensibilidade, criatividade e a racionalidade é o progresso material, pois ele as estabelece por interesses exteriores ao próprio homem, alienando-os em seus saberes e fazeres técnicos. Para Schiller, a perfeição se dá pela forma equilibrada de todas as forças humanas. Assim como o homem grego, que é íntegro. O homem moderno deve possuir a junção de racionalidade e sensibilidade, a fim de construir a beleza de viver na própria existência e a harmonia para com a natureza. É que a retomada dessa formação positiva deve partir de uma formação estética, que deve priorizar a



Foto: Divulgação

“Razão não deve ser superior e nem definir o que seja liberdade ou intuição espontânea”

“simplicidade”, a “intuição intelectual” e o “gesto espontâneo”.

No século 18, Kant e Schiller perceberam que a arte é uma forma de complementar a natureza, e isso forma também a consciência humana. É nessa consciência que se deve buscar a “intuição intelectual”, de forma a inserir-se numa beleza existencial, na qual esse ideal dá sentido à vida. Essa conquista é possível através da arte, por ser a expressão mais completa da liberdade e intuição

O filósofo e poeta alemão Friedrich Schlegel (1772-1829) firmou que a “Intuição intelectual” é o imperativo categórico da teoria estética, mas foi o filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) que definiu o conceito de “Intuição Intelectual”. Fichte fez com que o “eu” estivesse no princípio de tudo o que existe, e dessa forma a “consciência” conhecerá as realidades externa e interna da natureza humana. Fichte apresentou a “intuição intelectual” para o interior do sujeito e não para o exterior, dessa forma ele potencializou e deu ao “eu” uma força onipotente. Sabe-se que o indivíduo vive de suas possibilidades, e que ele decide como agir e encarar as coisas, e é nessa fuga ao determinismo que o indivíduo exerce sua liberdade, distinguindo-se do vulgar. Nessa tese Fichte afirmou que “em vez da palavra inteligência, prefiro empregar (...) eguidade, pois esta designa da maneira mais imediata esse retorno da atividade para dentro de si mesma”. Diante disso, podemos concluir que a eguidade faz com que o indivíduo seja tanto sujeito que pensa quanto objeto pensado. Logo, todo “não eu” (objetos, natureza e meio exterior) estará contido nessa auto-consciência produtora de realidade – “eu sou essa intuição e essa intuição sou eu” –, também como numa fenomenologia

radical em que a consciência se recusa a reconhecer na alteridade uma realidade idêntica ao “eu”. A crítica do filósofo e poeta alemão Novalis (1772-1801) para com Fichte foi de que o indivíduo precisava se dividir em dois, reconhecendo-se como diferente de si, para poder conhecer algo, incluindo ele mesmo. Foi a partir dessa crítica que esse Romantismo rompeu com o Idealismo Alemão. Diante dessa crítica de Novalis, entendo que ele afirmou que a razão não deve ser superior e nem definir o que seja liberdade ou intuição espontânea. Ao aproximar desse Romantismo, o filósofo alemão Friedrich Schelling (1775-1854) escreveu este texto: “Pois, ao invés de dirigir-se à produção, como na arte, para fora, a fim de refletir o inconsciente através de produtos, a produção filosófica se encaminha diretamente para dentro para refleti-lo em uma intuição intelectual. O verdadeiro sentido para compreender este modo de filosofia é, portanto, o estético (...)”. Leiamos este outro comentário de Schelling: “Essa intuição intelectual se introduz, então, quando deixamos de ser objeto para nós mesmos e quando, retirado em si mesmo, o eu que intui é idêntico ao eu intuído”. Podemos concluir que a “intuição estética” é a concretização da síntese entre a intuição sensível e o intelecto pensante. A arte – no sistema de identidade schellingiano – tem a função de unir a ideia e realidade.

■ Sinta-se convidado a audição do 314º Domingo Sinfônico deste dia 18, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), pode sintonizar na FM 105,5 ou acessar através do aplicativo da Rádio Tabajara (radiotabajara.pb.gov.br). Vamos conhecer o compositor e pianista Piotr Ilitch Tchaikovski (1840-1893).

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## De bruxa ao gambito, uma atuação sempre brilhante

Quem assistiu à minissérie *O Gambito da Rainha* (*The Queen's Gambit*) na Netflix, produção de 2020, deve ter se encantado novamente com a atuação da jovem atriz Anya Taylor-Joy, de *A Bruxa* (*The Witch*). Uma realização de 2015, e que já naquela época rendeu à adolescente alguns prêmios de Atriz Revelação em festivais internacionais.

Vendo o recente *Gambito...* semanas atrás, sobre o que já anteriormente comentei, veio-me a curiosidade de buscar alguns filmes anteriores da atriz. Foi quando assisti ao intrigante *A Bruxa*, roteirizado e dirigido pelo estreante Robert Eggers, que foi indicado também a várias premiações.

A ação do filme se passa nas terras da Nova Inglaterra, região dos Estados Unidos, nos primeiros 30 anos do século 17. Um casal de ingleses de cinco filhos, uma jovem e quatro crianças, uma delas recém-nascida, cujo pai é um pregador do Evangelho de Cristo. A família atravessa o Atlântico em busca da “nova terra” e é recebida por líderes religiosos de uma comunidade, que logo os discriminam como imigrantes do outro lado do oceano, acusando a família de presunção religiosa contra as leis locais da Igreja.

Os conflitos religiosos então abordados e que sempre existiram no mundo, não menos na Europa, e que foram moedas de alto valor político-histórico – e que vão se estender em questionamentos entre ingleses e irlandeses, já nos anos 70 do século 20 –, sejam o mote principal do enredo e herança medieval de *A Bruxa*. Católicos e protestantes sempre



Foto: Divulgação

Jovem Anya Taylor-Joy em ‘A Bruxa’ (2015), filme que lhe rendeu vários prêmios de atriz revelação

viveram às turras. E, quiçá, por conta dessa história toda, a migração desse povo para as terras americanas tenha se justificado até hoje.

Não obstante a importância do fato histórico e época em que se passa o filme, o que mais impressiona na obra do diretor Robert Eggers é a segurança de uma narrativa bem conduzida, intercalada de alguns *fades* (*out e in*), como para definir uma espécie de “quadros históricos”. Mas o ponto alto estaria nas interpretações do elenco, notadamente da jovem personagem Thomasin, uma figura doce, de olhares expressivos, meigos, mas que se transmuta no final em diabólico, justamente para ratificar o título do filme. É uma obra para se assistir muito bem, mas

com um mínimo de conhecimento sobre História Medieval e suas implicações religiosas dessa época.

Não sem razão que, mesmo antes de entrar para o cinema em 2015, Anya Taylor-Joy tenha desfilado em passarelas por onde andou. Sua performance em *A Bruxa* lhe rendeu prêmios como os de Gotham Independent Film Award, do Empire Award, e Fangoria Chainsaw Award. O que não é pouco para uma atriz tão jovem como ela. *O Gambito da Rainha* está aí para provar, quando Taylor-Joy foi agraciada como Melhor Atriz de Minissérie no Globo de Ouro 2020, também pelo Sindicato dos Atores, entre outros. – Mais “coisas de cinema”, no blog: [www.alexantos.com.br](http://www.alexantos.com.br).



## ‘Fanpage’ da APC-Group

Atualize-se com a arte do Cinema. A cada dia, novos adeptos se somam à nossa fanpage no Facebook. Informes atualizados e tradicionais é o que vêm tentando imprimir os nossos integrantes, tudo sob o comando do acadêmico Carlos Trigueiro, ocupante da Cadeira 48 da Associação Paraibana de Cinema (APC).

Acompanhe as opiniões, informes, lives e imagens exclusivas sobre o cinema paraibano, brasileiro e do exterior, na fanpage APC-Group, com quase 300 fiéis seguidores. Acesse e faça parte dessa rede de apaixonados pela cinematografia! Endereço: [www.facebook.com/groups/AcademiaParaibanadeCinema/](https://www.facebook.com/groups/AcademiaParaibanadeCinema/)

## Festival É Tudo Verdade é encerrado com documentário sobre indígenas

Em uma tribo Yanomami isolada na Amazônia, o xamã Davi Kopenawa Yanomami tenta manter vivos os espíritos da floresta e as tradições, enquanto a chegada de garimpeiros traz morte e doenças para a comunidade. Os jovens ficam encantados com os bens trazidos pelos brancos; e Ehuana, que vê seu marido desaparecer, tenta entender o que aconteceu em seus sonhos.

Essa é a premissa do longa-metragem *A Última Floresta* (Brasil, 2020), de Luiz Bolognesi, que será o filme de encerramento da 26ª edição do É Tudo Verdade – Festival Internacional de Documentários, evento totalmente virtual e gratuito que começou no último dia 8. Foi oferecido uma seleção de 69 filmes que podem ser vistos em casa.

A sessão começará às 19h, na plataforma do Looke. Para saber o procedimento para assistir à produção, basta acessar o site oficial do festival ([etudoverdade.com.br](http://etudoverdade.com.br)).

*A Última Floresta* teve sua estreia mundial no Festival Internacional de Cinema de Berlim, sendo o único

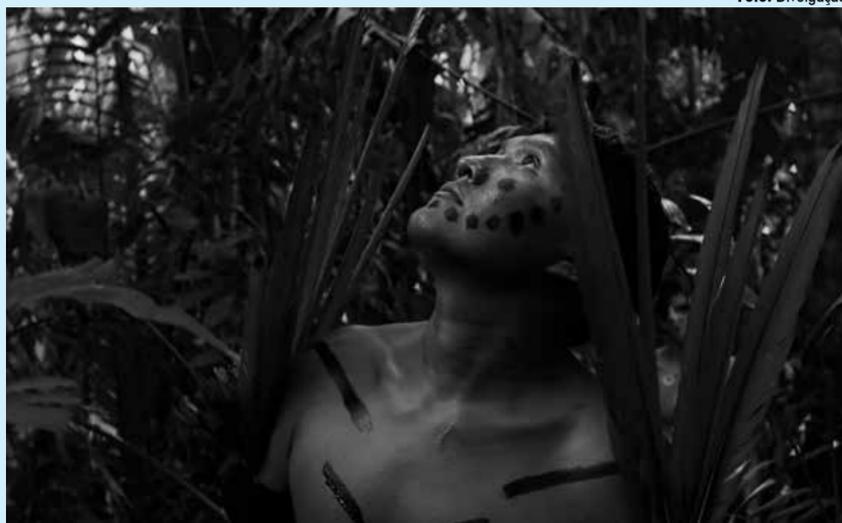


Foto: Divulgação

‘A Última Floresta’, longa-metragem de Luiz Bolognesi, mostra a extrema vulnerabilidade das tribos indígenas brasileiras

filme brasileiro presente na Mostra Panorama. O longa tem estreia no Brasil prevista para o segundo semestre deste ano.

O realizador Luiz Bolognesi – que assina o roteiro com Davi Kopenawa Yanomami, escritor, xamã e líder Yanomami – recebeu uma menção honrosa no festival em 2018 pelo documentário *Ex-Pajé*, que também fala sobre a vida de indígenas.

O grupo Yanomami isolado visto no filme vive em um território ao norte do Brasil e ao sul da Venezuela há mais de mil anos. O xamã Davi Kopenawa Yanomami busca proteger as tradições de sua comunidade, e luta para que a lei seja cumprida e os mais de 10 mil invasores do garimpo retirados do território legalmente demarcado que invadiram desde o ano passado.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do É Tudo Verdade

## Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Uma frutífera história de amor

Salvador di Alcântara é seu nome. Nome de origem castelhana que guarda, em seu composto vocabular, a fluidez natural da musicalidade. Ao ritmo interno de uma típica redondilha menor, caracteriza um ser todo feito de arranjos e harmonias, capturado pelos liames iluminados da expressão artística.

Conheci Salvador di Alcântara nos idos de 70 do século passado nas lides estudantis. Era aluno de Engenharia da UFPB, mas logo deixaria o curso que não lhe correspondia aos anseios mais íntimos, para se dedicar, de corpo e alma, à música, sua paixão maior. Chegamos a dividir um pequeno quarto numa das antigas pensões da Rua General Osório, num tempo em que, ao calor da juventude sonhadora, se somava o afeto de uma longa e sincera amizade.

Música e poesia abriam-lhe as possibilidades de realização expressiva. Tanto é que, sem descurar do violão e do cavaquinho, instrumentos de sua preferência, andava a exercitar poemas de índole experimental, na esteira das pesquisas inventivas da poesia concreta que o fascinava pela fatura sonora e pelo desenho visual, em meio à voz muda da página em branco. Vem daí seu primeiro livro, intitulado *Po... ética* (2008), a que prefaciei, referindo-me ao autor como “um poeta do espaço”.

Agora, explorando o campo aberto e renovado das amizades, comparece, à cena boêmia e artística, com *Gregos e troianos*, num volume que, prestando homenagem a uma variedade de amigos, procura registrar, sobretudo, os intercâmbios emotivos que permeiam as esferas afetivas, como se fora uma pequena cartografia de caracteres humanos que habitam um território real e ao mesmo tempo simbólico, no qual se faz o aprendizado constante da proxemia, isto é, do estar junto, no aconchego da sociabilidade, para me valer das categorias terminológicas de Michel Maffesoli, sociólogo francês que vê, no cotidiano, uma forma de expressão lúdica que aproxima as pessoas.

Em diálogo icônico com as caricaturas de Régis Sores, Salvador di Alcântara descreve cada parceiro em versos heterométricos e na forma fixa do soneto, atento aos elementos identitários e singulares de cada personalidade. Se as composições não privilegiam a dimensão estética, dentro das exigências formais que concernem ao rigor na elaboração do poema, trazem à tona, contudo, os ingredientes de uma experiência existencial que garante a solidez dos espaços criativos, caracterizando-se principalmente como um documento de inegável riqueza sociológica, antropológica, histórica e moral.

É claro que tudo isso acontece num ambiente e numa geografia reais que tem por razão social “Bar do Baiano”, isto é, um bar, ou melhor, o bar dos Bancários, com toda a tribo de habitués e frequentadores diários e semanais.

Diria mesmo que ali, no seu terreiro/teatro, os músicos, como Alcântara, Teinha, Costinha e Bébé, por exemplo; os poetas, como Ed Porto, Edônio Alves e Acilino Madeira, por exemplo; cantores e intérpretes, como Meire, Magalhães, Sílvia Patriota, por exemplo; e tantos outros que mergulham, sem medo, no mar dos apelos sentimentais e que fazem da prosa, à mesa de bar, uma cerimônia eucarística em torno da vida, sobretudo das noites e madrugadas da vida; diria mesmo que ali, de repente, gregos e troianos não se odeiam como no mito, não se digladiam como no mito, não se eliminam como no mito, mas tecem o elevado enredo de uma frutífera história de amor.



Foto: Divulgação

Maffesoli vê, no cotidiano, forma de expressão lúdica que aproxima pessoas



Fotos: Divulgação

Índigena xukuru Juliana Alves (acima) criou uma instalação baseada em vestido de noiva (ao lado) que discute as suas influências culturais brancas e suas tradições indígenas

# Evento celebra interação entre indígenas e brancos na arte

Amanhã, mais de 50 artistas da música, artes plásticas, dança e literatura participam de encontro sobre a luta indígena

**Joel Cavalcanti**  
cavalcanti.joel@gmail.com

A diversidade indígena é celebrada amanhã e atividades culturais lembram a importância da influência dos povos originários na formação da identidade artística brasileira em suas mais variadas vertentes. Mais de 50 artistas da música, da dança, das artes visuais e da literatura vão lembrar em uma *live* das lutas indígenas e demonstrar o seu legado para suas criações. Uma galeria virtual será lançada para a exibição de cartões-postais e das produções criadas com exclusividade para o evento virtual.

*Notícias de Floresta das Árvores Encantadas* acontecerá nesta segunda-feira, a partir das 20h20, na plataforma Zoom (acesse através do QR Code no final da matéria, com a senha: 066764).

Mesmo que se tenha por costume dissociar a cultura indígena da cultura brasileira, essa distinção não é correta, segundo especialistas. Na perspectiva dos brancos, a música, a culinária, a literatura e as danças nutriram-se das referências indígenas em seus processos e produtos culturais, em um sentido de apode-

ramento dos valores e das técnicas usadas nas aldeias. Mas esse fluxo está cada vez mais recíproco, e indígenas têm se utilizado dos conhecimentos adquiridos nas cidades e na contemporaneidade para produzir sua arte.

É o que, por exemplo, acontece com a indígena Juliana Alves. Ela vive na aldeia Mãe Maria, a maior do povo xukuru, localizada no município de Pesqueira (PE), a 245 quilômetros de João Pessoa. O povoado reúne 26 aldeias no entorno da Serra do Ororubá, às margens do Rio Ipanema. Ela se divide entre a vida na aldeia e a capital paraibana, onde participa de grupos de pesquisa do mestrado em Artes Visuais pela UFPB.

Artista Visual contemporânea indígena, Juliana trabalha com instalações, performances, pintura e escultura. “Meu trabalho está misturado com os conhecimentos hegemônicos, isso não tem como fugir, mas isso foi também uma forma de a gente sobreviver através dessa troca de códigos”, revela.

Juliana saiu de sua tribo ainda adolescente junto com seus pais, que precisavam buscar um emprego. Durante

essa fase de sua vida ela não se apresentava como indígena e uma das razões para isso era o medo da violência. “Até os anos 1990 a gente tinha medo de dizer que era indígena, porque ou você podia morrer ou ter suas terras tomadas, e ter que ‘descer’ para buscar outras formas de viver”, relata. O maior líder de sua etnia, o cacique Chicão fora assassinado no início dos anos 2000 e até hoje é invocado como um encantado de luz para seu povo.

Essas questões faziam com que Juliana Alves não sentisse vontade de se afirmar como “artista indígena”. O processo de afirmação só veio depois de sua graduação, na UFPB. “Não é que eu não soubesse que eu sou indígena. Sempre soube. Mas hoje eu respondo mais às expectativas do meu povo, antes não. Eu não tinha vontade de participar, de estar dentro do meio indígena e eu fui descobrindo esse interesse.”

De etnia xukuru de cimbres, a artista centra seus estudos nas artes problematizando a figura da mulher indígena e na pesquisa de contexto colonial, questionando todo o conteúdo baseado no consumo eurocêntrico, dos invaso-

res que os expulsaram da Serra Ororubá. Segundo ela, essa violência nunca vai acabar, sempre haverá a questão da imposição. “E nesses momentos eu vou tentando observar coisas que antes, sem essa mistura com meu conhecimento de fora, eu não compreendia tudo. Isso foi o que veio tomando minha arte, principalmente nos últimos cinco anos, após o meu mestrado. Eu tinha essa dificuldade de identificação”.

Uma das instalações de Alves que discute suas influências culturais brancas e suas tradições indígenas é o *vestido de noiva com o qual casaria*. “Eu não cheguei a usar o branco tradicional de véu, mas, em 2018, agreguei a ele o arco e flecha do povo xukuru. Isso foi um momento de reflexão meu: ‘qual é o meu lugar nesse contexto de homem branco? Por que mesmo sendo reconhecida como indígena e tendo consciência disso, eu não me via como tal?’”.

Durante a apresentação da *live*, Juliana Alves vai mostrar ainda um pouco do toré, um ritual indígena que envolve performance corporal e música, e se reveste de um sentido mágico espiritual, e acontece sempre no segundo domingo

do mês, ou no segundo sábado, dependendo do costume de cada aldeia.

“Quero fazer uma ação na qual vou para a aldeia onde nasci e vou fazer, em vídeo, uma apresentação de canto e uma reza. Será uma performance ritual para invocar os encantados de luz, que seria, explicando num contexto branco ou não indígena, algumas boas que vêm da natureza para que elas possam dar força para a gente continuar nossa luta, principalmente nesse momento de pandemia”, adianta ela, que terá também exposta na galeria virtual uma pintura-postal.

## Reflexão

Os artistas que produziram os cartões-postais para o evento comporão uma coleção que fará parte da bienal latino-americana de arte postal, que acontece em fevereiro do próximo ano.

*Notícias de Floresta das Árvores Encantadas* deve reunir nomes como Elioenai Gomes, Flávio Tavares, Flaw Mendes, Mulinga, Tribo Étnos, Chico Viola, Pedro Osmar, entre outros. “A intenção é trazer uma reflexão, uma discussão sobre o tema de um outro

ponto, e não apenas reproduzir algumas imagens”, assegura o curador Ricardo Peixoto.

Ele afirma ainda que a construção desse trabalho pode ser definido como um processo de encontro de várias linguagens artísticas para celebração da cultura indígena. “O projeto será exibido dentro de uma galeria virtual chamada Galinha do Pé Seco, da agência Ensaio Brasil, e ficará permanentemente disponibilizada para acesso on-line. A questão indígena precisa ser cada vez mais fortalecida, e é preciso que eles saibam que não estão sós. Será um evento político, artístico, ideológico, estético, contemporâneo. Vamos celebrar nossa ancestralidade, nossas referências, nosso respeito”, resume Peixoto.



Através do QR Code acima, acesse o link para participar do evento no Zoom

## Essas coisas

**Carlos Aranha**  
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

## Livro útil a interessados em música

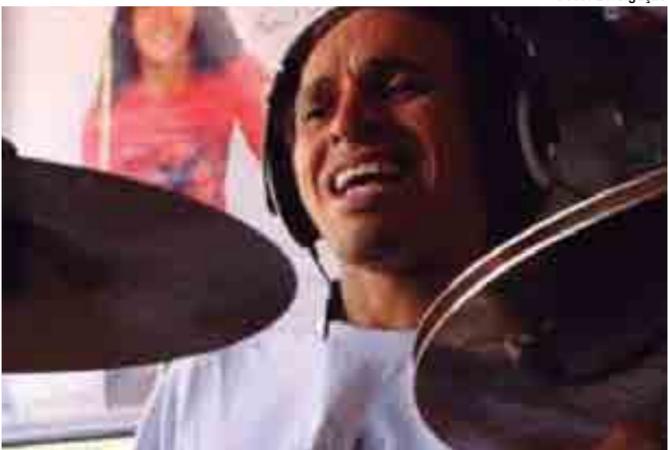
Também folclorista e crítico musical, o escritor Mário de Andrade realizou sua primeira viagem etnográfica à Amazônia, pesquisando e recolhendo manifestações.

Depois esteve em algumas áreas nordestinas, incluindo a Paraíba. O modernista – obviamente, vanguardista – Mário adquiriu muito conhecimento sobre o folclore nacio-

nal, que conjugou a um tratamento literário requintado e abordagens psicanalíticas dos mitos com que deparou-se em sua incansável trajetória. Só não foi um instrumentista, na concepção totalizante desse exercício, apesar de ter estudado no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

Pois nesta Paraíba do século 21, “baixou” no músico Beto Preah (foto) o espírito pesquisador de Mário de Andrade. Beto é

Foto: Divulgação



baterista, compositor, arranjador e professor – um dos mais conceituados instrumentistas nordestinos. Já o vi tocar várias vezes. É completo. Atuou ao lado de brasileiros internacionais, como o pianista Nelson Ayres e o baixista Arthur Maia, além de ter gravado com um gênio chamado Sivuca.

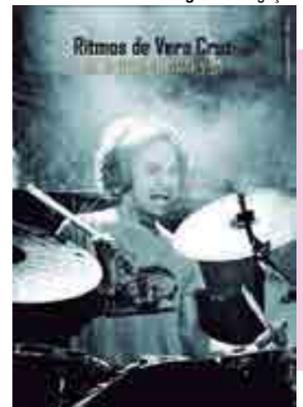
Beto Preah lançou o livro *Ritmos de Vera Cruz* que – além de comentários – tem partituras rítmicas (com versatilidades na acentuação e no uso de acessórios instrumentais do baião, do xote, do xaxado, da marcha junina, da toada, do coco, do maracatu, do caboclinho, do frevo, da ciranda, dos sambas de roda, coco e reggae, do afoxé, do maculelê, do partido alto, do rasqueado, do fandango).

Por essas pesquisas, enriquecidas com as partituras rítmicas, é que afirmo ter “baixado” o espírito de Mário de Andrade em Beto Preah. Fez um livro muito útil a bateristas, percussionistas, maestros, arranjadores, estudantes de música e interessados em geral nas coisas boas da arte brasileira.

A obra *Ritmos de Vera Cruz* pode ser adquirida no Sebo Cultural, em João Pessoa. No livro está encartado um CD com sete faixas, aberto por ‘Cine Parahyba’, de Jr. Espínola, repetidas em *play slong*, para que o interessado possa tocar no lugar da bateria.

Escutei tudo e termino transcrevendo esta importante declaração de Beto Preah: “Atualmente a música do Nordeste do Brasil passa por um momento crítico e banal. Hoje temos bandas de forró cantando letras de

Imagem: Divulgação



Capa do livro de Beto Preah: ‘Ritmos de Vera Cruz’. Ótimo para quem toca e quem estuda

músicas vulgares, exaltando a imoralidade e o vício pela bebida, como se fosse virtude ou alimento para toda uma vida. O forró de hoje tem suas lindas mulheres e suas belas pernas, mostrando para o mundo que o brasileiro adora mesmo é exportar coisas vulgares. Estão vendendo essa imagem do forró. Bem, será que é isso mesmo que queremos para a nossa música? Eu resolvo colocar um pouco de cebolinha, salsa, cheiro verde e pimenta a gosto nessa questão”.

# Políticas

Edição: Jorge Rezende Editoração: Ednando Phillipy

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 18 de abril de 2021

A UNIÃO 13



Autor: Paulo Pires

# Bolsonaro gastou 12 vezes menos com a pandemia em 2021

No ano passado, média diária de gastos da União no enfrentamento à doença era de R\$ 1,8 bilhão; este ano, caiu para R\$ 157 milhões

**Dante Accioly**  
Agência Senado

O gasto do Poder Executivo no combate à pandemia de coronavírus nos 100 primeiros dias deste ano é 12 vezes menor do que a média de 2020. Até o último dia 10, o Governo Federal havia desembolsado o equivalente a R\$ 157 milhões por dia para o enfrentamento da covid-19. No ano passado, a média diária de pagamentos foi de R\$ 1,892 bilhão. Os dados estão disponíveis no Portal Siga Brasil, mantido pela Consultoria de Orçamentos, Fiscalização e Controle do Senado (Conorf).

Em 2020, o presidente Jair Bolsonaro editou 40 medidas provisórias (MPs) que abriram um total de R\$ 673,5

bilhões em créditos extraordinários para o combate à pandemia. A primeira delas (MP 924/2020), publicada no dia 13 de março daquele ano, representou o início do esforço orçamentário do Poder Executivo contra o coronavírus. No intervalo de 293 dias contados de 13 de março a 31 de dezembro, o Palácio do Planalto pagou efetivamente R\$ 554,5 bilhões — uma média diária de R\$ 1,892 bilhão.

Neste ano, Bolsonaro editou seis medidas provisórias que abrem crédito extraordinário para o enfrentamento da covid-19. Além disso, assinou dois decretos para reabrir créditos remanescentes de 2020. O valor total autorizado desde 1º de janeiro chega a R\$ 74,1

bilhões. Desse montante, R\$ 15,7 bilhões foram efetivamente pagos nos 100 primeiros dias de 2021. A média diária no período é de R\$ 157 milhões. Os valores estão corrigidos pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

Os créditos extraordinários representam 99,8% de toda a verba aplicada pelo Governo Federal no combate à pandemia. Apenas 0,2%

**Em 2020, foram gastos R\$ 1,06 bilhão por dia com o auxílio emergencial; em 2021, apenas R\$ 66 milhões**

é oriundo de fontes orçamentárias e créditos especiais ou suplementares. No ano passado, o dinheiro foi usado para financiar mais de 50 iniciativas para o enfrentamento do coronavírus. Entre elas, o auxílio emergencial; o auxílio financeiro a estados, Distrito Federal e municípios; e as medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública.

Apenas o auxílio emergencial consumiu R\$ 311,1 bilhões em 2020. Isso equivale a mais da metade (56,1%) de tudo o que o país desembolsou para o combate à covid-19 naquele ano. Considerando o intervalo de 293 dias entre 13 de março e 31 de dezembro, o auxílio emergencial significou um repasse médio de R\$ 1,06



Jair Bolsonaro reduziu investimentos, inclusive, com o auxílio emergencial

bilhão por dia em 2020.

A realidade é bem diferente em 2021. Após suspender novos pagamentos do auxílio emergencial por três meses e reduzir o valor do benefício a partir de abril, o Poder Executivo pagou efetivamente R\$ 6,6 bilhões para os brasileiros mais vulneráveis desde o início do ano. A média diária de R\$ 66,5 milhões representa um resultado 15,9 vezes inferior ao verificado em 2020.

O Poder Executivo também cortou a média diária de pagamentos para o enfrentamento da emergência de saúde pública. Essa ação engloba medidas como compra de insumos, equipamentos de proteção individual e testes de detecção, capacitação de agentes de saúde e oferta de

leitos de unidade de terapia intensiva.

Em 2020, o país aplicou R\$ 46,3 bilhões nas medidas de enfrentamento — uma média diária de R\$ 158 milhões. Nos primeiros 100 dias de 2021, o valor efetivamente gasto foi de R\$ 5,6 bilhões. Isso equivale a R\$ 56,7 milhões por dia — um resultado 2,7 vezes pior do que a média do ano passado.

O benefício para manutenção do emprego e da renda também sofreu cortes. Os R\$ 35 bilhões liberados em 2020 perfizeram uma média de R\$ 120,7 milhões por dia. Em 2021 foram pagos R\$ 505,4 milhões. Isso reduz a média diária para R\$ 5 milhões — um desempenho 24,1 vezes inferior ao do ano passado.

+

## Cortes coincidem com agravamento da crise

O corte de despesas ocorre um momento crítico na evolução da pandemia. Até o dia 11, o país contava 353,1 mil mortos. Os primeiros 100 dias deste ano — quando o Poder Executivo reduziu os repasses para o enfrentamento do coronavírus — respondem isoladamente por quase metade das vítimas: 158,2 mil mortes (44,8% do total). Os outros 194,9 mil óbitos (55,2%) foram registrados entre 17 de março e 31 de dezembro de 2020 — um intervalo de tempo quase três vezes maior (289 dias).

Os números da vacinação também geram apreensão. Até o último domingo, apenas 2,9% da população havia recebido as duas doses do imunizante. A parcela que recebeu a primeira dose chega a 10,9% dos brasileiros.

O presidente da Comissão de Direitos Humanos (CDH), senador Humberto Costa (PT-PE), condena a redução de despesas para o enfrentamento do coronavírus no momento mais grave de evolução da pandemia. Para ele, os números

demonstram “uma ação voluntária, criminosa e genocida” que deve ser investigada pela CPI da Covid, prestes a ser instalada no Senado.

“Esses números nos dão a clareza de um governo que, deliberadamente, age em favor da pandemia. Não é um governo omissivo. Ao contrário, é um governo que age ativamente para boicotar o controle do coronavírus. Estamos vivendo os piores momentos da crise, com 350 mil mortos e a perspectiva de 100 mil somente neste mês de abril. E isso é reflexo do enorme desinvestimento que a gestão de Bolsonaro vem fazendo ao longo deste ano nessa área. De um lado, meteu o garrote nos recursos, fechando hospitais de campanha e deixando uma série de unidades de saúde sem leitos e até mesmo sem kit intubação. De outro, largou o povo à míngua, com o corte de dois terços no valor do auxílio emergencial. É uma ação voluntária criminosa, genocida, que será devidamente investigada pela CPI da Covid no Senado — afirma Costa, que foi mi-

nistro da Saúde entre 2003 e 2005.

O senador Jorginho Mello (PL-SC) é vice-líder do Governo no Congresso Nacional. Ele reconhece que o orçamento de 2021 está “muito apertado”, mas defende a liberação de mais recursos para o combate à pandemia. Ele cita como exemplo o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), que no ano passado recebeu R\$ 39,9 bilhões para compensar perdas provocadas pelo surto de coronavírus. Em 2021, nem um real foi sequer autorizado pelo Poder Executivo.

“O orçamento que aprovamos é muito apertado, com muitas despesas. A máquina do Governo Federal e as instituições são muito pesadas. É quase um orçamento de guerra, e a pandemia tirou muito dinheiro do governo. Mas é um orçamento apertado com ajuda aos menos favorecidos. Tem que emprestar para os micro e pequenos empresários. Tem que emprestar mais! Agora!”, avalia Mello.

## Toca do leão

**Fábio Mozart**  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

## Juiz de Mari bate recorde mundial da pancada

Depois de vinte anos, retornei a Mari, onde vivi por doze anos. Pense num lugar longe. Pensou? Pois, Mari fica dois dias depois. Não é a distância geográfica, falo daquele distanciamento que nos impõe a vida. Eu morando aqui pertinho, em João Pessoa, e só vinte anos depois retorno a essa cidadezinha que tem o melhor clima do Nordeste e algumas pessoas merecedoras de uma revisita.

Fui ao escritório do sindicalista Assis Firmino. O homem tá chique, com direito a ar condicionado e pose de gerente. É o manda-chuva do sindicato dos trabalhadores rurais. Interino, mas é. Como interino, fez umas reformas e tascou uma placa de bronze anunciando a “obra”, perpetuando seu nome, que Assis é a vaidade em pessoa.

Depois fui ao bar de Zezinho Kalai, onde encontrei o próprio e mais alguns papudinhos, do meu antigo time do “Pé Inchado” de tantas glórias garrafais. Tomei umas frias com bode torrado e fui ao bar do Nelson, o melhor “pé sujo” da redondeza. Não pelas instalações, sempre sujas e desmanteladas, mas pelos frequentadores e pelo tiragosto de traíra. Soube que morreu meu amigo “Apaga Luz”,

um papudinho de respeito, pessoa humana formidável. Seu escudeiro Dedé também se foi, consumido pelo goró de Nelson do Bar.

Saio pelas ruas de Mari com o velho amigo, Dr. Jean Monteiro. Revi a casa onde morei, agora transformada em centro cultural. Mari teve sua geografia reinventada, as pessoas não me conhecem mais. Entretanto, até dos apertos e tristezas sinto saudades, quanto mais das alegrias e coisas boas construídas nesse lugar. Minha antiga casa fica no centro, com vistas para o bar. Coisa chique!

Quem me reconhece na rua é Caveirinha, que de pronto me dá um abraço, fala do filho que está com problemas no coração, diz que não está bebendo por conta desse aperreio. Caveirinha é um rapaz cordato, ingênuo e franco. Quando fundei a liga de futebol de Mari, botei Caveirinha no quadro de árbitros, chefiado por João Peão, um senhor da cabeça grande que a gente chamava “cabeça de navio”. João Peão não entendia nada de regra de futebol, mas como ninguém tinha convicção de sua ignorância,

apitava os jogos e ditava regras. Por exemplo, numa partida ele apitou um pênalti que até o time favorecido achou tão absurdo que nem quis bater a falta máxima. João Peão disse que ele mesmo chutaria o pênalti. “Tá na regra: quando ninguém quer bater, o juiz fica encarregado da cobrança”, sentenciou Peão.

Caveirinha bateu um recorde mundial, de que muito se orgulha: conseguiu ser agredido em três partidas de futebol no mesmo dia. Pela manhã, apanhou apitando uma pelada de veteranos; à tarde, levou uns tapas no jogo de aspirantes da Liga, e à noite foi vítima de cascudos em partida de futebol de salão. Um dia, Caveirinha foi à minha casa em companhia de um sujeito, para certificar sua façanha.

— Fábio, fala pra esse cara se eu não sou o único juiz do mundo que apanhou três vezes em três partidas no mesmo dia.

Confirmado o recorde, os olhos de Caveirinha brilhavam de orgulho:

— Fábio entende de futebol, cara!

# Bebida feita na PB começa a disputar espaço no mercado

Produção da kombucha Bauá foi viabilizada pelo Programa Centelha, que possui recursos dos governos federal e estadual

**Renato Félix**  
Especial para A União

Entre a cerveja, a cachaca, o suco e o refrigerante, é bom arrumar um espacinho para a kombucha. A bebida fermentada e gaseificada, de origem chinesa e de antes de Cristo, vem se tornando popular e uma opção leve e refrescante. Na Paraíba, ela já pode ser encontrada na Grande João Pessoa, através de uma marca que obteve financiamento do Programa Centelha - oferecido pelo Governo da Paraíba por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB).

Dois engenheiras químicas encabeçam o projeto: Nayara Barbosa dos Santos e Andressa Aziz Diniz Araújo. Nayara é mestrandanda focada em processos fermentativos e sócia-diretora produção/pesquisa. Andressa também é mestrandanda, por sua vez focada em desenvolvimento de materiais para tratamento de efluentes, além de ser sócia-diretora administrativo/financeiro.

Quanto à bebida, o produto da dupla é a kombucha Bauá. "A kombucha é uma bebida fermentada naturalmente gaseificada, de origem milenar chinesa, de 220 a.C.", conta Nayara. "É consumida, hoje, no mundo todo. Feita à base de chá verde adoçado, é um alimento



Dois engenheiras químicas encabeçam o projeto: Andressa Aziz Diniz Araújo e Nayara Barbosa dos Santos

transformado por micro-organismos bons (ditos probióticos) que dão origem a uma bebida leve, de sabor marcadamente refrescante, cheia de bolhinhas e substâncias benéficas à saúde".

Um refrigerante natural, define a engenheira química. "Ele é enaltecido por suas propriedades desintoxicantes e energizantes", conta. "Isso

porque, dentre outros benefícios, a ingestão frequente da kombucha fortalece o sistema imunológico, melhora a absorção de nutrientes e o funcionamento do metabolismo. A bebida possui ainda, ação antioxidante e anticancerígena, fundamentais para a prevenção de diversos tipos de cânceres".

Atualmente, a kombu-

cha Bauá possui três opções de sabores: caju; limão, gengibre e hortelã; e hibisco e canela. E é vegana. "A Bauá trabalha com kombuchas não alcoólicas e probióticas (não pasteurizadas), feitas de forma 100% natural, sem nenhum tipo de aditivo químico ou conservantes e livre de qualquer contato animal", afirma Andressa.



Bebida vem se tornando popular, sendo uma opção leve e refrescante

## Investimento de R\$ 58 mil e fábrica em Cabedelo

Nayara conheceu a bebida no interior de São Paulo, durante um período de estágio. "Achei a bebida fascinante em todos os aspectos e quis muito apresentá-la a todo mundo. Comecei a pós-graduação na área de fermentados e parimos a Bauá", lembra, rindo.

O Centelha apareceu como a oportunidade de tornar realidade algumas capacitações e a possibilidade de expansão do produto, com um investimento

de R\$ 58 mil. "O programa proporcionou a realização do sonho em termos financeiros", afirma. "Antes disso, já trabalhávamos com kombucha, porém, em escala caseira - vendendo para amigos e familiares".

O resultado é a primeira fábrica de kombucha e seus derivados da Paraíba, em Cabedelo, com capacidade de produção de cerca de 4 mil litros por mês. Ter duas mestrandas em Engenharia Química à frente do projeto ga-

rante que a ciência e a pesquisa sejam também protagonistas. "O projeto é encabeçado por duas mestrandas da área de engenharia química e apoiado por pesquisadores que são experts na área de bioengenharia e alimentos fermentados", explica Nayara.

"Atualmente desenvolvemos pesquisa, em parceria com a UFPB, focada no desenvolvimento e padronização de kombuchas de sabores nordestinos".

## Programa Centelha aprovou 28 projetos no estado

O Programa Centelha é promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

e Tecnológico (CNPq) e o Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap), operada pela Fundação Certi e executada na Paraíba pela Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia (Seect) e

Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq).

O programa está investindo na Paraíba recursos na ordem de aproximadamente R\$ 1,7 milhão, sendo 570 mil de contrapartida do estado, com cada projeto aprovado no edital

recebendo até R\$ 60 mil. Foram 28 projetos aprovados, divulgados em março de 2020.

"O Centelha foi de fundamental importância pra tirar o projeto do papel", afirma Nayara. "Sem ele, estaríamos em escala caseira ainda".

## Bebida surge na China antiga e ganha versão paraibana

Um dos desafios foi o de pegar esse produto que vem da China antiga e criar uma versão paraibana, mais identificada com o paladar e a cultura locais. Por aí passa o nome do produto. "A inspiração do nome veio de um pássaro simpático e cantador, que no Brasil é especialmente encontrado na região Nordeste", explica Nayara. "Na Paraíba,

conhecemos esse pássaro como xexéu-bico-de-osso. Porém ele também é conhecido por irauá-de-bico-branco, xexéu boé ou simplesmente bauá".

A pandemia, claro, complicou a trajetória do produto. "Antes da pandemia, já esperávamos um grande desafio pela frente: o de comercializar um produto praticamente desco-

nhecido em nossa região. Desafio esse que tomamos com garra e coragem, pois acreditamos no potencial do nosso produto", conta Andressa. "Ninguém passou intocado pela pandemia e conosco não tem sido diferente. O descontrole da pandemia da covid-19 vem impossibilitando o retorno à normalidade de atividades e causando quedas de

vendas em lojas físicas. Temos tentado nos adaptar a esta realidade interagindo com nossos clientes de forma virtual e vendendo através de plataformas online".

No momento, o produto está à venda em alguns pontos físicos, mas também pelo whatsapp e pelo Instagram (@bauakombucha)

### Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Edital De Citação Com Prazo De 30 (Trinta) Dias: O Dr. Josivaldo Félix De Oliveira, MM. Juiz de Direito da 1ª Vara Cível da Comarca de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba, em virtude de Lei, etc. Faz Saber a todos quantos virem o presente Edital ou dele conhecimento tiverem que por este Juízo da 1ª Vara Cível tramitam os autos da Execução De Título Extrajudicial (Processo 0807780-82.2017.8.15.2001), movida pela Banco Do Brasil S.A. - CNPJ: 00.000.000/0001-91 contra Andrade & Carvalho Ltda - Me - CNPJ: 03.462.262/0001-66 e Outros. Como não foi possível ser(em) citado(s) o(s) promovido(s), por se encontrar(em) em lugar incerto e não sabido, fica, através deste, Citado(S): Andrade & Carvalho Ltda - Me - CNPJ: 03.462.262/0001-66 e Flavio Jose Soares De Carvalho - CPF: 343.027.194-00, para pagamento espontâneo do débito cobrado pelo credor no valor de R\$ 258.382,92 (trezentos e cinquenta e oito mil, trezentos e oitenta e dois reais e noventa e dois centavos), no prazo de 03 (três) dias, sob pena de penhora, nos termos do artigo 829 e seguintes do Novo Código de Processo Civil. Fixo os honorários advocatícios em 10% (dez por cento) sobre o valor da dívida, nos termos do artigo 827, caput, do NCPC. Na hipótese de integral pagamento do valor exigido nos autos, no prazo de 03 (três) dias, a verba honorária supracitada será reduzida pela metade (artigo 827, §1º, do NCPC). Havendo interesse, poderá a parte executada, no prazo para a oposição de Embargos, de quinze (15) dias, depositar o equivalente a 30% (trinta por cento) do valor do débito, acrescido de custas e dos honorários advocatícios acima fixados, requerendo, após, o parcelamento do valor remanescente em até 6 (seis) parcelas mensais, acrescidas de correção monetária e juros de 1% (um por cento) ao mês, a teor do que dispõe o artigo 916, do Novo Código de Processo Civil. Para a provável hipótese de revelia nomeie curador (art.9º, II do CPC), o Dr. Antônio de Oliveira Alves, advogado de ofício em exercício na vara, que deve ter vista pessoal dos autos. E, para que a notícia chegue ao conhecimento de todos e que ninguém possa alegar ignorância, determinou o MM. Juiz de Direito a expedição deste Edital. Cumpra-Se.

Aos domingos com  
**Messina  
 Palmeira**



1. Na última quinta-feira (15/04), o Jornal A União promoveu uma live para comemorar o Dia Nacional do Livro Infantil, festejado neste domingo, por conta da data do nascimento do escritor Monteiro Lobato. As autoras Neide Medeiros, Cristiana Furtado e esta colunista participaram do evento que foi mediado pela jornalista Gi Ismael. A literatura infantojuvenil, tema da live, foi amplamente debatida, e cada autora falou sobre sua expertise como autoras de livros para os pequenos leitores.
2. Na quarta-feira passada (14/04), esteve aniversariando a jovem Linda Rhayana (foto), psicóloga, com cursos de pós-graduação em várias áreas de sua atividade. Linda é psicóloga da Casa Shalon e professora de Inglês da KNN. Recebe os cumprimentos dos pais Oliver e Lindinalva, do irmão Rhayan, dos avós professores Francelino e Magna, dos tios e do namorado Elionay.
3. Na quarta-feira (14/04) participei e vivenciei um momento sublime e inesquecível: o nascimento de 107 tartarugas-de-pente, à beira-mar da Praia de Tambaú. Voluntários da ONG Guajiru, que faz um trabalho fantástico na preservação dessa espécie, cuidado e nascimento destes importantes animais marinhos, direcionaram todo o trabalho de retirada e soltura destes animaizinhos.
4. O educador e empresário paraibano Janguê Diniz, sempre ao lado de sua esposa, Sandra Janguê, recebeu o casal Alok e Romana Novais (na foto, esta com a filhinha, Raika, ao colo), em sua bela vivenda, em Muro Alto, Porto de Galinhas - PE.
5. A Prefeita de Conde, Karla Pimentel (foto), através da Agência de Desenvolvimento, convidando para o lançamento oficial da Empresa Cavalinho Distribuidora de Combustíveis a ser instalada no distrito industrial do município, no próximo dia 28. Claro que estarei presente.
6. O Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires (foto), em parceria com a Central de Transplante e Banco de Olhos da Paraíba, realizou, na manhã da terça-feira (13/04), a primeira captação de órgãos do ano. Dois pacientes que aguardavam na Fila Única da Central de Transplante foram beneficiados com as córneas captadas de uma doadora de 54 anos.
7. Com essa pandemia, que um dia vai ter fim, os vistos consulares precisam estar em dia. E, para isso, a empresária Rejane Martins (foto), da Terramar Turismo está sempre apostos. Eu, providenciada que sou, já providenciei meu visto americano com a empresa dela.
8. Amor ao próximo, dedicação e respeito. Assim é o trabalho humano desenvolvido pela ONG Milagre Sertão, que se destacou entre projetos sociais de todo o país e foi divulgado no perfil da paraibana Juliette Freire (foto), participante do "Big Brother Brasil", como forma de celebrar os vinte milhões de seguidores da sister no Instagram.
9. O governador João Azevêdo, na foto de Francisco França, anunciou na última quinta-feira (14/04) a realização do 4º Festival de Música da Paraíba, nos dias 3, 4 e 10 de setembro deste ano, no Espaço Cultural, em João Pessoa. Nesta edição, que vai homenagear Genival Macedo, as inscrições podem ser feitas no período de 16 de abril a 31 de maio de 2021, pelo formulário de inscrição online, no endereço <http://festivaldemusica.pb.gov.br/>.
10. Ednamey Cirilo, Humberto Arruda, Naldo Barbosa, Lolita Ribeiro Coutinho, Ana Maria Gondim, Rinaldo Batista, Edgley Bezerra, Ildenir Palitot (na foto com o marido, Clark Maia), Ana Lustosa, Maristela Nóbrega, Fábio Rocha, Valdivia Santiago, Selda Ribeiro, Ligia Feliciano e Dil Moreira são os aniversariantes da semana.

**IMOBILIÁRIA PARAIBA PROPERTY**  
 www.paraibaproperty.com.br  
 +55 83 99302-7071

Contratações no mercado

# Grávidas ganham mais vagas

Sob a bandeira da inclusão e da equidade, organizações decidiram quebrar o tabu e abraçar a gestação

**Bianca Zanatta**  
 Agência Estado

Difícil encontrar uma mulher que não tenha ouvido, em uma entrevista de emprego, a fatídica pergunta: "Você pretende engravidar?". De acordo com uma pesquisa divulgada pela Catho em 2019, sete em cada dez mulheres afirmaram que o tema foi abordado no último processo seletivo de que participaram. Outro dado que chama a atenção é que, além de 30% já terem deixado o mercado de trabalho para cuidar dos filhos - ante 7% dos homens -, 47% abriram mão de oportunidades melhores ou promoções pela dificuldade que teriam em conciliar a vida profissional e a nova realidade familiar.

A maternidade também é alvo de preconceito em países desenvolvidos. Segundo um estudo realizado em 2020 pelo Instituto Holandês de Direitos Humanos, 20% das mulheres foram rejeitadas como candidatas devido a gravidez, maternidade ou intenção de ter filhos. Entre as holandesas, 34% relataram ainda que estavam prestes a assinar o contrato quando souberam da gestação - e as condições mudaram ou foram descartadas pelo contratante no último minuto.

Na tentativa de mudar esse quadro sob a bandeira de equidade, inclusão e diversidade, algumas organizações decidiram quebrar o tabu. Para elas, em vez de impeditiva, a gravidez é bem-vinda e abraçada - inclusive no momento da contratação.

É o caso da administradora de planos de saúde coletivos Qualicorp, que realizou dois processos seletivos focados em equidade em 2020 e hoje tem 55% dos quadros de liderança ocupados por mulheres. Três delas foram contratadas grávidas.

A diretora de compliance, riscos e auditoria Ana Paula de Medeiros, de 38 anos, entrou na empresa em dezembro, pouco depois de saber que teria sua primeira filha. "Quando descobri, já liguei agradecendo a proposta e dizendo que não poderia mais aceitar", afirma a executiva. Para a surpresa dela, o diretor mudou o rumo da conversa.

"Ele disse que a gravidez é uma coisa linda e que eu não tinha que desistir por isso", lembra. A justifi-



Empresas decidiram aceitar - e abraçar - a gravidez na hora de contratar

cativa é que a empresa quer construir uma relação de longo prazo com as colaboradoras - e os seis meses de licença-maternidade, perto disso, não representam empecilho.

A diretora chegou a se perguntar se daria conta de encarar um novo desafio nesse momento de vida, mas se sentiu acolhida pelo time. "É uma estrutura em que as pessoas respeitam e encaram a gravidez com naturalidade, respeitam horários e dias, dão apoio", diz. Entrando agora no oitavo mês de gestação, ela começou a planejar o período de afastamento. "Estruturamos uma equipe super forte, estou absolutamente segura."

Segundo Flávia Bossolani, diretora de pessoas e cultura da Qualicorp, a ampliação da representatividade feminina faz parte de um contexto maior de diversidade e inclusão. "Quisemos trazer mais mulheres para a liderança porque a ideia é contar com a profissional pelo que ela é, seja mãe de criança, de pet ou uma mulher que não quer ter filhos", explica. "O talento precisa ser valorizado, independentemente das condições da pessoa, então aqui a gente discute faixa salarial por posição e define antes de saber quem vai

ocupar o cargo", ela exemplifica. "Rejeitar um talento pelo que a pessoa é não é aceitável."

A executiva também fala que, ao contrário do que dita o preconceito, as mães trazem competências fundamentais, principalmente em momentos de crise como o da pandemia. "São profissionais com uma capacidade imensa de planejamento e foco em resultado, já que precisam se organizar entre o trabalho e a maternidade", diz.

**Equidade e conscientização**

Tendo as pessoas como principal ativo, a everis, empresa de tecnologia do grupo japonês NTT Data, não só contrata mulheres grávidas como tem um programa específico, chamado de everbaby, que acompanha as funcionárias ao longo da gestação e apoia no retorno após a licença-maternidade.

"Uma executiva qualificada que gesta uma criança tem muito a acrescentar do ponto de vista humano ao dia a dia de uma empresa de serviços", diz o CEO Ricardo Neves, que participou do projeto He for She da ONU.

"Comecei a entender que há diferenças abissais na realidade entre homens e mulheres e que o discurso de meritocracia dissimula a busca da real equidade quando vivemos numa sociedade em que nem todos partem do mesmo lugar", reflete. "Para mim, foi um 'wake up call' para o tema, como executivo, homem, pai de menina e cidadão que busca um mundo melhor e mais justo."

Ele conta que a everis é parceira da Laboratoria, organização social que forma mulheres em tecnologia na América Latina e da qual contratam profissionais para atuar em projetos da empresa, e da PrograMaria, que busca empoderar meninas e mulheres por meio da capacitação em tecnologia e programação.

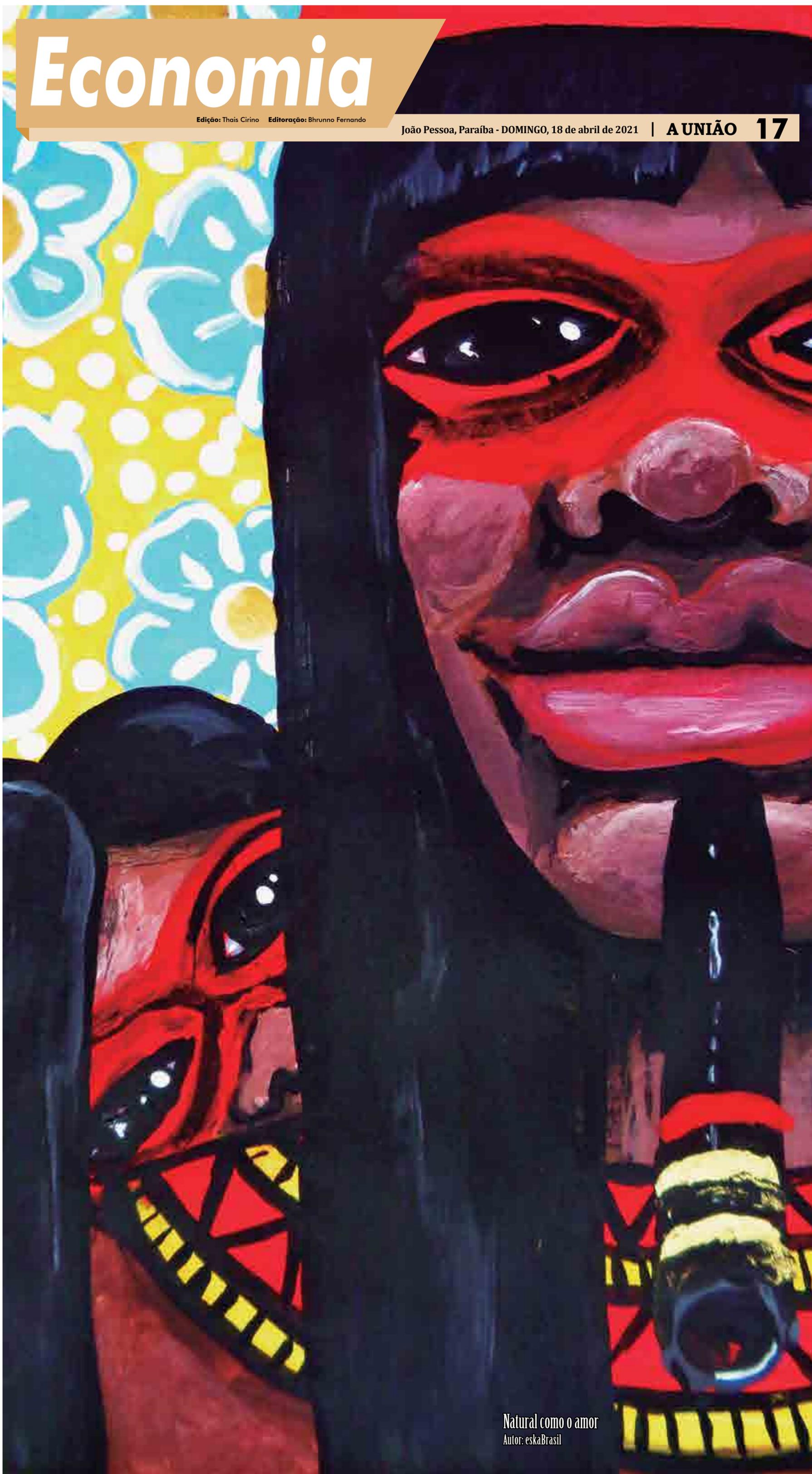
**PURPLE IGUANA INVESTMENTS**  
 M&A | EQUITY PARTNERS  
 New Office - João Pessoa - PARAIBA  
 Avenida João Cabrito da Silva, 221  
 ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B  
 Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005  
 Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

# Economia

Edição: Thais Cirino | Editoração: Bhrunno Fernando

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 18 de abril de 2021

A UNIÃO 17



Natural como o amor  
Autor: eskaBrasil

# Artesanato gera renda a comunidades indígenas

Além de representar uma forma de manifestação cultural, a venda de trabalhos manuais tem ajudado aldeias na Paraíba

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

Dentre as manifestações de resistência das mais de 300 etnias indígenas distribuídas pelo Brasil o artesanato segue ganhando força e espaço no mercado nacional. Na Paraíba, que possui dois grupos reconhecidos, potiguaras e tabajaras, a produção de itens que reforçam a cultura das tribos locais se tornou fonte de renda para famílias que encontraram na atividade uma forma de representação.

A produção conta com o auxílio de ações como o Programa do Artesanato Paraibano que ajuda a fomentar essa cultura, enquanto a Associação de Indígenas Potiguaras da Paraíba representa parte dessa população. Djalma Domingos Junior, representante da entidade, ressalta a importância da produção de peças artesanais, que, segundo ele, auxiliam “busca da renda econômica para a família que produz e também na valorização da cultura material”.

O artesão avalia que o trabalho ajuda a conectar o índio com suas próprias raízes. “O aumento da produção do artesanato indígena é também um incentivo para a história material de povos indígenas como os potiguaras”, salienta o artesão.

Acessórios como colares, pulseiras e brincos são algumas das produções feitas pelos potiguaras. Além disso, também produzem cocar, saias, maracás, entre outras peças feitas dentro de uma lógica sustentável. “No nosso artesanato, uma parte vem da natureza, como

as sementes, as fibras e o cipó, por exemplo; e outra parte vem da cidade como, as linhas, os fios encerados e as agulhas”, explicou Djalma Junior.

## Efeito da pandemia

Como na maioria das atividades econômicas do país, o período da pandemia afetou a produção artesanal indígena no último ano, especialmente, por estar atrelada ao turismo, outro setor que acumulou prejuízos. Por causa das dificuldades, os artesãos potiguaras não conseguiram produzir peças suficientes para participarem do Salão do Artesanato deste ano. “Durante essa pandemia o artesanato indígena potiguara sofreu uma queda muito grande, não conseguimos vender nossos produtos”, lamentou o representante da Associação de Indígenas Potiguaras da Paraíba.

Mesmo assim, a gestora do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), Marielza Rodriguez, reforçou o trabalho do Governo do Estado no estímulo e valorização do artesanato local, incluindo a produção dos indígenas potiguaras. “O artesanato indígena é a mais genuína forma de arte brasileira, os nossos primeiros habitantes já trançavam fibras e formavam utilitários e adornos com elementos da natureza muito antes dos colonizadores chegarem ao novo mundo. Em todas as ações do programa, valorizamos e estimulamos essa produção com o objetivo de preservar e fomentar essa tradição passada de geração pra geração nas tribos potiguaras”, argumentou.

Foto: Arquivo pessoal



Djalma Domingos Junior ressalta a importância da produção de peças artesanais para os índios

+

## Plataforma reúne trabalhos de diferentes etnias

Em todo o Brasil, as etnias indígenas sobrevivem protegendo grandes porções de áreas florestais da Amazônia e outros biomas, como o cerrado e a caatinga. Preservam também um patrimônio imaterial inestimável que se traduz em manifestações, rituais, ícones e objetos artesanais.

Na Paraíba, o artesanato em fibras está presente principalmente no Litoral, sendo a principal matéria-prima a fibra do coqueiro e cipós encontrados na vegetação de manguezais. Atualmente, é possível destacar ainda peças de decoração inclusive utilizadas na arquitetura e ambientação de espaços projetados com inserções de designers: móveis, luminárias,

jarros e enfeites de paredes podem ser encontrados em hotéis e residências de alto luxo.

Para valorizar e estimular o consumo da produção artesanal indígena, uma empresa mapeou 15 organizações de diferentes etnias em todo o país, que atuam na confecção ou comercialização do artesanato indígena, além de dez lojas especializadas em arte. Os grupos/lojas foram incluídos na plataforma do projeto (artefol.org.br), que funciona como um mapa do artesanato brasileiro, onde é possível encontrar informações sobre os artesãos e sua produção, além de contatá-los diretamente.

Segundo a diretora executiva

da ong, Josiane Masson, a inserção de associações indígenas e lojas especializadas na rede é uma estratégia para facilitar o acesso das aldeias ao mercado e fortalecer uma cadeia de comércio justo com pagamento de valores dignos pelo artesanato. “Dessa forma, é possível estimular a produção de diferentes etnias, para que sua cultura se mantenha viva”, explica.

Entre as muitas etnias brasileiras, as técnicas artesanais representam o fio que conecta a ancestralidade e a memória que transcorre gerações e resiste nas aldeias waurás, mehinakos, guaranis, krahôs, yanomamis, kayapos, huniKunin e de tantos outros povos no país.



Acessórios como colares, pulseiras, brincos e cocares são algumas das produções feitas por índios potiguaras que são expostas à venda no estado



Fotos: Programa do Artesanato Paraibano



## Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

**Chico Nunes**  
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

## Novos desafios impostos pela crise no campo da gestão

A cada dia, versões inovadoras no campo da gestão surgem em decorrência desta crise. As percepções extraídas deste contexto poderiam alimentar muitas teses sobre como necessitamos nos adequar a este novo tempo. Para dar foco ao que irei expor, destaco inicialmente as transformações ocorridas no quesito liderança.

Recentemente li um artigo interessante feito por Maria Augusta Orofino, uma professora, palestrante e escritora, que de forma muito pertinente aborda este tema da liderança nos dias atuais, com ênfase para “os 3 Cs da liderança de equipe remotas”.

É visível o quanto a pandemia alterou o estilo de liderança, que sai da convivência presencial para a remota. É desafiador encontrar formas de apoiar emocionalmente os liderados, à distância, garantindo a comunicação de forma clara e ainda tendo que alinhar os objetivos das equipes em função dos propósitos da organização.

Neste cenário, os “3 Cs da liderança remota”, de Jason Wingard, podem servir como base para uma gestão remota eficiente. São eles: clareza, comunicação e

conexão. No que se refere à clareza, há que se fazer uma transição de equipe presencial para híbrida ou completamente remota. Entra aí a necessidade de se estabelecer limites e diretrizes para garantir o sucesso da nova forma de trabalho. Requer apoio e uma definição que giram em torno da disponibilidade dos colaboradores. Eles passarão a produzir em um novo espaço, o que também representa um desafio.

Se tudo isto não estiver muito claro, a rotina pode se prolongar além dos limites, ocasionando exaustão. Aliado a isto, ainda poderão ocorrer queda de produtividade e insatisfação laboral. Cabe aos líderes a definição de métricas bem claras e alcançáveis, alinhadas com os objetivos pretendidos.

O “C” da comunicação torna-se extremamente importante e necessário. Trata-se de um trabalho remoto, onde a comunicação sem ruídos deverá esclarecer o que está sendo feito e quando a ajuda se torna necessária. Dela depende a correção de rumos em prol da gestão eficaz. A liderança remota precisa estabelecer uma relação de confiança com os colaboradores.

O Terceiro “C”, o da conexão,

desempenha uma função fundamental, que é evitar a solidão e o sentimento de isolamento do liderado. A frequência do acompanhamento por meio de reuniões, videoconferências e quaisquer outros tipos de interações virtuais, geram sentimentos mais colaborativos e de valorização humana.

As novas habilidades adquiridas pelos gestores terão que vencer os desafios de promoverem um ambiente estável, saudável, harmonioso e produtivo para suas equipes, tendo ainda que evitar sentimentos desumanizados, decorrentes desta nova prática de liderança virtual.

O sentimento de equipe ganha novo contorno. A coesão dos colaboradores, quando trabalhada presencialmente, torna-se mais fácil do que em construções virtuais. Daí surge a necessidade de uma afinação com os novos canais de escutas e de uma atenção às necessidades individuais. A partir delas, deve-se iniciar a construção do coletivo. Distó, depende fortemente a formação do espírito de união e de grupo.

Estamos, sob vários aspectos, vivendo um momento de grande transformação

digital. Muitos processos físicos viraram virtuais, a TI alfabetizou novos adeptos e governos, empresas e cidadãos se modernizaram numa velocidade que exige dos gestores respostas nas mesmas proporções.

Diante deste cenário, trabalhar e se planejar neste mundo ‘vuca’ é uma tarefa cada vez mais complexa. Por isso, é importante entender quais habilidades são indispensáveis para lidar com ele e o que as empresas e governos não podem perder de vista para serem eficazes no exercício das suas missões.

A palavra ‘vuca’ é um acrônimo em inglês para volatilidade (volatility), incerteza (uncertainty), complexidade (complexity) e ambiguidade (ambiguity). A volatilidade significa a velocidade com a qual as mudanças passaram a acontecer. A incerteza está relacionada com a capacidade de tentar prever o futuro com segurança. A complexidade se refere aos fatores que precisamos analisar antes de tomar uma decisão e, por fim, a ambiguidade diz respeito ao clima de incerteza produzindo diferentes leituras sobre um mesmo cenário.



Fotos: Marcus Antonius



Na Paraíba, profissionais do Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), do Ibama, e do Zoológico Parque Arruda Câmara trabalham para resgatar, cuidar e salvar animais encontrados em situação de risco

# Trabalho e dedicação para proteger animais silvestres

Em situações de risco, bichos são resgatados, cuidados e, sempre que possível, devolvidos ao habitat natural

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

Os animais silvestres são aqueles que não têm, ou ao menos não deveriam ter, contato com seres humanos. Entretanto, seja por mudanças nos biomas ou o tráfico ilegal, esses animais são inseridos no convívio humano e, por vezes, precisam de resgate e recuperação. Na Paraíba, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) acontece através do Centro de Triagem de Animais Silvestres, o Cetas, e na capital do estado, o Parque Zoológico Arruda Câmara (Bica) oferecem auxílio e abrigo a esses animais.

“O Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) é uma unidade do Ibama responsável pelo manejo dos animais silvestres que são recebidos de ações de fiscalização desenvolvidas tanto pela entidade quanto pelos demais órgãos ambientais, além de resgate ou entrega voluntária de animais por particulares”, explica o superintendente do Ibama na Paraíba, Arthur Navarro.

“Assim que esses animais são recebidos, é realizado um processo de identificação, avaliação, recuperação e, se for o caso, reabilitação. Após esses procedimentos, é verificada a possibilidade de retorno à natureza. O Ibama promove a devolução desses animais aos respectivos biomas do habitat natural”, completou Navarro.

Somente em 2020, a Superintendência do Ibama na Paraíba devolveu 700 animais à natureza.

O principal objetivo da recuperação desses animais é a garantia de que as espécies vão se perpetuar, evitando assim a extinção. “O Cetas promove toda a reabilitação que o animal necessita para voltar à natureza, o seu ambiente vital e natural. Seja algum tratamento veterinário, cirurgia, exame para identificar alguma lesão, até a sua total reabilitação”, ressaltou Arthur Navarro.

## Bichos são avaliados

No Parque da Bica, os animais chegam através do Cetas por meio do encaminhamento feito pela Polícia Ambiental. “Geralmente, são casos de animais vítimas de tráfico, abandono, atropelamento ou entrega voluntária. Grande parte chega bastante debilitado e necessitando de atendimento médico veterinário”, explicou a bióloga do setor de divisão do zoológico, Ingrid Louise.

O processo, a partir da chegada desses animais ao parque, é bem detalhado. De acordo com Ingrid, “ao chegar ao zoológico, os animais vão para a quarentena e recebem avaliação de toda a equipe de técnicos (biólogos, veterinários, zootecnista e ecólogo). Caso necessitem de tratamento médico veterinário, os cuidados são realizados até se recuperarem. Perante a determinação do Cetas, se o animal tiver condições de ser devolvido à natureza, o zoológico fará o papel de reabilitação e, posteriormente, o Cetas realizará a soltura. Para os animais que, infelizmente, por algum motivo de saúde ou comportamental, não possam retornar

à natureza, podem ser inseridos em nosso plantel, em um recinto apropriado de acordo com as leis vigentes do Ibama ou encaminhados para outra instituição”, contou ela.

Segundo a bióloga, o trabalho feito pelo Parque da Bica e pelo Cetas é de suma importância, pois “existem muitos animais que estão sofrendo com tráfico, desmatamento, queimadas, atropelamento e demais intervenções humanas e, infelizmente, não existem locais para abrigar todos esses animais que não podem mais retornar à natureza”, disse. Sendo assim, o

parque zoobotânico se preocupa em “oferecer os melhores cuidados e bem-estar para esses animais pelo resto da vida deles”, completou Ingrid.

De acordo com ela, existe também a importância relacionada à conservação, em que o parque se insere em um plano de manejo que visa conservar esses animais e suas espécies. “Com esses planos de manejo, os zoológicos podem ter autorização para reproduzir os animais e futuramente, se necessário, os filhotes podem ser reintroduzidos na natureza. Existe a produção científica

para desenvolver conhecimentos e estudos acerca de cada espécie, juntamente com os esforços de uma educação ambiental para que tal conhecimento possa ser passado à população para ajudar na conservação”, destacou Ingrid.

## Papel da sociedade

A população pode contribuir com o trabalho de resgate e recuperação de animais silvestres procurando as entidades responsáveis por esses cuidados ao se deparar com um caso desses, seja em vias públicas ou

na posse de pessoas não autorizadas a essa criação.

A bióloga Ingrid Louise ainda resalta que a população deve evitar manusear o animal e aguardar as orientações que os órgãos responsáveis irão fornecer durante o atendimento até que cheguem ao local indicado.

## SERVIÇO

As denúncias podem ser feitas através do telefone do Ibama: 0800 61 8080; do Cetas na Paraíba: 3245-4901; ou através da Polícia Ambiental: 3218-7222.



Sempre que é possível, o animal cuidado é solto em seu habitat natural



Muitos animais silvestres são traficados, caçados ou mantidos presos



Na Bica, bichos que não podem voltar à natureza são acolhidos e cuidados



Fotos: Roberto Guedes

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

A pandemia acelerou a digitalização de processos internos nas empresas e deu novo impulso às compras e transações virtuais no mundo dos negócios. O futuro irreversível exigiu mais agilidade nas adaptações de micro, pequenas e grandes empresas. A fim de fomentar este contexto, acontecerá entre os dias 5 e 8 de maio a Feira Internacional de Negócios Criativos e Colaborativos 2021 do Sebrae Paraíba, de maneira 100% online. A Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) é uma das que marcará presença na FINCC com um estande virtual, e também participará da mesa-redonda sobre Jornalismo, Cultura e História, no último dia do evento.

A jornalista Naná Garcez, diretora-presidente da EPC, avalia que a feira será uma oportunidade de aprendizado e pesquisa de campo para os passos futuros da empresa. “Nós estamos aproveitando essa experiência de atuar com negócios na internet, porque pretendemos lançar a nossa livraria digital ainda este ano. Então, nós vamos levar para a feira não só a parte de publicações de livros e capacidade editorial, como também a possibilidade de construir novos negócios em conjunto com participantes da feira. Empresários que, por exemplo, possuem produtos exclusivos, poderão fazer seus catálogos conosco, nós desenvolvemos e imprimimos”, comentou.

Na loja virtual da EPC na

## EPC participa de feira de negócios de olho no futuro

### Empresa marcará presença na FINCC 2021 com estande virtual de livros e em mesa-redonda

FINCC Digital 2021, será possível encontrar publicações da Editora A União, edições do suplemento literário Correio das Artes, a assinatura do jornal A União, dentre outros serviços. Para Alexandre Macedo, gerente operacional da editora, a participação no evento será um passo decisivo para a inserção da empresa no mundo digital dentro do contexto de negócios e negociações.

“Será uma oportunidade da gente apresentar a nossa empresa para um grande público, o que vai consolidar ainda mais a marca da EPC como uma grande empresa de comunicação no estado. O trabalho da editora, por exemplo, apesar das dificuldades de mais de um ano de pandemia, ele não parou. A gente trabalhou durante esse momento, às vezes de forma remota, outras vezes fazendo

rodízio, quando possível de forma presencial, mas a nossa produção não parou”, lembrou Macedo.

O livro “Paulo Pontes: a arte das coisas sabidas” estará disponível para compra durante a feira e é um exemplo de obra lançada durante esse período de pandemia. “Estamos com vários projetos em andamento de livros, catálogo sobre cultura popular, etc. Faço questão de dizer tam-

bém que estamos comercializando inclusive livros infanto juvenis. Então, eu acho que a Editora A União hoje prima pela qualidade dos seus serviços e produtos e também dispõe de uma diversidade de linguagens, atendendo a vários públicos”, enfatizou Alexandre.

Ao todo, serão 18 títulos publicados pela Editora A União que estarão à disposição para aquisição durante a

FINCC. Algumas delas serão: os volumes da trilogia sobre “Celso Furtado, a esperança militante”; “Espelhos de Papel: a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União”; “Paulo Pontes: a arte das coisas sabidas”; “Celso Amorim: entre virtudes e vocações”; “Jackson do Pandeiro: 100 anos do Rei do Ritmo”; “Paraíba Nomes do Século”; “Revista 90 anos da Revolução de 1930”, entre outros.



Fotos: Marcus Antonius

Diretora-presidente, Naná Garcez, destacou a importância do encontro para novos negócios e fez o anúncio de “livraria digital ainda este ano”

## Mesa debate jornalismo, cultura e história

A Feira Internacional de Negócios Criativos e Colaborativos 2021 será também um momento de debates e construção de conhecimento. A mesa-redonda “Jornalismo, Cultura e História da Paraíba”, no último dia do evento, será comandada por integrantes da EPC, que se desdobra em Rádio Tabajara, Jornal A União, Editora, Gráfica, Correio das Artes, Jornalismo e comunicação pública, trará um representante para cada um dos eixos temáticos. “A vida que passa nas ruas, a vida que passa no cotidiano do paraibano, está retratada nas páginas do jornal e também é contada na rádio”, comentou Naná Garcez, diretora-presidente da EPC.

Além de Naná Garcez, a mesa-redonda será compo-

ta por William Costa, diretor de mídia impressa, e Albiege Fernandes, diretora de Rádio e TV; Alexandre Macedo, gerente operacional da editora, e André Cananéa, gerente executivo de mídia impressa e editor do Correio das Artes; Karl Neuman, mídia social da Rádio Tabajara; Nilton Tavares, gerente executivo de produção gráfica; Thiago Xavier, gerente comercial e de marketing; Marcos Thomaz, gerente executivo de conteúdo jornalístico da Rádio Tabajara, e Ivyna Souto, apresentadora e editora do programa Fala Paraíba, da Rádio Tabajara.

Outro destaque para a participação da EPC na FINCC é a participação com a divulgação da Rádio Tabajara. “Nós somos uma rádio com uma

boa audiência e quem quiser anunciar conosco sempre vai ter a garantia de que o público que vai ouvir seu anúncio é um público seletivo, exatamente pelo padrão de qualidade da nossa programação”, destacou a diretora de Rádio e TV da EPC, Albiege Fernandes. “Esse é o produto mais importante que nós temos, a credibilidade e a qualidade da nossa emissora. Quem anuncia, quer anunciar em um veículo que tenha, principalmente, audiência, porque quem quer vender precisa desse público que pode consumir e adquirir. Esse é o público também da Tabajara. Não somos uma rádio de elite, mas somos uma rádio que prima muito pela cultura local”, complementou.

O processo de preparação para o evento mobilizou todos os setores da EPC, dentro de todos os seus segmentos. E isso, por si só, já se configura como um enorme sucesso, conforme observou Alexandre Macedo. “Eu acho que isso também reforça a política interna de interação entre os diferentes setores da EPC. Essa organização fortaleceu bastante a interação entre os profissionais. Foi uma feira que mexeu com todo mundo, mexeu com todos os setores e que deu essa provocação para uma nova forma de atuar no mercado que é através da interação e da colaboração”, finalizou o gerente operacional da Editora A União.

## + Evento terá 300 lojas virtuais no marketplace

A Feira Internacional de Negócios Criativos e Colaborativos deste ano adapta-se ao momento pandêmico que o mundo vive. Segundo Regina Amorim, gestora de Turismo do Sebrae Paraíba, a feira “está bem adequada ao comportamento do consumidor nos tempos atuais, fortemente vinculado às mídias digitais, que passaram a desempenhar um papel importante nas nossas vidas, sendo evidenciado ainda mais na pandemia. Os eventos digitais ou híbridos estão conquistando o mercado, e continuarão por esses próximos anos, porque esse

formato de eventos é uma solução viável, assertiva e totalmente eficaz para os pequenos, médios e grandes eventos e continuará em evidência em 2021”, disse ela.

Serão aproximadamente 300 lojas virtuais no marketplace da feira, deixando a gestora otimista com relação aos resultados. “Isso [a demanda] nos leva a concluir que o evento traz bons resultados em termos de visibilidade e projeção das empresas; mais segurança para todos os envolvidos com os eventos em tempos de pandemia; mais possibilidades de negócios; mais acessos

de visitantes; mais inteligência de dados; menos investimentos; mais relacionamentos e maior abrangência; aumento significativo da interação com a marca e mais otimização de tempo”, pontuou Regina.

A FINCC será aberta ao público de forma gratuita, através do link [www.fincc.com.br](http://www.fincc.com.br). Além do marketplace, será possível acompanhar oito mesas-redondas distribuídas na programação ao longo dos quatro dias de evento. “Destaco aqui a mesa-redonda sobre Jornalismo, Cultura e História, que traz um conteúdo inte-

Participação na feira integrou todos os setores da EPC, comenta o gerente operacional da Editora A União, Alexandre Macedo



rativo para o público e totalmente focado na economia criativa e colaborativa. Muitas curiosidades que certamente enriquecerão o conhecimento dos internautas”, concluiu Amorim.



Utilize o QR-Code para acessar loja virtual da EPC no site da FINCC

# Esportes

Edição: Geraldo Varela | Editoração: Bhrunno Fernando

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 18 de abril de 2021 | A UNIÃO 21



O homem mais velho que a terra  
Autor: Chico Viola

# HOJE, NO CARNEIRÃO



Foto: São Paulo Crystal/Divulgação

## Duelo de Águia contra Raposa



O São Paulo Crystal estreia em casa contra o Campinense pelo Paraibano com aspirações bem maiores que em 2020



Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

Campinense e São Paulo Crystal se enfrentam, hoje, às 16h, no Estádio Carneirão, em Cruz do Espírito Santo, fechando a primeira rodada do Campeonato Paraibano. A disputa coloca o atual vice-campeão estadual contra um adversário que vai para a sua segunda experiência na elite do futebol paraibano após conseguir garantir a sua permanência no torneio do ano passado. Será um jogo de um dos favoritos à disputa contra uma equipe que ainda espera se firmar no futebol paraibano e mostrar que pode fazer frente aos clubes tradicionais.

Passando por um processo de reestruturação organizacional e financeiro, após anos de gastos excessivos e sem receita correspondente, o Campinense Clube, que completou 106 anos de existência na última segunda-feira (12), chega para o Campeonato Paraibano de 2021 com muitas dúvidas em torno do que a equipe montada para essa temporada será capaz de produzir. Com uma pré-temporada com resultados positivos, mas no único teste para valer, realizado até o momento, jogo contra o Bahia pela Copa do Brasil, o time sofreu uma vexatória derrota por 7 a 1 dentro de casa.

Desde então, o trabalho da direção do clube, da comissão técnica comandada por Ederson Araújo - o técnico esteve no comando do

Atlético de Cajazeiras realizando bons trabalhos nas últimas duas temporadas e assinou para esse ano com a Raposa - e a qualidade do elenco passaram a ser alvo de críticas e muita desconfiança por parte da torcida raposeira que, desde 2016 não sabe o que é comemorar um título com o rubro-negro de Campina Grande, segundo maior campeão da Paraíba com 20 troféus estaduais.

Com apenas um jogo oficial na temporada, o Campinense terá que começar a disputa do Estadual correndo atrás, ao menos em termos de rendimento e ritmo de jogo, em relação aos seus dois principais rivais, Botafogo e Treze que, mesmo eliminados de forma precoce na Copa do Nordeste, vinham em ritmo de competição e, por isso, entram já em condições mais aceleradas na sua preparação para a disputa do Estadual. Contudo, mesmo em meio à desconfiança gerada pelo fiasco na Copa do Brasil e com essa diferença de ritmo em relação aos outros favoritos, o treinador raposeiro acredita que a equipe irá brigar pelo título esse ano.

"Na verdade, nós tivemos praticamente duas pré-temporadas, a primeira foi antes do jogo contra o Bahia que aconteceu aquele acidente de percurso onde passamos aquela vergonha grande. Depois disso, mudamos bastante, trocamos alguns atletas e nos reforçamos, deixando o time bem mais competitivo. Com relação ao Botafogo e Treze, vai haver uma dife-

rença, eles estão em vantagem por estarem vindo com ritmo de jogo melhor que o nosso, mas mesmo assim, estamos muito confiantes com esse elenco que montamos e com a metodologia que foi assimilada muito bem pelos atletas. Diante disso, acreditamos que vamos fazer um grande campeonato estadual onde vamos jogar sempre para vencer e buscar o título para o clube.", afirmou Ederson Araújo.

Enquanto isso, o São Paulo Crystal, clube que possui como dono um empresário paraibano do ramo da cachaça, cujo nome da empresa é homônimo ao seu time, segue fazendo um trabalho com pés no chão e investimento condizente com a sua realidade, a busca por se estabelecer entre os clubes profissionais do estado. Nesse sentido, a equipe mudou seu treinador ainda na pré-temporada, saindo Wilton Bezerra - que comandou a equipe no ano passado - para a chegada do experiente Ramiro Souza, profundo conhecedor do futebol paraibano - cinco vezes campeão estadual como jogador e técnico em várias equipes do estado como CSP e Botafogo -.

Mesmo seguindo o seu processo de estruturação que começou ainda na segunda divisão estadual, uma diferença em relação ao ano passado segue sendo bastante sentida no clube por conta da covid-19: a partida precoce do ex-diretor executivo do clube, Eduardo Araújo, vítima da pandemia aos 33 anos de idade. Sem o trabalho de Eduardo

nos bastidores da equipe, quem assumiu a missão de comandar o departamento de futebol da agremiação foi Arthur Ferreira que, no ano passado, exercia a mesma função no rebaixado Sport Lagoa Seca.

Para Ramiro Souza, novo comandante do São Paulo, a equipe está sim pronta para pensar em algo mais do que apenas a luta pela permanência no Estadual, feito que conseguiu no ano passado. Segundo ele, a equipe de Cruz do Espírito Santo segue crescendo enquanto agremiação e possui hoje uma estrutura que permite pensar em uma classificação entre os seis melhores times do campeonato e quem sabe, até mesmo uma luta

pela vaga na Série D de 2022. A caminhada para tal, começa hoje, já diante do favorito Campinense.

"O São Paulo possui um grande projeto de curto, médio e longo prazo. Esse é um clube que está caminhando para se estabelecer entre as principais equipes do cenário paraibano e competir por coisas grandes a partir disso. Não será fácil e desde o princípio já vamos enfrentar um adversário muito forte, mas eu acredito que temos as condições necessárias para fazer um grande estadual e conseguir chegar longe dentro dessa competição, quem sabe até mesmo lutar por vagas em competições nacionais", comentou Ramiro Souza.

Foto: Samir Oliveira/Campinense



O técnico Ederson Araújo acredita no novo elenco e projeta bons resultados no Estadual

# “Clubes deveriam decidir tudo e CBF apoiar. País está perdido”, diz Muricy

Coordenador técnico do São Paulo fala, ainda, dos vários problemas no clube, de política e também da pandemia

**Robson Morelli**  
Agência Estado

Novo coordenador técnico do São Paulo, Muricy Ramalho encara um desafio completamente diferente na carreira. Não apenas por causa das dificuldades impostas pela pandemia do novo coronavírus, mas porque encontrou muitos problemas no Morumbi, como falta de dinheiro.

Nesta entrevista do Estadão, o ex-treinador aponta caminhos para tirar o time de uma fila sem títulos que já dura desde 2012 e diz que os clubes deveriam decidir tudo no futebol, e a CBF só deveria apoiá-los. Garante ainda que não tem lado na política e defende, com as informações que tem, que o atleta está mais seguro treinando e jogando, do que em casa fazendo churrasco com os amigos.

## A entrevista

### Você tem claro qual é o seu papel no São Paulo, sua nova função?

Tenho claro desde o dia em que me convidaram para assumir o posto. Não tinha outro tipo de função para eu fazer. Minha área agora é ser coordenador técnico. Aceitei. Estava bem claro para mim o que deveria fazer desde o começo. Por exemplo, entrevistei dez técnicos antes de contratar o Hernán Crespo. Falei com técnicos uruguaios, portugueses, espanhóis... Esta é uma das minhas novas funções. Queria saber como eles trabalhavam, como faziam a preparação do time, o que tinham estudado na carreira, se conheciam o São Paulo. Tinha de checar tudo o que interessava ao clube naquele momento com aquele profissional.

### O que mais, Muricy?

Eu tenho de dar suporte ao treinador, ajudá-lo a conhecer o jeito do clube, fazer com que ele conheça o São Paulo, estar com ele o tempo todo e fazer uma ligação de Cotia com a Barra Funda, das categorias de base com o time profissional. E também tem o meu trabalho com a diretoria. Converso todos os dias com eles e também com os jogadores.

### Você vai se meter na formação do time?

Não. Não falo nada de tática. Não tenho mais esse pensamento de ser técnico nem tenho mais essa

postura. Ser treinador não é mais comigo. Não me meto na parte tática. Isto está no meu contrato até. No dia a dia, volto a lidar com o pessoal do CT. Isso é bem legal para mim, falar com o roupeiro, com as pessoas do clube. Gosto desta parte.

### Qual é a sua avaliação do elenco?

Para avaliar, é preciso que o time jogue mais, é preciso ter mais partidas. A gente ainda está muito no começo desse processo para saber como o time está na real. No papel, o São Paulo contratou bem. Não temos dinheiro para nada e todo mundo sabe disso. Encontramos o clube muito mal financeiramente. Então, de acordo com o nosso orçamento, temos de ver os jogadores que conseguimos trazer. Acho que acertamos (contratou Miranda, Benítez, Eder, William). O ambiente está ótimo. Mas temos de esperar para avaliar melhor o time.

### O que você pensa de jogador para compor elenco?

Ainda é preciso ter jogadores que completam o elenco. Se não tiver na base, tem de buscar fora. O calendário vai apertar. Dia 20 já tem Libertadores. Depois vem os jogos do Paulistão. Então, entendo que tem de ter plantel. A parte econômica dificulta neste momento. Para completar o elenco, temos de

buscar sempre na base. E, se não tiver, temos de ir para o mercado. Já comandeí times sub-11 e sub-12 e sei que algumas apostas não vingam. Então você é obrigado a contratar fora. Os nossos contratos na base são de quatro anos, em média, mas o jogador pode não virar. É complicado. Existe espaço para acertar, mas também existe espaço para errar. O futebol é assim.

### Como administrar o custo-benefício do Daniel Alves?

Não posso pensar no custo de um jogador. Ele já está no clube e o Daniel Alves é um dos melhores do São Paulo. É claro que prometeram para ele o salário que ganha e isso já está feito. O clube deve muito para ele (estima-se R\$ 10 milhões) e o caso parecia deixado de lado. Não está mais assim. A dívida com o Daniel não é de agora. Estamos tentando solucionar, dando satisfação para ele e também para os seus agentes. Agora ele recebe satisfação de tudo. Dentro de campo, o Daniel parece que está começando na carreira.

### O São Paulo parou no tempo? Não ganha nada desde 2012. Como isso aconteceu?

O São Paulo parou mesmo no tempo. Quando você começa a ganhar muito, você se perde. Tem de fazer todo mundo entender que o trabalho precisa continuar. Todos

precisam fazer mais do que vinham fazendo. Você tem de convencer os caras disso. O São Paulo era primeiro em tudo, mas começou a ganhar e se acomodou. O São Paulo se acomodou e parou. Outros times vieram e começaram a ser iguais e até melhores. Passaram o São Paulo. Você precisa andar, ter os melhores jogadores, a melhor estrutura, a melhor tecnologia. Aí os resultados vêm. Tínhamos tudo isso muito bem feito. Mas se perdeu. Não se acha mais nada.

### Como é sua rotina?

Eu vou para o CT todos os dias. Tem a coisa da covid-19. É complicado. Tomo muito cuidado. Chego no café quando não tem mais nenhum atleta por lá. Tomo café sozinho. Para ver os treinos, vou para a arquibancada num lugar separado ou fico atrás do gol. Quando quero falar com um ou dois jogadores, reúno esses atletas no auditório, que é um lugar espaçoso, e a gente fica um longe do outro. Também almoço sozinho. Tudo isso por causa da pandemia.

### Como você se virou nesse um ano de pandemia?

Desde que começou a pandemia, tenho meus costumes. Fico em casa. Não saio para nada. Sou rigoroso quanto a isso. Vai chegar o meu dia de vacinação em breve. Está marcado para o dia 21 deste mês (abril).

### Você não acha que o futebol está forçando para jogar? Não deveria parar?

O futebol tinha de contribuir mais pelo exemplo, é isso que entendo que estão falando. Falou-se muito dos protocolos. Eu entendo que o futebol é mais cobrado para dar exemplo. Os jogadores estão mais seguros quando estão com a gente. Se eles ficarem em casa, vão fazer churrasco, vão reunir amigos. Se fosse para parar o futebol, teria de parar no Brasil todo. Parar com tudo por um tempo. Seria algo para o bem de todos. Se todo mundo pudesse se reunir, eles poderiam tomar essa decisão. Mas ninguém fez isso. Cada um busca o melhor para si.

Quanto tempo uma revelação deve ficar no clube? Pergunto isso por causa da venda do Brenner para o futebol dos EUA.

O Brenner teve uma oportunidade única. O dinheiro era muito

bom. Não tinha outra oferta. Cada jogador é um jogador neste sentido. O clube tem de tentar vender da melhor forma. Os times vivem disso, precisam desse dinheiro. É preciso saber se o jogador vai dar mais frutos, se vai conseguir ganhar títulos. Não há uma forma certa para tratar disso. Futebol é assim mesmo. Pode ser que ele faça diferença nos campeonatos, mas você não tem essa segurança. E todo clube tem contas para pagar.

### Quem você gosta de ver jogos no Brasil, já sabendo que você continua com o hábito de acompanhar tudo que pode (durante a entrevista, por telefone, estava vendo Porto e Chelsea, pela Liga dos Campeões)?

Tem muita gente boa jogando no Brasil. Acho que a gente melhorou muito. Gosto de ver o Arrascaeta, do Flamengo. Tem também o Daniel Alves. Gosto de ver o Maicon lá no Grêmio, ele domina o meio de campo do time. Tem o Bruno Henrique, também do Flamengo. No Santos, gosto de ver o Marinho e o Soteldo. Tem o Luiz Adriano no Palmeiras. O futebol brasileiro tem bons jogadores.

### Você acha que os clubes deveriam tomar as rédeas do futebol brasileiro?

Eu conheço todos lá na CBF. Conheço o (presidente) Rogério Caboclo, o Tite, o Juninho Paulista, a turma toda que toca o futebol. Eles são competentes. Mas quem tem de mandar no futebol são os clubes. Sempre defendi isso. Sabemos que os clubes dependem de ajuda financeira. Mas quem tem de decidir as coisas do futebol são os clubes. Eles deveriam ser responsáveis por tudo que é decidido. A CBF tem um papel de apoiar.

### Qual é sua opinião sobre o Brasil?

A política do Brasil não funciona. Há muita corrupção. Eu sempre falei isso. Não gosto de política nem de políticos. Não tem cara bom. A maioria faz mal para o País. Não tenho lado. Se o Brasil entrasse num acordo, seria o melhor país do mundo. Era preciso ser correto com o povo e não usar o povo para se eleger. É tudo mentira o que eles falam. Eles cuidam deles próprios e da turma deles. Isto me irrita demais.



O coordenador técnico Muricy Ramalho (C) durante a apresentação do treinador Hernan Crespo no Centro de Treinamento do São Paulo

# TININHA

## Em busca de melhores ondas



A pandemia do novo coronavírus afastou a paraibana dos treinos e ela teve de se reinventar, agora trabalhando numa loja de distribuição de açaí no Rio de Janeiro, longe das ondas

**A surfista Diana Cristina, aos 30 anos, fala do preconceito e das dificuldades de um esportista para seguir brilhando no esporte**

**Iago Sarinho**  
iagosarinho@gmail.com

De Baía da Traição para o mundo, essa é e poderia ter sido ainda mais a história de Diana Cristina, a Tininha, hoje com 30 anos de idade, residindo há 10 anos, no Rio de Janeiro. Dona de um talento único, ela surgiu para o surf e, desde muito cedo, ficou claro para o cenário da Paraíba e do Brasil que aquela menina de origem indígena, paraibana e nordestina, poderia, através do esporte, conquistar feitos únicos nas maiores e melhores ondas do mundo. Foi justamente isso que ela fez, ao menos, até onde pôde com suas próprias forças e tendo que lidar com as barreiras de um esporte que, longe dos holofotes, é marcado por uma forte

disputa mercadológica capaz de elevar ou impedir a ascensão de talentos no cenário internacional.

Foi nesse cenário, na maior parte de sua trajetória, que Tininha precisou lutar para romper as barreiras, muitas vezes invisíveis, do preconceito, seja pela sua cor, sua origem ou por não se enquadrar nos padrões de beleza vendáveis para as grandes marcas de moda-surf que investem visando o retorno financeiro e de vendas para seus produtos. Nesse espectro, a paraibana nunca se encaixou, pois nunca lhe permitiram, efetivamente, fazer parte desse contexto, mesmo tendo um talento indiscutível.

Contudo, mesmo sem apoios ou patrocínios que lhe dessem a segurança para competir e participar, especialmente de

etapas internacionais, Tininha foi capaz de grandes feitos como o título de campeã brasileira, um terceiro lugar no Mundial e mais seis disputas de WQS 6 estrelas - Qualificatório para mulheres do surf internacional na categoria de maior nível -, além de títulos paraibanos e regionais. Hoje, aos 30 anos de idade, ela segue batalhando para seguir surfando e, enquanto aguarda o fim da pandemia, trabalha em uma distribuidora de açaí do Rio de Janeiro para tirar seu sustento enquanto sonha com as melhores ondas que ainda há de surfar.

Sobre sua carreira, preconceitos e barreiras que teve que ultrapassar e o desejo de ainda se provar no esporte, conversamos com Tininha na entrevista que você confere a seguir:

### A ENTREVISTA

**Como você está lidando com a ausência de competições e as restrições por conta da pandemia. Qual o reflexo disso para você e para o cenário do surf no Brasil?**

Após tantos anos sem ou com poucos eventos para se disputar no Brasil, logo em seguida veio essa pandemia. Para nós surfistas, que sempre nos mantemos com premiações de eventos, está sendo muito complicado e, por conta disso, muitos desistiram, pararam de surfar e muitos, até necessidades estão passando. É uma situação bem triste, mas é a realidade que vivemos atualmente. A falta de apoio, de reconhecimento com atletas é o grande causador disso. Vivo no Rio há cerca de 10 anos e, hoje, estou trabalhando em uma empresa de açaí, de onde tiro o meu sustento enquanto aguardo a chance de poder retornar à competir.

**Olhando para trás, como você avalia sua carreira? O que mais te orgulha e o**

**que você acha que ficou faltando e que você não pôde realizar ou ainda espera conseguir?**

Comecei aos 9 anos de idade incentivada pelo meu primo, Thiago, na minha cidade natal, Baía da Traição. Desde então, sempre me dediquei ao esporte trabalhando duro e conquistando títulos paraibanos, nordestinos, brasileiro amador e o título brasileiro profissional, além de uma terceira colocação de etapa mundial e 3ª colocação mundial e disputas de WQS 6 estrelas. Através do surf tive o prazer de conhecer os melhores e mais famosos lugares do mundo dentro desse esporte. Países lindos, ondas incríveis, onde pude conquistar títulos muito importantes. Sou grata a tudo que vivi. Espero futuramente o retorno das competições, pois sigo querendo competir. Que grandes empresários olhem mais para nós atletas e novas oportunidades aconteçam. Pois amo e sigo amando o surf, essa conexão com o mar.

**Quais as maiores barreiras que você enfrentou na sua carreira e como você lidou com elas? Hoje em dia, elas permanecem ou houve avanços nesse sentido para que alguém como você possa surgir e ascender dentro do cenário brasileiro e mundial do surf?**

Em 21 anos dedicados ao esporte, passei por muitas coisas. Preconceito por ser lésbica, por ser negra e nordestina. Mas sempre levantei a cabeça, nunca deixei que isso me impedisse de seguir em busca dos meus sonhos. Poderia ter conquistado muito mais títulos, não tenho dúvidas disso, se as empresas que trabalhei tivessem investido mais no meu talento, e não apenas buscado por padrões de beleza, pois o que muitas empresas buscam, é o perfil loira, bonita, modelinho. Justamente por não seguir esse perfil, fui mandada embora e, assim, segui por anos sem patrocínio. Tudo que tinha conquistado tive que investir em mim mesma para participar por anos nos even-

tos. Hoje, trabalho para sobreviver aqui no Rio, pois vejo que o esporte no Brasil não está sendo valorizado. Isso me entristece, pois muitas meninas que estão iniciando no esporte não vão ter nem a mesma oportunidade que tive, embora com todas as dificuldades, 20 anos atrás. Espero que tudo isso passe e mude. Que esses pensamentos negativos e preconceituosos acabem e que o talento somado ao esforço sejam a prioridade e tenham reconhecimento.

**Hoje, mesmo com tantas dificuldades, você segue sem cogitar encerrar sua carreira, quais são os seus objetivos dentro do esporte?**

Força e vontade nunca me faltaram. Meu desejo agora é poder retornar às competições e é isso que vou buscar, pois sei que ainda posso conquistar muitas coisas. O que me falta é patrocínio e oportunidades de mostrar o que amo e sei fazer de melhor, que é surfar.





Eduardo Martins

# Poeta e jornalista ajudou a fundar o Correio das Artes

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvaraju@gmail.com

O escritor e professor da Universidade Federal de Campina Grande, José Mário da Silva, em seus artigos para a imprensa, afirma que "Eduardo Martins da Silva não era muito expansivo ou desprovido da vocação para o riso fácil, mas, ao mesmo tempo, surgia sumamente afável e de fino trato". Assim era o escritor, jornalista e poeta que ajudou a fundar o Correio das Artes, suplemento literário de A União e, simultaneamente, escreveu para mais de 20 jornais e revistas da Paraíba, do Brasil e do exterior. "Dir-se -ia que era portador de uma mente austera, sempre, em tempo integral, conectada a pensamentos que o impulsionavam para a contumaz prática da arte (...)", disse Silva, em artigo especial sobre este importante pernambucano, escrito neste jornal em fevereiro de 2020.

De acordo com o escritor e jornalista Gilson Souto Maior, que pesquisou a vida de Eduardo Martins da Silva, nos anais da Academia Paraibana de Letras, ele nasceu em Goiana (PE), no dia 13 de outubro de 1918. Morreu em João Pessoa, aos 73 anos, em 16 de janeiro de 1991. Seu pai se chamava Francisco Martins da Silva e, a mãe, Jovita Monteiro Martins. Curso o primário no Grupo Escolar D. Pedro II, em João Pessoa, com a professora Emerentina Coelho. Concluiu o secundário no Liceu Paraibano. Casou com Arlinda Câmara Martins, com quem teve uma filha, Vera Lúcia. Do segundo casamento, com Joselita Martins da Silva, nasceram Eduardo e Joselita. Iniciou a vida na atividade de comerciante, sendo, por vários anos, vendedor de livros.

O serviço público estadual o levou a interessar-se pelo jornalismo, sendo redator de A União e editor do Correio das Artes, na administração do governador Oswaldo Trigueiro (1947-1951). Anos depois, mesmo praticando ativamente o jornalismo, empregou-se como funcionário da Caixa Eco-

nômica Federal. A pesquisa e o jornalismo nunca foram deixados para segundo plano. A biblioteca particular que formou em sua casa era considerada o oráculo da intelectualidade, em sua época. Os documentos de valor histórico que possuía, eram indiscutivelmente, de teor raro por essas plagas. Ao longo de mais de 45 anos de profissão, escreveu trabalhos, que se tornaram necessários em vários tipos de pesquisa.

Escreveu em revistas e jornais de muitos estados do Brasil. Os veículos de comunicação com os quais contribuiu, eram os mais lidos na capital paraibana e alhures. Eram eles: A União, O Dia, A Menina, Ilustração, A Cultura, Aurora, Gazeta de Notícia (Rio de Janeiro), Movimento, Classe, Estados, Manaira, O Nordeste e Diário de Pernambuco (Recife-PE). Além de contribuir com a revista D'aquém e D'além-Mar (Lisboa) e o Diário dos Açores (Ponta Delgada, Portugal).

Publicou artigos, poemas e trabalhos incontáveis, havendo destaque para Céu Cheio de Estrelas (1936), Poemas (1937), Poemas da Hora Incerta (1937) e Novos poemas haikai. Fez traduções de poemas japoneses (haikai) além de conseguir sucesso de leitura com Acalanto (1950/66) e outros escritos que marcaram uma geração de literatos. Quando o assunto envolvia pesquisas, poemas e similares do quilate literário, Martins se tornava in-cansável e mantinha bem atentos seus olhos míopes, escondidos atrás dos óculos de grau.



Foto: Arquivo



Nascido em Goiana-PE, Eduardo Martins possuía uma biblioteca particular que era considerada, à época, um oráculo da intelectualidade paraibana, com livros e documentos de alto valor histórico e, indiscutivelmente, de rara disponibilidade na região

## Biógrafo de Padre Azevedo, o inventor da máquina de escrever

Um dos livros de Eduardo Martins mais procurados ainda hoje é "Padre Azevedo, Sua Vida Seus Inventos", contando a história do sacerdote paraibano, filho de uma brasileira com um marinheiro português, que inventou a máquina de escrever. Posteriormente, Azevedo teve sua invenção copiada e modificada pelo estenógrafo americano Alan Sholler. Segundo o escritor Ataliba Nogueira, Sholler vendeu a nova patente ao fabricante de armas americano Eliphalet Remington. Este se encontrava a um passo da falência, quando uniu-se a Sholler e passou a fabricar as máquinas de datilografia Remington, habilmente apresentada nos anúncios, pelo escritor Mark Twain.

Azevedo, que nasceu em Manganape, morreu na casa de um amigo, à Rua Duque de Caxias, em João Pessoa, pobre e esquecido, no dia 26 de julho de 1880. Ataliba Nogueira conta que na primeira exposição nacional de inventos, realizada no Rio de Janeiro, D. Pedro II concedeu a Azevedo uma medalha de ouro. E recomendou que sua invenção fosse para Londres, ser exibida em uma mostra mundial. O capitão do navio não atendeu ao pedido, alegando falta de espaço. Outros autores falam que Sholler propôs parceria a Azevedo, mas este recusou porque um dos itens contratuais exigia que fosse morar nos EUA.

Uma de suas obras, Primeiro Jornal Paraibano – Apontamentos Históricos (falando sobre a União), ainda hoje é



Foto: Arquivo

Eduardo Martins ocupou a cadeira de número 37 da Academia Paraibana de Letras e, à frente do suplemento literário e A União, foi responsável por poetas paraibanos famosos e também os que não chegaram a publicar livros

fonte de pesquisa para universitários, jornalistas e escritores. Também continuou na preferência dos pesquisadores O Jornal e a História da Paraíba. Com esta bagagem profissional ele foi o segundo editor do Correio das Artes, responsável, inicialmente, pela sequência numeral de 29 a 34 e de 44 a 58. Assumiu a mesma editoria pela terceira vez, durante a qual imprimiu os números 75 e 76.

Ao discorrer sobre a trajetória do Correio das Artes, o escritor, poeta e professor universitário Hildeberto Bar-

bosa Filho, comentou: "Sem o empenho de Eduardo Martins, associado à lúcida consciência natural de quem comandava este suplemento literário de A União, as gerações vindouras não teriam, talvez, acesso ao discurso lírico de alguns poetas paraibanos, principalmente daqueles que não chegaram a publicar livros".

Informa o escritor e jornalista José Octávio de Arruda Mello, que Eduardo Martins ocupou a cadeira de número 37 da Academia Paraibana de Letras, em 27 de novembro de 1971, cujo patrono é o

patoense Alirio Meira Wanderley. Otávio define Martins assim: "Possui a alma de poeta em que se firma, cada vez mais, e, ao inserir neste conjunto o esmero do pesquisador, se torna um dos mais conscientes intelectuais da província". Seus admiradores falam que "nenhuma sedução do mundo seria capaz de atrair Eduardo Martins – nem os cantos das sereias – a não ser livros amarelecidos pelo tempo e documentos antigos, em cujo bojo as gerações futuras aprenderão os segredos do passado".

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

## Fake news ou desordem de informação?

Em 2017, o Dicionário Collins (da editora britânica de mesmo nome) elegeu o termo *fake news* como "palavra do ano". Na publicação inglesa, a expressão é conceituada como "informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, disseminadas como se fossem notícias". Para os pesquisadores Claire Wardle e Hossein Derakhshan, no entanto, o termo *fake news* é insuficiente para abarcar o fenômeno da produção, difusão e consumo de um volume variado e extenso de informações de má qualidade, que pode ser comparado à poluição. No caso, trata-se de "poluição informacional".

No relatório "Information Disorder – Toward an interdisciplinary framework for research and policy making" (Desordem de Informação – rumo a um quadro interdisciplinar de pesquisa e formulação de políticas), a dupla de autores considera que *fake news* é um termo ambíguo e simplista, não dando conta da complexidade do problema. Em substituição a "notícias falsas", Claire Wardle e Hossein Derakhshan apresentam um novo quadro conceitual e tratam de "desordem de informação".

Os autores trabalham com as dimensões do dano e da falsidade, ao apontar três tipos de desordem de informação: **Informação incorreta**, quando informações falsas são compartilhadas, mas sem intenção de dano; **Desinformação**, quando informa-

ções falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos; **Mal-informação**, quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, muitas vezes por meio da publicação de informações destinadas a permanecerem privadas.

No relatório, os autores ainda apontam sete variações de desinformação (citando o artigo científico "Fake News: It's Complicated", de Wardle), que revelam um amplo espectro de conteúdo problemático no ecossistema da informação:

- **Falsa conexão** – quando manchetes, ilustrações ou legendas não confirmam o conteúdo;
- **Falso contexto** – quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informação contextual falsa;
- **Manipulação do conteúdo** – quando a informação ou imagem genuína é manipulada para enganar;
- **Sátira ou paródia** – não tem intenção de prejudicar, mas tem potencial de enganar;
- **Conteúdo enganoso** – uso enganoso de informações reais para enquadrar uma questão ou comprometer um indivíduo;
- **Conteúdo impostor** – quando fontes genuínas são imitadas;
- **Conteúdo fabricado** – conteúdo novo e 100% falso, criado para ludibriar e prejudicar. No relatório "Information Disorder...", a



Foto: Eif-Moonance-Fixabay

dupla de autores também apresenta outro motivo para a não adoção do termo *fake news* de forma abrangente – o uso político do termo. É notória, por exemplo, a apropriação política da expressão *fake news* por autoridades, nos mais diversos países, com o objetivo de atacar, reprimir e deslegitimar uma notícia ou veículo desfavorável a algum político ou crença, prejudicando a confiança no jornalismo profissional.

O relatório elaborado por Claire Wardle e Hossein Derakhshan não se limita a apontar problemas decorrentes da desordem da

informação. Também sugere caminhos para que empresas, governantes, grupos de mídia e outros organismos possam colaborar no combate à desinformação. O documento é extenso, tem 109 páginas, mas é essencial para quem objetiva adotar uma leitura crítica do ambiente informacional e midiático. No site do Projeto Credibilidade (capítulo brasileiro de *The Trust Project*), há várias informações sobre a desordem da informação, as quais foram baseadas no conteúdo elaborado por Claire Wardle e Hossein Derakhshan. Leia. Vale a pena!

## Tocando em frente

## Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

## Ele também estava lá...

Quando se fala em Jovem Guarda, lá sempre estarão pontificando Roberto Carlos, "seu irmãozinho Erasmo" e Wanderlea. Talvez poucos saibam que, anteriormente, Sérgio Murilo, Cely e o irmão Tony Campelo já faziam uma incursão no universo musical do que viria a ser conhecido como Jovem Guarda.

Talvez, igualmente, poucos saibam que Agnaldo Timóteo Pereira, que nos deixou neste trágico início do ano 2021, tenha vivido e convivido com o pessoal que fazia iê-iê-iê à época.

Natural de Caratinga – MG (1936-2021), rumou para o Rio de Janeiro onde se firmou no nosso universo musical. Descendente de família modesta, desde criança trabalhou como engraxate, vendedor ambulante de pastéis para ajudar nas despesas domésticas, mas sempre arranjava tempo para participar de eventos circenses, onde e quando vencia concorrentes em concursos musicais. Já aos doze anos, seu pai o levou ao DNER, de onde era empregado, para servir como garção e faxineiro naquela repartição pública. Habilidoso, chegou a aprender mecânica automobilística. Ainda na primeira infância, a família rumou para Governador Valadares – MG, onde o garoto já participava de programações radiofônicas, tendo sido cognominado de "Curio de Caratinga".

Pode-se dizer que a sua definição artísti-

tica iniciou-se quando, em Belo Horizonte, em eventual aparição numa emissora de rádio, ele foi ouvido pelo já cantor Anísio Silva. Este, empolgado com o timbre de voz do adolescente, o apresentou a Kléber Lisboa, esposa da consagrada cantora Ângela Maria, que, por sua vez, o fez apresentar-se no programa César de Alencar. O resto dessa história é por demais conhecida: Ângela convidou Agnaldo, que também entendia de mecânica, para que ele se tornasse motorista, mecânico e garoto de recado dela. Certamente, ao lado de sua reconhecida e bela voz, teve facilitado o contato dele com gravadoras da época.

No Rio, de início, Agnaldo se apresentava com a "madrinha" musical, interpretando os sucessos de Cauby Peixoto, o que o levou a receber novo cognome de "Cauby Mineiro".

Em 1965, a efervescência da Jovem Guarda tomava conta das gravadoras. Como Agnaldo havia gravado pela EMI seu primeiro grande sucesso, ficou de fora desse movimento musical, embora se apresentasse como convidado, interpretando o megassucesso "A Casa do Sol Nascente", versão de Fred Jorje para *The House of the Rising Sun*, imortal criação de Alan Price, líder vocal de *The Animals*, faixa do LP "Surge um Astro", que nos trouxe, entre outros megassucessos, "A Casa de Irene", "É tão triste Venezuela" e "Mãe", o primeiro de Nico Fidenco, e os dois últimos de Charles Aznavour.

Não se pode esquecer de que o jovem Agnaldo já era figurinha querida na mídia televisiva, com apresentações no embrionário "Hoje é dia de rock", no ar em 1964/1965.

O ano de 1966 marca o reconhecimento definitivo do cantor, após gravar as versões de Rossini Pinto para *Yesterday* e *Michelle*, dos Beatles, e *Aline*, de Cristophe (LP "O Astro do Sucesso").

Em 1967, a Jovem Guarda se curva ao cantor diante de sua gravação de "Meu Grito", música de Roberto Carlos, feita por encomenda para Agnaldo, o que valeu aquele se enturmar com o movimento musical da época, após conquistar o primeiro lugar em nossas chamadas "Paradas de Sucesso", quando seus discos alcançaram sucesso também nos EE.UU. e Inglaterra.

Nos anos subsequentes, o sucesso não parou: em 1970, "Cantando Cauby e Nelson Gonçalves", destinado ao mercado latino; em 1972, firma-se no mundo musical romântico, com "Os brutos também amam"; em 1975, um mergulho no universo brega, com "a Galeria do Amor", que incluía "Olhos nos Olhos" (de Chico Buarque), também gravado, com igual sucesso, por Maria Bethânia.

Mais recentemente, em 2017, homenageou o seu inspirador vocal, com "Obrigado, Cauby", com interpretações formidáveis de "Conceição", "Bastidores", "Ninguém é de ninguém".

Em 2018, as homenagens vão para Elis Regina, Tim Maia e Gonzaguinha.

O ingresso na vida pública o levou ao Congresso Nacional, como Deputado Federal em duas gestões: a primeira, em 1982, e a segunda, em 1995, renunciando a esta, em 1966, para tornar-se vereador na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, como um reconhecimento à cidade que o adotou como filho.

Em 2019, acometido de um AVC, afastou-se das gravações, mas, recuperado, ainda fez aparições esporádicas na mídia, que assim o exigia.

Este ano, a pandemia da Covid-19 o levou, mas ele nos deixou legada a sua figura de um homem vencedor no que se propôs fazer.

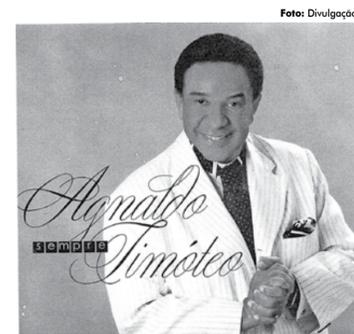


Foto: Divulgação

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses  
 Email: chefwalterulysses@hotmail.es

# Consultoria com um Chef de Cozinha!

Chef executivo consultor, de uma forma ampla, é o fornecimento de determinada prestação de serviço, em geral por profissional qualificado e conhecedor do tema. O serviço de consultoria oferecido ao cliente acontece por meio de diagnósticos e processos e tem o propósito de levantar as necessidades do cliente, identificar soluções e recomendar ações. De posse dessas informações, o consultor desenvolve, implanta e viabiliza o projeto de acordo com a necessidade específica de cada cliente.

Fazendo uma comparação bastante simples, um consultor é como um “médico”. Quem quer prevenir doenças e garantir uma vida saudável costuma procurar um médico. E quem quer evitar, ou já tem problemas, procura um consultor para que os problemas não se agravem mais.

Não necessariamente o consultor atende somente as empresas, pessoas que têm problemas, porque a maioria das pessoas não tem autodisciplina para controlar e planejar sua própria finanças, isso também

acontece muito nas micro, médias e grandes empresas do ramo da gastronomia.

Um consultor o ajudará na organização e na tomada de decisões, no estabelecimento.

Precisa-se de planejamento, dedicação e acima de tudo estudo de como agradar ao cliente com preços bons na qualidade do ambiente, promoções e produtos para todo o público. A concorrência é grande, mas há espaço para todos nos negócios gastronômicos.

Também é preciso treinar bem os funcionários e deixá-los cientes da necessidade e da importância deles na empresa, caso contrário todo o trabalho pode ser perdido, e que eles entendam que a empresa é uma parceria, todos dependem um do outro e que todos são importantes.

Quanto à cozinha, ela deve estar preparada para um grande fluxo de pessoas, o que acontece em horários de pico e horários promocionais. O fluxo de clientes também dobra em datas festivas. Por isso deve-se levar em consideração

a contratação de mais funcionários temporários para estes períodos, pois o cliente não está para esperar, além de toda a parte de almoxarifado, controle e estoque de alimentos e bebidas...

Nesta fase que estamos passando de pandemia, e muito próximo das reaberturas “o novo normal” é muito importante fazer um reajuste do negócio a qual está trabalhando na área de gastronomia com um chef executivo consultor, para saber a real necessidade de mudanças e finanças a qual está sendo aplicada. E para isso existem várias formas e valores a serem acordados.

Acredito que nenhum lugar na área de gastronomia poderá reabrir antes de ser feita uma pré-avaliação no estabelecimento para rever todos os meios que eram trabalhados antes da pandemia, pós-pandemia e na reabertura do novo normal que será um período tão difícil quanto na pandemia. A escolha de um profissional neste momento será de suma importância.



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

## Penne ao toque do Chef

### Ingredientes

- 400g de patinho moído
- 200g de linguiça toscana picada
- 3 colheres de sopa de manteiga
- ½ xícara de chá de cebola picada
- 1 xícara de cenoura picada miudinha
- salsa picada a gosto
- 1 xícara de chá de leite
- 1 xícara de chá de vinho branco
- 2 xícaras de tomate sem pele
- 1 pitada de noz-moscada ralada na hora
- 1 pitada de sal
- Pimenta-do-reino moída
- Toque de canela em pó

### Modo de preparo:

1. Numa panela média, coloque a manteiga e a cebola. Leve ao fogo médio e refogue a cebola, mexendo sempre, até que fique transparente. Adicione a cenoura e a salsa picados e refogue por 2 minutos, mexendo sem parar.
2. Acrescente a carne moída e misture com um garfo e a linguiça. Tempere com sal e pimenta-do-reino, canela em pó e refogue, mexendo sempre, até que a carne perca a cor rosada de crua.
3. Junte o leite e mexa até que evapore completamente. Tempere com uma pitada de noz-moscada.
4. Adicione o vinho e deixe cozinhar até secar.
5. Baixe o fogo, junte os tomates sem pele e deixe cozinhar por 45 minutos, com a panela tampada, mexendo de vez em quando. O fogo deve estar baixíssimo, caso contrário, o molho irá grudar no fundo da panela. Se começar a secar, acrescente ½ xícara (chá) de água quente.
- No final monte o prato igual a foto, e regue com azeite de oliva extra virgem e queijo parmesão ralado na hora.

## QUENTINHAS

O Manaíá Bairro dos Estados e o Manaíá Cabo Branco vêm passando por um acompanhamento de uma consultoria para melhorar o que já é bom. Neste tempo de pandemia, é um momento de fazer novas mudanças e criar novos destinos. Parabéns aos proprietários Felipe e Ísis.

A VerdNova HortiFruti, uma empresa que mudou sua estratégia no início da pandemia, de atender clientes em suas residências, vem, cada dia mais, com melhores produtos e, principalmente, qualidade, tanto nos insumos, como no serviço de seu delivery. Contato: telefone 98880-6659 e seu Instagram, @verdnova

A Fan Pizza delivery em Santa Rita, vem agradando cada dia mais a sua clientela, além das deliciosas pizzas, o Mestre Pizzaiolo Silvano desenvolveu as esfihas com um sabor muito peculiar e autoral. Esse é o segredo do seu sucesso. Seu Instagram @fan\_pizza\_delivery

Já pensou em presentear, ou até decorar sua cozinha, com uma panela de barro, uma jarra ou uma fruteira? Passa lá no Instagram @haryannearruda.feitoamao e veja as perfeições.

## PITADAS A GOSTO

A linguiça foi apresentada ao Brasil pelos portugueses, que lá é chamada de enchido. Originalmente a linguiça era feita com carne de porco, alho, cebola e páprica; atualmente existe uma infinidade de derivações deste embutido tradicional na mesa dos brasileiros.

Há quem diga que a linguiça existe há mais de 4 mil anos, porém, registros mais exatos remontam a 2 mil anos. Nesta versão da história, a origem da linguiça é romana, e a palavra linguiça vem de uma expressão italiana “laganega”, mas também está no latim como salsus, que significa salgado. Esse nome tem origem numa tribo chamada lucaniana, que comandou por muitos séculos atrás uma grande parte daquela península e que possivelmente ensinou a forma de como embutir aos romanos. Os Lucanos foram um povo de origem samnita, que se estabeleceu na Lucânia (atual Basilicata, região montanhosa da Itália meridional) no século V a.C. foram fortemente influenciados pela civilização helênica.

## arte

### arte indígena e contemporânea

#### arte indígena e contemporânea

Arte indígena e contemporânea são dois conceitos que se relacionam de maneira complexa. A arte indígena não se trata apenas de técnicas tradicionais, mas de uma visão de mundo que se expressa através de diversos meios. Já a arte contemporânea busca romper com as fronteiras estabelecidas, incorporando elementos de diversas culturas e mídias. A interação entre essas duas formas de expressão artística cria um diálogo rico e multifacetado.



O sonho da Buya Washu é uma obra que explora a conexão entre o mundo natural e o espiritual. A autora utiliza elementos da cultura indígena para criar uma narrativa que ressoa profundamente com o leitor. A obra é uma celebração da sabedoria ancestral e da importância da natureza na vida humana.



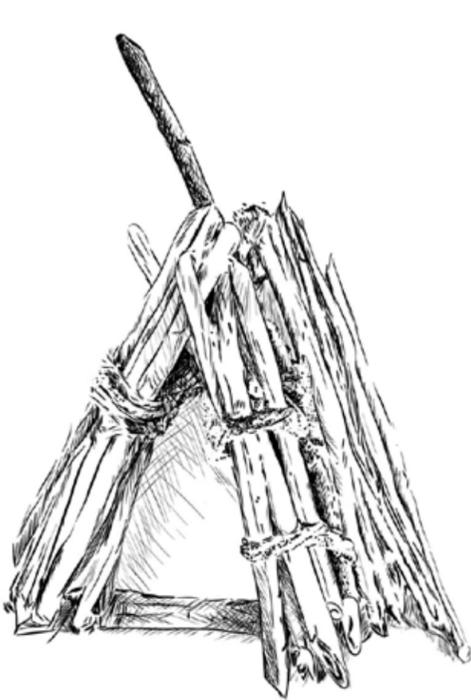
Esta ilustração retrata um indivíduo com uma conexão profunda com suas raízes culturais. O headdress elaborado simboliza a identidade e a tradição, enquanto o olhar introspectivo sugere uma jornada pessoal de descoberta e significado.

Através do QR Code  
Acesse site da artista



## arte

### arte indígena e contemporânea



Esta obra ilustra a arquitetura tradicional indígena, destacando a habilidade dos povos nativos em utilizar materiais locais para criar estruturas funcionais e esteticamente ricas. A simplicidade das formas contrasta com a complexidade das técnicas utilizadas.

A arte indígena contemporânea busca revitalizar as tradições, adaptando-as ao contexto atual. Artistas como Ailsont Krenak exploram temas de resistência, memória e identidade, utilizando linguagens visuais inovadoras para comunicar suas mensagens.

#### arte indígena e contemporânea

Esta seção discute a importância de preservar a arte indígena enquanto se abraça a inovação contemporânea. O diálogo entre o antigo e o novo é essencial para a construção de uma cultura vibrante e inclusiva que honre o passado e abraça o futuro.



Através do QR Code  
Acesse Instagram da artista



## arte

### arte indígena e contemporânea



Através do QR Code  
Acesse Instagram da artista

Esta obra é uma homenagem à força e à beleza da arte indígena. O artista utiliza linhas fortes e tons vibrantes para criar uma imagem que transmite uma sensação de orgulho e pertencimento. A obra serve como um lembrete da importância de manter viva a herança cultural.

A arte indígena contemporânea é uma forma de resistência e afirmação. Ela permite que os povos indígenas compartilhem suas histórias e visões de mundo com o mundo globalizado, promovendo o entendimento e a valorização das suas contribuições.

## arte



Através do QR Code  
Acesse Instagram do fotógrafo

Esta obra retrata a beleza e a diversidade da arte indígena. O artista captura a essência das tradições, mostrando a conexão entre o indivíduo e a comunidade. A obra é uma celebração da riqueza cultural e da resiliência dos povos indígenas.

Através do QR Code  
Acesse Instagram da Sônia



## arte



#### arte indígena e contemporânea

Esta obra explora a identidade e a expressão emocional. O artista utiliza traços fortes e cores marcantes para criar uma imagem que ressoa com o espectador, convidando-o a refletir sobre temas de autoconhecimento e conexão humana.



Através do QR Code  
Acesse Video do Ailsont Krenak



**Limolaygo/ mãe terra**

Inemen  
(ô de casa!)  
Zi xikó xenandu Ororubá/  
Sou índia flor da Serra Ororubá

Tupã taiophu Aê Zinka notsonen um/  
tive um sonho com pai tupã  
nobe abaré zine kwemen neyeva pirara agugo no kaplé  
bondaço/  
no sonho escuro, meu corpo aparecia todo em brilho( ouro) e  
sangue.  
karé té , taí nazarine xenunpre jatuke nobe/  
Homem branco atirou no índio!

Tupã taiophu nenne zi:  
Aí pai tupã me avisou:  
Kino karé zi nene : zi ti sekre nobe/  
E para o homem branco eu digo: estou em minha casa!/  
lemolaigo afiani xualya/  
mas mãe terra ainda chora

Tamain Aê Zinka notsonen um. Taípe nene zi/  
Tive um sonho com Mãe Tamain. Ela me falou:  
nika natsinga naxó/  
É preciso saber ver, saber olhar,  
limolaygo xualya da ako tayagêgo/  
a terra chora pois o filho está doente.  
Karépirá, inalina ti toieguego /  
homem branco, também pode estar doente

nova zimó nene nobe clarua kapuê: /  
Por isso eu venho, no céu claro (acordada) dizer:  
Piraci karépirá nika awenen, ti netsorâ /  
homem branco, você precisa ter sabedoria, entender ( ser um  
conhecedor)  
Vaikó iko clarua. lemolaigo te waci /  
o céu está aqui, e nós somos a terra/  
clarua diá, tai noiké . piraci nopirá nika awenen/  
o céu lhe diz coisas; ele grita. mas você tem que saber entender  
waci poo ti netsorâ/  
Todos nós, temos que entender

Juliana Alves Xukuru

**Limolaygo**

Inemen  
Zi xikó xenandu Ororubá

Tupã taiophu Aê Zinka notsonen um nobe abaré zine kwemen neyeva pirara agugo no kaplé bondaço karé té , taí nazarine xenunpre jatuke nobe

Tupã taiophu nenne zi: Kino karé zi nene : zi ti sekre nobe lemolaigo afiani xualya

Tamain Aê Zinka notsonen um. Taípe nene zi nika natsinga naxó limolaygo xualya da ako tayagêgo  
Karépirá, inalina ti toieguego

nova zimó nene nobe clarua kapuê:  
Piraci karépirá nika awenen, ti netsorâ Vaikó iko clarua. lemolaigo te waci clarua diá, tai noiké . piraci nopirá nika awenen.  
waci poo ti netsorâ

**Mãe terra**

ô de casa!  
Sou índia flor da Serra Ororubá tive um sonho com pai tupã no sonho escuro, meu corpo aparecia todo em brilho ( ouro) e sangue.  
Homem branco atirou no índio!

Aí pai tupã me avisou:  
E para o homem branco eu digo: estou em minha casa!  
mas mãe terra ainda chora

Tive um sonho com Mãe Tamain. Ela me falou: É preciso saber ver, saber olhar, a terra chora pois o filho está doente. O homem branco, também pode estar doente

Por isso eu venho, no céu claro (acordada) dizer: homem branco, você precisa ter sabedoria, entender ( ser um conhecedor) o céu está aqui, e nós somos a terra o céu  
lhe diz coisas; ele grita. mas você tem que saber entender

Todos nós, temos que entender.

Juliana Alves Xukuru

adwull well  
brekwod erhad elod . nkwant bawilut  
Hio  
wrololawb bina . bdmawilut loraew . KowertK wello



## Claruá zitaka totó

Claruá Zitaka toto  
*Eu quero voar ao céu*

kira noairã  
*passaro a cantar*

lomolaigo In jada aloji  
*do alto vê a terra*

Xeiun nobe totó  
*no assubio planando*

Xuá zi noiem  
*comunicando com o vento*

wobe piraci nayê  
*onde você está.*

Eniyê va zi noairã xeiun  
*neste azul celeste cantando assobiar*

Aê kiraxein netson nobe.  
*no pensamento do um sabiar.*

ass: *Ridivânio p. da Silva*





**VALORIZE  
A NOSSA ORIGEM.  
RESPEITE A CULTURA INDÍGENA.**

SECRETARIA DE ESTADO  
DA MULHER E DA  
DIVERSIDADE HUMANA



*Somos todos*  
**PARAÍBA**  
Governo do Estado

# Retrabalho:

# caminho para o prejuízo

*Desperdício gera desequilíbrio ambiental, afeta a economia e a saúde humana*

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Toda forma de desperdício, ou seja, o não aproveitamento correto de algo, pode resultar em retrabalho, mais investimento monetário ou de esforço, dedicação e gasto excessivo de matéria-prima. Difícil dizer, então, quem sai ganhando com essa prática. E quando o estrago ocorre com um bem natural e vital à vida no planeta, como a água, gera um problema socioambiental grave para toda a humanidade.

Diariamente se perde água no mundo e essa realidade pode ser vista em vários âmbitos do dia a dia. Ela está nas residências, nas indústrias, na agricultura, na pecuária e nas falhas da rede distribuidora de água das cidades. O mais preocupante é que esse ciclo inclui a água tratada – potável. Segundo especialistas, cerca de 40% da água tratada do Brasil é desperdiçada. Em países desenvolvidos como o Japão, a média de perda é de 15%.

A bióloga Neide Martins explicou que o gasto desmedido desse recurso resulta em uma preocupação mundial, porque, de toda água disponível na Terra, somente 3% é própria para o consumo. E ainda há um agravante. “Desses 3%, apenas uma menor parte encontra-se em locais de fácil acesso”, afirmou Neide.

A pesquisadora, bióloga e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Cristina



Foto: Pixabay

## Soluções passam pelo reaproveitamento

Nos domicílios, o consumo desse bem natural – a água – pode ser melhor utilizado pelos cidadãos. A bióloga e pesquisadora da UFPB Maria Cristina Crispim frisou que as águas residuárias poderiam ser reaproveitadas com a construção de fossas ecológicas.

Os tanques de evapotranspiração são capazes de fazer o tratamento biológico de águas

negras, residuárias, provenientes de vasos sanitários. Após o tratamento, essa água estaria apta para ser usada em plantações.

“Essas fossas são úteis em qualquer região, mas seriam muito importantes no Semiárido nordestino, onde a água é mais escassa e a própria água residual poderia abastecer uma horta familiar”, sugeriu Maria Cristina.



Foto: Reprodução

Se a água é um recurso vital e está diminuindo proporcionalmente, qualquer desperdício é um grande problema. Porque precisamos dela para os múltiplos usos, desde o abastecimento humano, produção de alimentos, produção industrial, entre outras práticas

**Maria Cristina Crispim**



Foto: Arquivo pessoal

na Crispim, destacou que a água é um recurso limitado. Isso porque a quantidade no planeta é a mesma, enquanto as populações humanas crescem a todo momento, lembrando que esse bem natural não é distribuído de forma igualitária no mundo.

“Se a água é um recurso vital e está diminuindo proporcionalmente, qualquer desperdício é um grande problema. Porque precisamos dela para os múltiplos usos, desde o abastecimento humano, produção de alimentos, produção industrial, entre outras práticas”, declarou Maria Cristina.

A pesquisadora acrescentou que os ecossistemas naturais também precisam de água de boa qualidade e em quantidade suficiente para sobreviver, isso inclui os animais e plantas, tanto terrestres quanto aquáticos. “O que já tem pouco e se prevê ter cada vez menos, não se pode desperdiçar”, alertou.

Segundo Maria Cristina, toda forma de poluição, seja em mares ou rios, é uma forma de desperdiçar esse precioso recurso natural,

uma vez que ele fica impróprio para servir ao homem, à fauna e à flora. “Quando associamos a poluição ao estrago de água, que é jogada literalmente no lixo, percebemos quão grande é o problema. Podemos pensar então como será o futuro da população humana”. Para Maria Cristina, o destino das próximas gerações poderá ser o uso de águas submetidas a tratamentos químicos.

“Quanto mais se desperdiça, menos água terá. E com o aumento da poluição, a água que será tratada para a distribuição domiciliar, precisará de mais tratamentos, porque os convencionais não serão capazes de tirar as impurezas. Mais tratamento requer mais cloro, que é tóxico, e mais sulfato de alumínio, que é um metal pesado”, explicou a professora.

A solução seria evitar a todo custo o desperdício. “Se queremos ter água para consumo de qualidade, tratar os esgotos adequadamente é fundamental. E ainda temos os agrotóxicos, que podem estar presentes na água e não são avaliados”, enfatizou.

## Sem investimentos e manutenção, ninguém sai ganhando

Por isso é importante haver uma grande fiscalização das fábricas, a fim de que elas também participem do processo de conservação dos recursos hídricos. Isso também vale para outros setores, tais como a construção civil e o comércio

**Neide Martins**



Foto: Arquivo pessoal

bem efetuado com água de reuso, e outros métodos de maior economia”, advertiu.

Segundo Neide, ainda há casos nas indústrias em que ocorre o vazamento ou manejo incorreto na captação de sistemas de abastecimento locais, resultando em estrago de água. “Por isso é importante haver uma grande fiscalização das fábricas, a fim de que elas também participem do processo de conservação dos recursos hídricos. Isso também vale para outros setores, tais como a construção civil e o comércio”.

A falta de conscientização, o pouco investimento em educação ambiental e a própria cultura individualista da sociedade são uns dos fatores elencados pela bióloga que aumentam o desperdício dos recursos hídricos. “A água por ser um recurso finito, precisa no mínimo de um uso consciente, pois ela já é escassa em determinadas regiões”.

O setor produtivo também é fonte de desperdício de bens como energia elétrica, água, tempo e alimentos. Processos mal elaborados, falta de investimentos em tecnologias e de manutenção em maquinário podem concorrer para este problema. As empresas de agronegócios do país, por exemplo, são responsáveis por mais de 70% do consumo de água.

Para se ter ideia, segundo especialistas, são necessários 600 litros de água para cada quilo de cana-de-açúcar cultivado. A professora, bióloga e pesquisadora da

UFPB, Maria Cristina Crispim afirmou que parte da utilização da água na agropecuária é desperdiçada porque, geralmente, se usa o método de irrigação chamado de macroaspersão.

Nele, a água chega ao solo por meio de um jato d’água lançado sob pressão na superfície. Nesse sistema, a professora explica que muita água é evaporada, não atingindo o seu objetivo. Essa é apenas umas das formas de desperdício de água na agricultura.

Já a bióloga Neide Martins enfocou que, em alguns tipos de produção industrial, a água é empregada no resfriamento de equipamentos. “O que poderia ser mais



Fotos: Reprodução



# Manejo correto evita perda de tempo, além de material

*Há estudos que indicam desperdício de aproximadamente 30% na construção civil*

**Alexandra Tavares**  
lekaip@hotmail.com

A construção civil é um setor produtivo que envolve uma série de materiais, recursos e processos que, se não forem bem administrados, podem resultar em diversas perdas. Segundo o engenheiro civil Joácio Morais Júnior, professor e presidente da Comissão de Gestão Ambiental da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), há estudos que indicam desperdício de aproximadamente 30% somente em materiais usados na construção civil.

Para minimizar esse problema, ele explicou que uma obra deve contar com um planejamento que vai desde o projeto inicial até o uso final, passando pela construção. É preciso, então, estar atento a todas as etapas do serviço.

Na etapa de projeto, vale enfatizar a escolha de materiais construtivos e

de acabamento. “A padronização e uso de materiais de produção local minimizam muito o desperdício e a geração de resíduos”, declarou. Já na fase construtiva, é importante focar no manejo correto e ter cuidado no uso de materiais. Tal postura pode evitar a perda de tempo na obra.

O bom armazenamento dos materiais usados na construção civil também reduz as perdas. E, quando ocorre a geração de resíduos, deve-se preconizar o tratamento e reaproveitamento corretos, em parceria com as usinas de beneficiamento. “Dessa forma, a preocupação do engenheiro é, especialmente, em adotar medidas para a coleta e o reaproveitamento de água de chuva, instalar dispositivos de baixo consumo e diminuir o gasto de energia, dando preferência à iluminação e ventilação naturais”, ressaltou o professor.

Quando chega o final da

vida útil do prédio, o professor destacou que é inevitável o desmonte e a demolição. Nesse caso, o reaproveitamento dos resíduos gerados é imprescindível.

Para minimizar o impacto e a geração de resíduos do setor no meio ambiente, Joácio Morais afirmou que é necessário capacitar a equipe, primar pela qualidade dos materiais e investir no transporte correto dos materiais.

Mesmo tomando essas precauções, ele afirma que ocorrerá a produção de resíduos e, se não administrados de forma adequada, podem trazer problemas para o meio ambiente. “Então, a parceria com as usinas de beneficiamento é muito importante e nos traz melhorias para o campo da construção civil. O fornecimento de material de construção reciclado, por exemplo, traz a economia de recurso natural e a extração desnecessária”.



Foto: Reprodução

## + Sobras podem fazer a diferença no prato de milhões de cidadãos

Milhões de pessoas no mundo passam fome. Dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) apontam que cerca de 820 milhões de habitantes do planeta não têm o suficiente para comer.

Enquanto isso, o relatório mais recente do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e da organização britânica de resíduos WRAP mostrou que 913 milhões de toneladas de alimentos são desperdiçados no globo. O número, que constitui o Índice de Desperdício de Alimentos 2021, equivale a 17% da produção total de comida jogada no lixo em 2019.

O estudo foi realizado em 54 países e divulgado em importantes veículos da mídia internacional, como a BBC de Londres. Além de estarrecedor, o levantamento mostra quão desigual é a atual sociedade humana. A maior parte do desperdício (61%) vem do lar de cada família, enquanto 26% está no setor de serviços de alimentos e 13% vêm do comércio.

Segundo a economista Maria de Fátima Alves Figueiredo, especialista na área de Ciência e Tecnologia de Alimentos, as pessoas precisam “acordar” para o desperdício de alimentos, tendo em vista que grande parte desse mau uso vem das residências, seja pela aquisição desnecessária, pelo armazenamento errado, pelo preparo e consumo inadequado ou, simplesmente, pelo não aproveitamento integralmente.

“O alimento é sagrado, considerado uma das primeiras necessidades básicas do ser humano, e que Deus tem nos dados pela natureza, mas não temos cuidado como convém. Evitar o desperdício de alimentos é dever de cada um, pois vejo a cadeia alimentar como uma aliança com Deus e com a natureza”, frisou Fátima Figueiredo, que acrescentou: “Recebemos o alimento e devolvemos ao solo o adubo, assim não teríamos fome, e haveria harmonia e sustentabilidade no mundo. Aqui em minha casa temos uma regra: se deixarmos alimentos

no prato, pagamos multa, e todos levam a sério”, destacou a economista.

Fátima Figueiredo citou um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que, ao ouvir mais de 1.700 famílias de diferentes classes sociais e regiões do Brasil em 2018, concluiu que os alimentos que mais vão parar na lixeira das residências são o arroz (22%), a carne vermelha (20%), o feijão (16%), o frango (15%), as hortaliças (4%) e as frutas (4%). Ou seja, itens básicos à nutrição do cidadão.

Mas o desperdício não está apenas nos lares. Passa pelo plantio e colheita, fabricação, armazenamento, distribuição, comércio de alimentos, enfim, toda uma cadeia está comprometida. De acordo com Fátima Figueiredo, o descaso para “essa ordem” tem afetado as áreas da saúde, social, economia, política e o meio ambiente. O impacto são a fome, degradação e desequilíbrio ambiental, mais custos para tratamentos de saúde, que por sua vez requer uma parcela substancial de recursos do país, sem falar nas consequências na dignidade humana.

As formas de se evitar o desperdício de comida envolve uma série de processos que começam na educação escolar e familiar, planejamento sobre segurança alimentar, conscientização do dever do cidadão e o reaproveitamento. “É necessário o envolvimento consciente de todos, e união dos setores públicos e privados em um só objetivo: estratégias para evitar o desperdício e erradicar a fome no Brasil. Produzimos alimentos suficientes para todos, basta organizar a cadeia alimentar, um esforço global”.

## Brasil desperdiça mais de R\$ 71 milhões por dia em energia elétrica

A perda de energia elétrica é uma realidade em vários países do mundo e também traz impacto ao bem-estar de todos os seres vivos, uma vez que uma parcela das fontes energéticas se refere a um bem finito da natureza, como a água. Dados da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Conservação de Energia (Abesco) mostram que o Brasil desperdiça mais de R\$ 71 milhões por dia em energia elétrica.

O engenheiro eletricista Walmeran José Trindade Júnior, professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), afirmou que somente as perdas por falhas técnicas respondem por cerca de 15% do desperdício de energia elétrica no país. Somadas a outras causas não técnicas, essa perda alcança 30% do total de energia elétrica nacional.

“Entendo que no Brasil não temos uma cultura de eficiência energética bem consolidada, incluindo a gestão energética, uso de tecnologias eficientes e práticas de bons hábitos no uso da energia elétrica, que poderia se contrapor ao desperdício e reduzir os níveis de perdas globais”, afirmou o professor.

Ele cita que o maior consumo de energia elé-

trica está nas indústrias, residências e no setor de serviços. Portanto, as perdas podem estar concentradas também nessas três áreas. Mas o uso racional desse bem é de responsabilidade de todos e, segundo o engenheiro civil, essa “abordagem passa pela tríade pessoas, informação e tecnologia”.

### Meio ambiente

Walmeran Trindade declarou que energia e meio ambiente estão integrados então. Quanto maior for o desperdício desse serviço imprescindível à vida moderna, mais pressão os ecossistemas recebem para atender a demanda.

Segundo ele, estamos vivendo uma crise ambiental e climática que vem se acentuando desde o final da Segunda Guerra Mundial, e cada vez mais o modo de produção dominante rompe com os limites dos ecossistemas, impactando seriamente nas condições mínimas que mantém a vida no planeta. “A continuar nesse ritmo de agressão e de desperdícios, iremos alcançar um ponto de não retorno, com sérias implicações para a biodiversidade do planeta, incluindo os humanos nesse balanço”.

Foto: Pixabay



“ Evitar o desperdício de alimentos é dever de cada um, pois vejo a cadeia alimentar como uma aliança com Deus e com a natureza ”

**Maria de Fátima Figueiredo**



Foto: Arquivo pessoal

# Um conceito para (muito) além das relações de consumo

*Quando o assunto é desperdício, o pensamento leva para a ideia de esbanjamento*

**Laura Luna**  
lauraragao@gmail.com

Esbanjamento, perda, uso sem proveito. Não tem como pensar diferente quando o assunto é desperdício e é esse o conceito básico, trazido pelos dicionários de língua portuguesa. Mas o ato em si pode se apresentar de diversas maneiras, inúmeros aspectos e está para além das relações de consumo, embora uma busca rápida no google gere prioritariamente uma lista de temas relativos ao desperdício de alimentos.

O que deve se considerar é que, além de comida, dinheiro, água e energia elétrica, por exemplo, é possível e talvez até mais custoso (e não apenas em relação a valor monetário) não aproveitar tempo, talento, trabalho. Interessante também refletir sobre o significado da ação para cada indivíduo, uma vez que o que é desperdício para um pode não ser para o outro.

É só pensar um pouco, não é difícil lembrar um episódio em que você leitor se deparou com uma cena de desperdício e o agente da possível ação não teve qualquer tipo de sentimento. “Que desnecessária a compra dessa camisa se ela já tem uma igual”, “que desperdício investir nesse relacionamento que ele sabe que não vai dar certo” ou ainda “está desperdiçando oportunidade porque prefere esse emprego”. Questões que desconsideram que o outro pode pensar justamente o contrário, como um investimento.



Fotos: Reprodução

“

**É subjetivo, mas nesse trajeto há sim o desperdício de emoções, habilidades, talentos e atitudes, pensamentos que, repito, poderiam ou deveriam ser utilizados ou reconduzidos de outra forma”**

**Cássia Freitas**

+

## Relativismos, subjetividade e pluralidade de perspectivas

Relativismos à parte, o tema considerado intrigante nas mais variadas áreas do conhecimento humano, isso graças aos traços de subjetividade, pode ser analisado por perspectivas diferentes. O mestre em Filosofia Josemar Duarte coloca que são inúmeras as categorias de análise da vida humana onde se pode encaixar o problema do desperdício, mas o entrevistado, que é também especialista em Teologia e doutor em Administração, chama a atenção para a percepção de (in)justiça comumente relacionada ao desperdício e o consequente julgamento que resulta dessa relação.

“O desperdício está vinculado à ineficiência no uso de recursos tangíveis ou intangíveis sob as lentes da utilidade e isso nos conduz a fazer julgamentos acerca da moralidade do uso (nosso ou de terceiros) que fazemos de cada recurso. Isso só acontece por causa da existência de uma noção econômica que intermedia o materialismo e os sentimentos morais, trata-se da noção de escassez. Só faz sentido falar em desperdício onde os recursos são limitados ou mal distribuídos”, aponta o filósofo.

Dentro dessa perspectiva,

Josemar Duarte destaca a ação dentro da ótica da escassez e ressalta que o desperdício é mais casual que intencional. “Aparece como uma distorção do estado ideal das relações sadias de uma sociedade, seja do ponto de vista material, onde é visto como uma desordem no campo do suprimento dos desejos e necessidades de pessoas que formam uma comunidade ou da ineficiência que gera descumprimento da finalidade social de um determinado recurso; ou na percepção de pertencimento e acolhimento, quando o desperdício é alinhado a um sentimento moralmente negativo de que alguns esbanjam recursos escassos sem se importar com grupos que podem estar sofrendo por falta desses mesmos recursos”.

Dentro da Psicologia, o tema é considerado intrigante e até delicado, como pontua a psicóloga clínica e escolar Cássia Freitas. A entrevistada afirma que a desejabilidade e a tentativa de repor emoções podem levar a questões desnecessárias de consumo, mas essa seria uma etapa posterior, há primeiramente o desperdício de emoções e sentimentos.

“Quando se deixa ou não se

pode investir naquela emoção de forma mais positiva e acaba se investindo na tentativa de repor isso. Há nesse contexto uma relação de desperdício de emoções que poderiam ser ressignificadas e recolocadas em outras formas de relação consigo mesmo. É subjetivo, mas nesse trajeto há sim o desperdício de emoções, habilidades, talentos e atitudes, pensamentos que, repito, poderiam ou deveriam ser utilizados ou reconduzidos de outra forma. Muitas vezes é preciso haver ajuda profissional”, destaca a psicóloga.

Foto: Pfixabay



“

**O desperdício está vinculado à ineficiência no uso de recursos tangíveis ou intangíveis sob as lentes da utilidade e isso nos conduz a fazer julgamentos acerca da moralidade do uso (nosso ou de terceiros) que fazemos de cada recurso”**

**Josemar Duarte**

# “O tempo NÃO para”

Laura Luna  
lauraragao@gmail.com

Desperdício de trabalho é qualquer evento sem controle que cause prejuízo, gerando danos no crescimento de qualquer negócio. O desperdício ocorre por falta ou falha na gestão das pessoas, na gestão dos recursos materiais e na gestão dos bens de consumo

Marinete Cândido Gouveia



Cantado, debatido, estudado. Se relacionado à vida humana, o tempo pode ser considerado conforme a brevidade da passagem terrena. “É preciso viver intensamente cada momento, pois a vida é curta”, se diz. O cantor e compositor Cazuza, immortalizou na canção o que é senso comum: “O tempo não para”. Mas talvez a maneira mais intensa de se analisar os prejuízos desse tipo de desperdício esteja sendo atravessada neste momento.

Em tempos de pandemia, o atraso para o início do esquema de vacinação e a lentidão do processo, decorrente da letargia na aquisição dos insumos e imunizantes por parte do governo Jair Bolsonaro (sem partido), tem gerado consequências desastrosas. Com número de mortes atingindo média de quatro mil brasileiros ao dia, o país sente a dor da ineficiência e do desperdício dessa

grandeza (tempo), resultando em uma matemática triste e que subtraiu mais de 350 mil vidas (a previsão é ultrapassar meio milhão só no Brasil).

“Se a gente tivesse vacinas e insumos para produzirmos as próprias vacinas e ainda feito acordos iniciais de quantidades maiores, sem que os imunizantes chegassem de tempos em tempos, de forma muito lenta como estamos, nós poderíamos vacinar em alguns meses, podendo terminar o processo até o meio do ano, levando em consideração a capacidade do Sistema Único de Saúde (SUS) de vacinar cinco milhões de pessoas por dia”. A colocação é da imunologista, professora e pesquisadora, com pós-doutorado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Sandra Rodrigues Mascarenhas.

Há pelo menos 15 anos atuando na área, ela conta que o preço

pelo desperdício de tempo nesse processo, essencial para a diminuição no número de mortes e casos graves da covid-19, já deixou marcas que serão lembradas para sempre. “As vidas que foram perdidas são irrecuperáveis. Mas a gente pode sim evitar novas mortes se o ritmo de vacinação acelerar, então seria essencial ter adquirido mais vacinas para chegar ‘ontem’, assim a gente poderia salvar muitas vidas”.

Seria remediar ao invés de prevenir. E mesmo que o processo acelerasse, como sugeriu a pesquisadora, as consequências do desperdício de tempo na pandemia não podem mais ser desconsideradas. “A mutação do vírus é um processo natural, mas ele precisa estar infectando outras pessoas para que essas mutações ocorram. Num cenário onde há uma alta taxa de transmissão viral numa população não vacinada, a gente aumenta – e muito – a possibilidade de novas variantes e elas são um perigo, porque a gente não sabe até que ponto as vacinas vão cobrir todas as variantes que vão surgindo a todo tempo”.

E sobre o tempo, Sandra Rodrigues Mascarenhas reforça a importância de correr contra ele. É preciso usá-lo a favor, jamais desperdiçá-lo. “Questões que vivemos há um ano e que seguem se repetindo mesmo sendo avisado por cientistas quando vem as ondas, a gente começa a avisar antes das coisas estourarem, que os casos estão aumentando e não há realmente um preparo para lidar com isso. Nós não aprendemos com o exemplo de outros países nem com os nossos exemplos”.

## Falhas levam ao desperdício de trabalho

Mas em relação ao trabalho, como se apresenta o desperdício? Quais as implicações e como as organizações estão agindo para evitar? A reportagem levou as perguntas a Marinete Cândido Gouveia, administradora que atua como chefe de Desenvolvimento de Pessoas e que há 32 anos atua em Segurança do Trabalho e Gestão de Pessoas. “Desperdício de trabalho é qualquer evento sem controle que cause prejuízo, gerando danos no crescimento de qualquer negócio. O desperdício ocorre por falta ou falha na gestão das pessoas, na gestão dos recursos materiais e na gestão dos bens de consumo”, inicia.

A entrevistada lembra que processos produtivos e administrativos de uma empresa são executados por pessoas e que é preciso ser eficiente nesse tipo de gestão para que não haja impacto nos resultados financeiros ou de produtividade, para isso alguns equívocos devem ser evitados. “Etapa de recrutamento e seleção mal estruturada, falha no processo de integração na empresa (on board), ausência de treinamento e desenvolvimento ou baixo perfil de liderança dos gestores, além de ações ineficazes de melhoria do clima e satisfação dos colaboradores”.

E as empresas têm se empenhado no combate ao absentismo (ausência no trabalho) e presenteísmo (estar de corpo presente no ambiente de trabalho), rotatividade e também no combate aos altos índices de acidentes, considerados



alguns dos mais importantes desperdícios da gestão do capital humano, segundo a administradora. “Fortalecer a cultura empresarial da gestão participativa com foco em resultados, ter os processos mapeados e normatizados, criar um ambiente centrado no desenvolvimento do capital humano e ter uma liderança consciente do seu papel na gestão de pessoas é o caminho sustentável e virtuoso para gerar o engajamento em um ambiente favorável para conter qualquer tipo de desperdício”.

E talvez até o desperdício no trabalho de alguma maneira atue também como desperdício de talento. Esse é outro ponto a ser tratado. Desperdiçar uma aptidão incomum, habilidade natural ou adquirida, pode gerar sérias consequências. Mari Lucena é psicopedagoga, naturóloga, terapeuta

holística e uma entusiasta da formação do ser humano pautada no amor e no respeito às diferenças, como definiu. A experiência em educação fez a entrevistada concluir que dons e habilidades não costumam ser incentivados.

“A educação formal, tanto na escola quanto na família, pode deixar de contribuir com o desenvolvimento dos talentos inerentes a cada ser. A partir da utilização de grades curriculares ultrapassadas, que elejam padrões repetitivos, incentivam o adiestramento, a competitividade e a lucratividade, matam a criatividade e distanciam as crianças uma das outras e dos seus propósitos naturais”. A afirmação faz refletir sobre os motivos pelos quais os indivíduos, mesmo os mais experientes, muitas vezes inibam esses dons. “Cobrança da família e da própria sociedade”.

Quando isso acontece uma série de consequências podem surgir. Mari Lucena perdeu as contas de quantos atendimentos realizou em se tratando desse assunto. Desperdiçar algo que muitas vezes faz parte da natureza, que veio como um presente, pode gerar danos importantes. “Geralmente, pessoas que não conseguiram ser o que vieram para ser acabam tendo algum tipo de problema. Porque a gente traz um propósito, um dom, uma missão e quando a gente não encontra isso, a vida fica mais triste. Tenho muitos pacientes infelizes porque não são o que gostariam de ser, inclusive com casos de tentativa de suicídio”.

A psicopedagoga conta que a própria realização profissional foi fruto de um talento incentivado pelos pais, que não consideraram desperdiçar o dom da menina de nove anos que já se mostrava apaixonada por educação. “Meu pai, que era analfabeto, achava muito bonito, porque eu sabia ler e escrever muito bem, fez uma sala de aula e me deu de presente. Foi através da observação dos meus pais, que viam que eu tinha jeito para ensinar, porque eu tentava ensiná-los. Ele achava muito importante e me incentivou”. Ela orienta para que se evite desperdiçar talentos e conta que foi o que fez com os filhos. “Descubram o que gostam de fazer, o que têm mais habilidade, e procurem também um jeito de ganhar dinheiro com isso, mas levando em consideração o que faz vocês felizes”.

“

A educação formal, tanto na escola quanto na família, pode deixar de contribuir com o desenvolvimento dos talentos inerentes a cada ser”

Mari Lucena